COTRIJORNAL

COTRIJORNAL 20 ANOS

ANO 20 | IJUÍ/JUNHO/1993 | Nº 208

A SALVAÇÃO DA TERRA...
MICROBACIAS
A SALVAÇÃO DO HOMEM.
SOMOS TODOS PARCEIROS

A COMUNIDADE RESPONDE

Seminários marcam uma nova fase no trabalho de microbacias hidrográficas, em que de forma provocativa ou técnica, a comunidade regional intensifica a discussão, uniformiza metodologias e cria suporte para a elaboração de planos municipais

6 e 7

MILHO

As médias alcançadas pelas áreas demonstrativas

As 18 áreas demonstrativas implantadas pela Cotrijuí na região mostraram que o milho responde muito bem a incorporação de tecnologia

11, 12, 13 e 14

Cultura tem grande potencial de produção

ASSISTÊNCIA AGROTÉCNICA

Mais perto do produtor

Cotrijuí organiza seu plano de assistência agrotécnica e coloca a profissionalização como condição indispensável para que o produtor se mantenha dentro do processo produtivo

8

A campanha regional de microbacias hidrográficas, promovida pela Cotrijuí, Emater e prefeituras municipais começa a deslanchar, indicando que tanto o produtor como a comunidade em geral se dão conta da urgência de recuperar a base de sustentação das suas economias. Dois seminários realizados ainda em junho, um de caráter técnico ocorrido em Santo Augusto e outro em Jóia com grande participação de produtores, secretários municipais, representantes de entidades bancárias, professores e estudantes, comprovam o andamento de um programa que entra agora numa fase de grande organização, através de discussões mais abrangentes e paralelamente da elaboração de planos municipais, onde sejam elegidas efetivamente as prioridades de investimentos, levantamentos e dimensionamentos dos projetos de microbacias. Para auxiliar nesta organização, a Cotrijuí em conjunto com a Emater desenvolveu treinamentos para áreas específicas das prefeituras, visando maior eficiência nas práticas mecânicas da lavoura e no trabalho de adequação de estradas e, inclusive, evitando desperdícios dos recursos públicos. Detalhes sobre os seminários e os treinamentos nas páginas 6 e 7

DO LEITOR

Incentivar o campo para melhorar a vida na cidade

Modesto Antônio Dalla Rosa

Como agricultor e conhecedor da realidade do homem do campo, não podia mais continuar assistindo a difícil situação pela qual vem passando o produtor, especialmente o pequeno que, por falta de incentivos de parte do governo federal às suas atividades agropecuárias estão ficando à margem do processo produtivo, de braços cruzados. Muitos destes pequenos agricultores estão deixando suas propriedades e mudando-se para a cidade, aumentando os bairros, na ilusão de uma vida melhor. Só que, na maioria das vezes, acabam marginalizados. Diante desta realidade e aceitando a sugestão de muito amigos, decidi ingressar na vida pública, com o propósito de fazer alguma coisa em benefício do homem do campo.

O município de Ijuí arrecada diretamente da agropecuária 29 por cento de sua receita e investe apenas 1,9 por cento no meio rural. Inconformado com estes números e com esta situação, decidi encaminhar anteprojeto à Câmara Municipal de Vereadores, buscando contemplar melhor a classe rurícula do município, pois sei que a agricultura e a pecuária têm grande expressão, direta e indiretamente, nas riquezas geradas no município. Tenho certeza de que uma agricultura forte pode fazer uma cidade rica, pois um homem vindo do campo custa ao município 14 vezes mais do que se estivesse continuado na sua propriedade, recebendo incentivo e tendo condições dignas para continuar inserido dentro do processo produtivo. É verdade também que se incentivar o produtor, especialmente o pequeno proprietário, o município vai ter um retorno imediato através da produção gerada e, conseqüentemente mais impostos retornarão e mais empregos serão gerados.

A mola mestra do município é o setor primário e, é de conhecimento público que quando não há produção, há escassez de empregos e retração no comércio e na indústria, gerando-se desta forma menos empregos.

Preocupado com esta situação levei para avaliação do Conselho Municipal de Agropecuária e Desenvolvimento Rural, um ante projeto que, após analisado, foi submetido a Câmara de Vereadores, tendo sido aprovado por unanimidade.

Como até então não existia um percentual expressivo para a agropecuária no orçamento do município de Ijuí, conseguimos com a aprovação do anteprojeto, elevar de 1,9 para 5 por cento esse percentual que irá incidir sobre o orçamento global, e que deverá ser usado em forma de um fundo rotativo. Já a partir de 1994, esse percentual fará parte do orçamento do município de Ijuí e deverá ser usado única e exclusivamente no meio rural, com a finalidade de incentivar o fomento e a produção agropecuária, através do financiamento de pequenos e médios

"A mola mestra do município é o setor primário... e quando não há produção, há escassez de empregos e retração no comércio e na indústria"

produtores para correção do solo, aquisição de vacas leiteiras, matrizes de suínos, no uso da inseminação artificial, na assistência veterinária, na telefonia e eletrificação rural, na abertura de poços artesianos, entre outros. O prazo de pagamento do empréstimo será de três anos, sendo que o mesmo será feito pela equivalência em produtos.

A destinação e aplicação desta verba será feita pelo Conselho Municipal de Agropecuária e Desenvolvimento Rural, do qual também faço parte. Este Conselho deverá eleger as prioridades do setor para cada período. Este recurso não será dado de presente ao agricultor. É um empréstimo a ser pago com produto e que poderá livrá-lo dos bancos e da quebradeira. Já vi muito colono vender suas terras para pagar empréstimos e se mudar para a cidade.

Como o governo federal tem feito muito pouco ou quase nada para o setor agropecuário, entendo que cabe ao poder público municipal tomar a iniciativa de melhorar as condições de vida e de produção no meio rural. Ao investir no campo, o poder público está ajudando a pequena propriedade a tornar-se viável.

Entendemos que desta forma não estaremos resolvendo todos os problemas existentes no meio rural. Mas já é um início para uma nova fase de conscientização dos poderes públicos para que no futuro tenhamos maiores volumes de recursos para serem aplicados na atividade primária que, por extensão, vai aumentar a produção, gerar novos empregos e melhorar as condições de vida de quem mora no campo. É ainda uma iniciativa que vem em benefício daqueles que moram na cidade e que de seu desenvolvimento tiram o seu sustento e o seu bem-estar.

Modesto Antônio Dalla Rosa é agricultor e vereador por Ijuí

COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA

Ijuí - Rua das Chácaras, 1513, Cx. Postal 111 - Ijuí/RS - Fone: PABX (055) 332-6400 Telex: 0552199 - Fax: (055) 332-5161 CGC ICM 065/0007700 Inscr. INCRA nº 248/73 CGC MF 90.726.506/0001-75

Porto Alegre - Av. Carlos Gomes, 111 - 10º andar - CEP 90.480-000 - Fone (051) 337-26-44, Fax (051) 341-4466 - Telex 511102 CTXT

Rio Grande - Terminal Graneleiro - 4ª Secção da Barra - Distrito Industrial - CEP 96.204-000 - Fone (0532) 34-1500 - Telex 531120 - Fax (0532) 34.1500

Dom Pedrito - BR-293 - Km 237 - CEP 96450-000 - Fone (0532) 43-10-02 - Telex 532362 CRTS - Fax (0532) 43-14-85

SUBSIDIÁRIAS
- Cotriexport Cia. de Comércio Internacional Av. Carlos Gomes, 111 - 10º andar - CEP 90480-000 - Fone (051) 3372644 - Fax (051) 41-44-66 - Telex 511433 CTXT
- Cotriexport Corretora de Seguros Ltda. Ijuí - Rua das Chácaras, 1513 - Cx. Postal 111 - CEP 98700-000 - Fone (055) 332-3765 - Fax (055) 332-5161
- Cotridata - Processamento de Dados Ltda. Rua José Hickenbick, 66 - Ijuí-RS - CEP 98700-000 - Fone (055) 332-1999 - Telex 553726 CRTS
- Transcooper - Serviços de Transportes Ltda. Avenida Porto Alegre, 668 - CEP 98700-000 - Fone (055) 332-3065 - Telex 552212 TSCO - Fax (055) 332-3949

ADMINISTRAÇÃO
DIRETORIA EXECUTIVA
Presidente
Ruben Ilgenfriz da Silva
Vice-presidente
Euclides Casagrande

Superintendente/Pioneira
Celso Bolivar Sperotto
Superintendente/Dom Pedrito
Abu Souto Bicca

Conselho de Administração (Efetivos)
João Santos da Luz, Irani dos Santos Amaral, Rubens M. Bressan, Jorge Alberto Sperotto, José Rieth de Oliveira, Floriano Breitembach, Valdir Domingos Zardin, Erno Schneider, Juarez Padilha, Florício Barreto e Antônio Carlos Nunes Campos.

Suplentes:
Enor Carniel, Arlindo Valk, Luiz Fernando Löw, Ézio Barzotto, João Pedro Lorenzon, Hédio Weber, Dair Fischer, Leocir Wadas, José Moacir da Conceição e Ari Göergen.

Conselho Fiscal (Efetivos)
Rudy Arno Bönmann, Amaury Antônio Scheer e Nelson Mário Bandeira

Suplentes
Ari Maffi, Milton Luiz Calgaro e João Cesar Picolli

CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM

Regional Pioneira	585.800 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	91.000 t
Total	896.800 t

COTRIJORNAL

Associado da ABERJE

Órgão de circulação ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

REDAÇÃO
Dária C.L. de Brum Lucchese, editora: Carmem Rejane Pereira; Raul Quevedo, Porto Alegre
REVISOR
Sérgio Corrêa

Impressão em Off-Set rotativa Solna, na "A Tribuna Regional", Santo Ângelo/RS.

Adão Acosta e representantes das empresas
Observação das áreas experimentais no CTC

COTRIJUÍ

Parceria na pesquisa de agroquímicos

Unificar as experiências da Cotrijuí e das empresas de agroquímico, transmitindo-as a um maior número de agricultores e técnicos. Esse é um dos principais objetivos de um convênio firmado entre a Cotrijuí e cinco empresas de agroquímicos - a Ciba-Geigy, Basf, ICI, Defensa e Cyanamid, para a realização de experimentos conjuntos no Centro de Treinamento da Cotrijuí. O convênio foi firmado no mês de junho, quando ocorreu o sorteio das parcelas de pesquisa que serão utilizadas por parte de cada uma das empresas no CTC.

O convênio está sendo coordenado pelo supervisor da área de insumos da Cotrijuí, engenheiro agrônomo Adão Acosta, que destaca a importância do acordo - um trabalho que já é feito em outros centros experimentais de pesquisa - pela oportunidade de avaliação das práticas de manejo no uso de insumos agrícolas de forma sistemática, aproveitando para medir a viabilidade técnico-econômica das tecnologias geradas, difundindo-as a uma região que é grande consumidora desses produtos. Em consequência, isto vai proporcionar uma melhoria na produtividade das culturas na área de atuação da Cooperativa e uma utilização mais racional dos agroquímicos por parte dos produtores, que terão oportunidade de acompanhar as práticas a partir de dias de campo.

STR DE IJUÍ

Aniversário com resgate histórico

Recordar as origens da formação, analisando os principais problemas da época e refletindo sobre a sua evolução no presente para projetar o futuro. Este o motivo de uma reunião comemorativa dos 31 anos de atuação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, fundado a três de junho de 1962. A reunião aconteceu no dia 25 de Julho, no auditório do Sindicato dos Comerciários de Ijuí, reunindo ex-presidente, ex-assessores da entidade, e ainda os educadores Argemiro Jacob Brum e Mário Osório Marques que participaram da formação dos núcleos de base que vieram dar origem ao órgão sindical, e que se caracterizavam pela grande participação e organização do agricultor.

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais também aproveitou o mês de junho para inaugurar a sua extensão no município de Coronel Barros, localizada na rua Francisco Casalin em sala cedida pela prefeitura. A solenidade de inauguração ocorreu no dia 21 de junho, contando com a presença do presidente do sindicato, Júlio Gabbi e do secretário Mirko Frantz, do prefeito Olivar Scherer, secretários municipais e associados do sindicato no município.

Reunião comemorativa
Resgatando as origens

curtas

FEIRA DE ANIVERSÁRIO - Dia 24 de julho, acontece a 12ª Feira de Produtos Coloniais de Ijuí em comemoração ao 36º aniversário da Cotrijuí. A Feira inicia às 8 horas, na sedes da Cooperativa, oferecendo uma grande variedade de produtos oriundos da propriedade rural.

COTRIJUÍ

Uma das marcas mais lembradas pelo gaúcho

A Cotrijuí é uma das empresas ou marcas mais lembradas pelos gaúchos. E quem comprova isso é a Segmento Pesquisas e Análise de Mercado Ltda, empresa responsável pela pesquisa "Marcas que o Gaúcho tem na Cabeça" realizada de cinco a 18 de maio e publicada na revista Amanhã, editada pela Plural Comunicações para a Federação das Indústrias do Estado. A pesquisa mostra qual o nome, marca ou produto que está com maior frequência na memória de entrevistados de ambos os sexos, com idade entre 18 e 65 anos e de todas as classes sociais. Junto a outras 14 empresas, a Cotrijuí aparece em 12º lugar, demonstrando a força de uma marca que divide espaço com as campeãs Varig, RBS e Gerdau e que anda a lado da Grendene, Banrisul e Tramontina.

MICROBACIAS

Estratégia em expansão

As perdas de terra por erosão no Brasil, ficam em torno de 600 milhões de toneladas por hectare por ano, ou 300 mil hectares férteis, considerando-se uma camada arável de 15 centímetros. Esse dado alarmante - que na proporcionalidade do Rio Grande do Sul atinge uma perda média de 144 milhões de toneladas por ano - e que norteia a campanha regional "Microbacias Hidrográficas: a salvação da terra... a salvação do homem", passou a ser divulgado com maior ênfase, com todos os seus agravantes, na imprensa nacional especializada ou não.

Um exemplo está na revista Globo Rural, edição de julho, publicada pela Editora Globo, que através de uma ampla reportagem aborda as causas e soluções da erosão, um problema que como vem sendo alertado atinge diretamente a economia do meio rural e repercute seriamente no meio urbano, via aumento do êxodo rural.

A reportagem intitulada "A salvação do solo" aponta os danos da erosão, provocada pelo inadequado preparo e cultivo do solo, desmatamento, monocultura, entre outros fatores, mas também destaca a "pista" trilhada por um número cada vez maior de agricultores: a microbacia hidrográfica e enfatiza a essência desse trabalho pelo manejo do solo de forma conjunta. Se o vizinho não acompanhar, o produtor conservacionista pode perder o esforço. A mesma publicação diz que o Brasil rural está aprendendo a "manter o chão embaixo dos pés, e uma prova disso está no estado do Paraná, onde recuperou-se 2,5 milhões de hectares em 18 anos e onde as médias de produtividade comprovam a importância do trabalho.

Programação do encontro binacional de cooperativas

O encontro Brasil e Argentina por um Cooperativismo Integrado a ser realizado de 27 a 30 de julho no Parque Regional de Feiras e Exposições Assis Brasil, de Ijuí, já tem o programa de palestras confirmado pela Fundação Cultural Dom Manoel Pedro da Cunha Cintra, mantenedora da Universidade Católica de Petrópolis/RJ, que são as duas organizadoras do encontro. A programação inicia dia 27 com a palestra Cooperativismo Brasil x Argentina: um desafio de integração, a cargo do reitor da Unijuí, Walter Frantz, com início previsto para as 18h45min; no dia 28, a palestra Gestão de Cooperativas frente ao novo cenário internacional, pelo economista da Unijuí, Alceu Van Der Sand, às 9 horas; no mesmo dia, Política Aduaneira Brasil x Argentina e Aspectos Técnicos do Comércio Exterior, com a professora da Fundação de Economia e Estatística - FEE, Biky Mooron Macadar, às 16 horas.

No dia 29, a programação inicia com a palestra Integração entre Cooperativas Binacionais e Formas de Organização e Estratégias, a cargo do professor Roque Lauschner, às 9 horas, sendo debatedor nesta conferência o engenheiro agrônomo e diretor técnico da CCGL, Ernesto Krug. No dia 30, a palestra Integração Cultural e Econômica, às 9 horas, encerra os debates, tendo como palestrante o secretário de Assuntos Culturais do Estado, Walter Nique. Além das palestras, o encontro binacional trará uma mostra de bens e serviço das diversas cooperativas que participam do evento, onde o objetivo principal é promover o intercâmbio e ampliar os conhecimentos da realidade cooperativa frente ao Mercosul.

SAFRA DE VERÃO 92/93

Em busca da superação

Superar as médias de produtividade é um desafio colocado pelas reuniões de avaliação de safra ocorridas em toda a região da Cotrijuí

Aumentar a produtividade através de investimentos bem definidos como a correção da fertilidade do solo, o incremento da rotação de culturas e ampliação do plantio direto. Esse em resumo, o desafio colocado por representantes, associados e técnicos da Cotrijuí e até lideranças municipais que participaram das reuniões de avaliação de safra realizadas nos últimos dois meses em todas unidades da Cooperativa. As reuniões discutiram o comportamento geral da safra, não só pelos índices de recebimento, mas pelos fatores que contribuiram para o crescimento da produtividade e pelos pontos que devem ser estimulados para melhorar a performance da produção, arrematando um processo de discussão que começou no ano passado a partir de seminários e reuniões de preparação da safra.

GERENCIAMENTO - "O produtor está cada vez mais consciente que a sua permanência na propriedade depende de uma maior produção por unidade de área, com redução dos custos de produção e maior lucratividade, afirma o supervisor de plantas e lavoura da Cotrijuí, Francisco T. Falcão Pereira, que acompanhou as inúmeras avaliações e traduz esta necessidade por uma postura profissional do produtor e um melhor gerenciamento na propriedade, o que implica em planejar as atividades agropecuárias e priorizar os investimentos.

Para isso, a cooperativa tem atacado pontos fundamentais, lembra o Francisco, incluindo as avaliações de safra em um trabalho de repasse de instrumentos tecnológicos e de condições objetivas, como a assistência agrotécnica e o fornecimento de insumos para correção da fertilidade do solo, levando um número maior de produtores a discutir os estrangulamentos e

Harl Soschinske
Etapa cumprida

potencialidades da propriedade.

"Ficou claro, nessas reuniões, por exemplo, que há uma necessidade de se avançar o trabalho de microbacias hidrográficas, diz Francisco, registrando que um dos fatores mais questionados pelo produtor é a ampliação do programa de correção e da fertilidade do solo e ao mesmo tempo do incremento de rotação de culturas, onde o milho deve ter um aumento considerável de área e também de produtividade, de forma a evitar a expansão de doenças da soja,sustentar o plantio direto, atender a suinocultura e da agroindústria da Cooperativa.

Em razão desses objetivos que mostram uma expectativa de superação das médias de produtividade atuais - soja com mil 940 quilos e milho com três mil e 432 quilos por hectare - o produtor tem que seguir à risca uma recomendação obrigatória. Nunca deixar o solo descoberto no inverno, destinando parte da área para a produção de grãos e forragens e parte com adubos verdes, visando as culturas de verão.

O PRIMEIRO INVESTIMENTO - A mesma conclusão tirada pelo Francisco é dada por alguns dos produtores que participaram das avaliações e que já vêm procurando saídas para melhorar os seus níveis de produtividade e por consequência da própria rentabilidade. Um deles é o seu Hari Soschinske, proprietário de 80 hectares no distrito de Mauá, em Ijuí, um produtor convicto de que o "crescimento da propriedade", aconteceu em função dos investimentos realizados pela correção da fertilidade do solo.

Com exceção da safra da seca em 91, todos os outros anos vem respondendo com médias progressivas, diz este produtor que, além dos grãos, se ocupa com o leite, suínos e de forma mais intensiva com a piscicultura, e já tem toda a terra corrigida - um investimento feito em parte por conta própria e outra parte financiada pela cooperativa e toda ela protegida contra a erosão através dos terraços de base larga em nível. Toda essa determinação lhe garantiu neste ano uma média de 45 hectares de soja e uns 70 sacos de milho por hectare, uma média que ainda não está à altura das suas intenções, mas que dá segurança para brincar "por uns anos e só torcer pelo clima".

A frase tem um fundo de verdade mas é incompleta, como sabe bem o produtor de Mauá, a partir das suas próprias experiências. A próxima etapa é intensificar a rotação de culturas, assegura Soschinske admitindo que o milho na sua propriedade ainda ocupa um espaço muito pequeno, mas que deve aumentar, pois apenas oito hectares foram cultivados com a cultura nesta última safra, servindo para silagem do gado leiteiro e um pouco para para o consumo dos suínos.

MAIS MILHO - O pouco da área que vem sendo rotacionada - cerca de 10 por cento do total - comprova a necessidade apontada pelo produtor e transforma a ampliação da prática de manejo numa meta incondicional para as próximas safras. Nesta área rotacionada, a média da soja fechou em 50 sacas por hectare, justifica, contando que uma área especial de seis hectares, que vem sendo manejada corretamente há mais tempo, a produção pulou de 195 sacos para 350 sacos por hectare.

"Temos que usar toda a tecnologia disponível, não ha outra alternativa", afirma o seu Soschinske, apontando a rotaçao como um fator importante para controlar as doenças da soja e dar o suporte necessário para implantação definitiva do plantio direto, uma prática que ele vem mantendo em banho-maria - apenas cinco hectares - também devido a falta de maquinário.

Esse tipo de preocupação, aliás, é o que mais norteia os investimentos e estimula o produtor a ultrapassar as suas médias de produção, um desafio colocado à região, atingindo os dois mil e 400 quilos por hectare, mas no seu "particular" em pelo menos três mil quilos por hectare. É a única forma de tentar acompanhar a corrida do mercado, destaca o produtor, lembrando da distância do valor entre o produto da lavoura e o industrializado, até porque a indústria investiu muito nesses últimos anos, enquanto a maior parte dos produtores fez o contrário. "Se eu comprava uma colhedeira SLC em 1977, exemplifica com mil e 500 sacos de soja, preço hoje de mais de cinco mil sacos para comprar a mesma máquina, porém mais inovada". Um investimento que jamais vai ser feito por quem continua nos 30 sacos de soja por hectare, sentencia Soschinske dizendo entretanto, que o desafio regional pode não ser atingido em um ou dois anos, mas que a estagnação produtiva não cabe mais na nossa realidade.

De qualquer forma esse produtor que valoriza a informação tecnológica e que participou de todas as discussões da safra, entende que algumas atitudes estão sendo modificadas.

"Há uns anos atrás, quando o vizinho estava na pior, os outros ficavam satisfeitos pela possibilidade de novas terras para comprar, hoje se sente que os resultados negativos de um agrava a situação de todos", exemplifica o produtor, lembrando ainda que uma produção escassa não justifica uma boa estrada e vice-versa. Afinal, pergunta, quando o produtor colhe mal é somente ele que perde? [illegible]

É preciso investir na terra

Clima adequado é meio caminho andado para a safra, mas não é tudo, já aprendeu o produtor Edmilson Bandeira, nos seus apenas 28 anos vividos em função de uma propriedade de 53 hectares administrada junto com o pai Elvio Bandeira, na Linha 23, Ajuricaba. "Clima e preços ajudam mas não dependem da gente", o que o produtor precisa fazer é investir na terra", afirma Edmilson, que conseguiu uma média de 42 sacos de soja por hectare na última safra, uma média razoável, segundo ele, mas que superou em 15 por cento a safra anterior e em oito por cento a média geral do município.

Se Edmilson ainda não atingiu a média de produção esperada, pelo menos já sabe o caminho para conseguí-la. "A gente até relaxa no adubo, mas o calcário é colocado rigorosamente conforme análise de solo, realizada sempre de quatro em quatro anos", conta o produtor, que fez a lavoura com recursos próprios e financia somente a correção. Ele associa o empenho da família pela conservação do solo, também responsável pelo terraceamento em nível na propriedade e pela cobertura total da terra no inverno com aveia, triticale, azevém e um pouco de trigo para a subsistência ao fato de estarem integrados à Microbacia do Arroio Mandaçaia.

PRIVILEGIADO - *Sentindo-se privilegiado pela vizinhança - hoje de 4 dos seus vizinhos, três já sabem que área corrigida se paga em um ano - Edmilson diz que ainda tem pela frente alguns desafios para a propriedade que também está integrada a Apsat de suínos São José, através da qual o produtor deve terminar cerca de 180 leitões por ano. "A parte de rotação de culturas deve ganhar maior atenção a partir deste ano", afirma o produtor que ainda conta com uma área escassa de milho. As doenças da soja, já observadas em áreas não rotacionadas, a idéia de ampliar o plantio direto e mesmo a necessidade alimentar dos suínos estão reforçando os planos do produtor, ciente de que é preciso chegar aos 100 por cento de rotação, com o milho ocupando pelo menos 30 por cento da área.*

Mas para a soja dividir a terra com o milho é preciso colher o cereal com médias superiores aos 60 sacos por hectare, calcula Edmilson, planejando alguns investimentos a partir dos resultados das últimas safras. Deste plano fazem parte a aquisição de uma semeadeira para plantio direto no milho. Aumentar a área sem equipamento apropriado e eficiente não vale a pena, segundo o produtor, que até já discute a possibilidade de aquisição em conjunto com outros produtores. Além disso, o produtor ainda planeja junto com o grupo da Apsat a aquisição de um esparramador de esterco que também viria reforçar a produtividade através da adubação orgânica.

Edmilson Bandeira
Ultrapassando médias

Sem planejamento não se chega a lugar algum, conclui o produtor. Se a estrutura que tenho hoje me permitiu superar a média geral e da propriedade, com os novos investimentos em correção e rotação de culturas nesse ano, esse percentual pode tranquilamente dobrar.

Planejando para colher mais

Produtores que investem decisivamente no solo, superam as médias gerais de produção. Exigentes, estabelecem a rotação de culturas como um dos pontos principais a serem expandidos para assegurar uma produção ainda maior

Uma safra boa, com resultados satisfatórios de produtividade mas que certamente pode ser superada. Essa é a avaliação do produtor Hermes [illegible], proprietário de 80 hectares na [illegible] Coronel Lima, em Jóia, local onde surgiram os primeiros trabalhos de conservação do solo organizados e que foi decisiva para a formatação do projeto de microbacia hidrográfica do Lajeado Grande. Os resultados atuais da lavoura são frutos deste trabalho iniciado em 1987, diz o produtor, contando que "a partir dali a produtividade da soja que vinha estabilizada em 30 sacos por hectare começou a aumentar chegando nos últimos anos a alcançar os 50 sacos por hectare".

Com as antigas voçorocas todas [illegible] e contando com metade da área da lavoura terraceada com base larga em nível, seu Hermes Coró aponta ainda como pontos importantes para os resultados das últimas safras, o fato de ter toda a área com a fertilidade corrigida, e ainda "segundo análise de solo feita a cada dois anos", salienta. Para dar uma idéia melhor deste investimento, diz que a maior parte da sua terra só tem registrado uma necessidade de 1,7 toneladas de calcário por hectare, e uma área menor cultivada em plantio direto há mais de cinco anos, "nem calcário precisa, nem recebe complementação de adubo".

Essas condições são fundamentais para avaliar o desempenho da safra, tanto a nível geral como no seu caso, analisa o produtor. Ele acha, por exemplo, que poderia ter colhido bem mais do que os seus 50 sacos", mas se for pesada a estiagem de janeiro até que o resultado não é tão ruim", pondera, comparando ainda o seu resultado com a média geral do município que ganha em pelo menos 15 por cento deste último. Em números mais exatos, esse resultado lhe valeu uma sobra líquida de 50 por cento, já que a lavoura foi feita toda por conta, incluindo aí desde a semente, adubo até o inoculante".

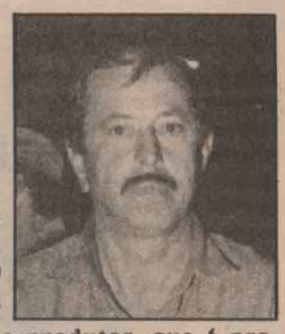
AUMENTAR A ROTAÇÃO - Jóias dá muito bem para passar disso, prevê o produtor programando um aumento da área rotacionada que "ainda não está sendo feita como manda o figurino", passando no próximo ano a cultivar pelo menos 12 hectares de milho, os quais, além de proteger a soja contra algumas doenças vão atender a necessidade dos leitões repassados pela Apsat Jóia I, da qual o produtor é presidente. Acima de tudo, a rotação deve atender as exigências do plantio direto, uma prática adotada de forma irreversível pelo seu Hermes Coró.

Aprimorado há um bom tempo pelo produtor, o sistema conta até com uma semeadeira MP-1600 da Imasa adquirida há três anos. "Eu vi que a solução era o direto e quando acho que vale a pena investir não tenho pena do dinheiro", afirma Hermes Coró. Além do mais, o custo da máquina já foi pago nos últimos três anos com a própria economia proporcionada pelo plantio direto, diz ele, contrariando os argumentos que alegam um custo mais alto devido ao uso de dessecantes, "pois com a redução do preparo do solo a gente no mínimo empata nos custos".

Pretendendo fechar a próxima safra de verão com 50 por cento cultivada em plantio direto, seu Hermes Coró está com todo o solo coberto neste inverno, sendo 20 hectares ocupados pela aveia que posteriormente será dessecada e depois semeada com milho. Outros 25 hectares são cultivados com trigo, oito hectares com triticale e o restante coberto com azevém natural. "Tudo feito por conta", comenta o produtor que ainda vai complementar o terraceamento na propriedade neste ano.

Não medir esforços para corrigir a terra e procurar plantar sempre dentro da técnica é uma postura adotada pelo produtor de Jóia que estende a proposta a outros produtores e procura ficar a par de toda orientação através das reuniões da cooperativa. "Até quando não sou convidado eu vou", diz Coró mostrando um interesse que lhe compensa uma das melhores médias do município, além dos 55 sacos de soja colhidos na área de plantio direto.

PRODUTOR EXIGENTE - O seu Aquiles Durlo, de Santo Augusto, é um produtor tão exigente quanto o seu Hermes Coró e por isso investe o que for preciso na propriedade, dentro das suas possibilidades. Satisfeito até certo ponto com os resultados obtidos na última safra feita toda com recursos próprios - financiamento para a correção da fertilidade de



Hermes Coró Dá para passar dos 50 sacos na soja

50 hectares - o produtor, que é proprietário de 168 hectares, ocupados ainda na maioria pela soja, diz que a sua meta praticamente foi alcançada". Ele colheu 48 sacos de soja por hectare e 90 sacos de milho por hectare, uma média regular, como ele próprio avalia, mas conseguida através da correção e manejo do solo. "O resultado do milho é consequência da terra fraca", complementa.

"Ainda não consegui dar a volta por cima", afirma Durlo analisando a propriedade que foi adquirida por ele em 90 e que ainda não chegou a ser totalmente quitada por causa da frustração da safra de verão em 91. Apesar da quebra e do rolamento da dívida, o produtor não deixou de investir no setor que considera prioritário, fazendo com que 100 hectares estejam corrigidos conforme análise de solo e toda área terraceada com base larga em nível.

Sem ter os resultados todos contabilizados, Durlo tem como certa a

Aquiles Durlo Meta é corrigir toda área

continuidade dos investimentos em correção do solo. "A minha meta é fechar a correção e toda a área, salienta o produtor, que também não dispensa o planejamento durante o inverno. Nesta estação, a terra do seu Durlo está toda coberta de ervilhaca, colza e boa parte com o trigo, uma cultura que ele espera repetir a mesma produtividade do ano passado - 66 sacos por hectare - ou aumentar, estima Durlo, que teve a sua aposta no cereal reforçada pela instalação de uma área demonstrativa da Embrapa. "Temos que aproveitar a tecnologia, o preço pode não compensar, mas o solo não pode ficar descoberto", justifica.

Plantio direto também é uma meta na propriedade de Durlo, embora não a curto prazo. O sistema tem que vir em consequência de uma melhor estrutura. "Temos que ter correção bem feita, maior área rotacionada e um bom nível de matéria orgânica", afirma o produtor acrescentando ainda a necessidade de uma sobra de pelo menos dois mil sacos de soja para uma semeadeira de plantio direto, um investimento a ser feito quando sobrar mais dinheiro. "Tem que se folgar para depois gastar", diz o produtor definindo a sua estratégia.

LOJAS COTRIJUÍ

PRODUTOR!

Nas Lojas Cotrijuí você encontra tudo para a sua propriedade: peças, ferragens, produtos veterinários, telhas de zinco, motores, motobombas, ordenhadeiras, arames, sementes de hortaliças e forrageiras, lonas e óleos, correias, entre outros.

As Lojas Cotrijuí oferecem ainda todos os produtos que levam a marca Cotrijuí, como rações e concentrados, embutidos Tchê, óleo Mucama, erva-mate Kayu, farinhas e cereais Cooper.

Lojas Cotrijuí, uma combinação de bom atendimento, produtos de qualidade e preços acessíveis.

COTRIJUÍ

A SALVAÇÃO DA TERRA...
MICROBACIAS
A SALVAÇÃO DO HOMEM.
SOMOS TODOS PARCEIROS

Treinamento conjunto na região

Seminário regional em Santo Augusto aprofunda a discussão em microbacia e marca a edição de treinamentos conjuntos com as prefeituras

A problemática da situação agrícola - constatada de forma objetiva pelas baixas produtividades e pelo progressivo êxodo rural - e a proposta de microbacia como forma de encaminhar ações que promovam esse meio e no mínimo contenham a migração rural foram os assuntos de duas palestras realizadas no seminário regional de microbacias hidrográficas, ocorrido no dia 23 de junho em Santo Augusto. O seminário foi uma promoção conjunta da Emater, Cotrijuí e Prefeitura Municipal servindo para esclarecer algumas dúvidas sobre o trabalho e para uniformizar as tarefas mais práticas do programa regional. Estiveram presentes ao encontro os secretários da agricultura municipais, técnicos da Emater e da Cotrijuí e os prefeitos Alvorindo Polo, de Santo Augusto, Luis Menegol, de Augusto Pestana e Olivar Scherer, de Coronel Barros.

Cultivo intensivo, desmatamento, deficiência no uso de defensivos e fertilizantes, emprego excessivo de agrotóxicos e ausência das práticas de manejo são alguns dos principais fatores que provocam a degradação do solo, destacou o coordenador da área de solos e reflorestamento da Emater de Porto Alegre, Ricardo Schwartz. Ele lembrou que este conjunto de fatores tem levado o Estado a uma perda de 144 milhões de toneladas de solo por ano dentro de uma área agricultável de seis milhões de hectares.

A perda de solo até já foi maior, considerou Ricardo, salientando o aumento da conscientização conservacionista, e por extensão do trabalho de microbacias. Segundo o agrônomo, existem hoje 155 municípios gaúchos envolvidos com o setor, através de 315 projetos que atingem mais de 12 mil famílias rurais em uma área de 294 mil hectares. O volume de recursos solicitado ao governo estadual também é uma amostra da abrangência do trabalho, pois somente neste ano foram pleiteados cerca de cinco bilhões e 500 milhões de cruzeiros.

TRABALHO COLETIVO - O avanço da organização do meio rural por meio de projetos em microbacias, entretanto, depende da definição de uma estratégia, alertou o agrônomo, abrindo um ponto de discussão no encontro, em que se procurou quebrar a idéia da microbacia como um conjunto de práticas mecânicas somente.

Microbacia é uma unidade de planejamento agropecuário conservacionista que envolve, fundamentalmente, todas as famílias existentes em uma microrreglão formada em torno de um curso de água, e onde são desenvolvidos todos os tipos de ações que concorrem para a melhoria da qualidade de vida dos seus habitantes. Também não é um trabalho finito, enfatizou o agrônomo, lembrando que essas ações - práticas de conservação e recuperação do solo, manejo, estrutura habitacional, educacional e associativismo, entre outras - somente se concretizam com recursos humanos, materiais e financeiros, o que transforma o projeto em uma responsabilidade de toda a sociedade.

O engenheiro agrônomo Antônio Conte, da Emater de Três de Maio, reforçou os princípios do trabalho de microbacia colocados por Ricardo Schwartz, acrescentando que ela "é uma forma de começar a discutir os problemas da propriedade e de organizar as soluções de maneira conjunta". Segundo Conte, esse trabalho se efetiva a partir do comprometimento de pessoas e entidades que tenham os mesmos objetivos.

Debate
Técnicos e prefeitos presentes

Foi justamente esse compromisso que levou o município de Marau a ser reconhecido em todo o Estado, confirmou o engenheiro agrônomo João Coimbra, da Emater de Passo Fundo, que acompanhou a evolução do projeto de microbacias, iniciado em 1987 naquele município. Partindo do princípio de que microbacia não é só terraceamento, Marau passou a administrar o meio rural adotando todas as práticas de manejo do solo, conservação de estradas e de organização da propriedade. Três anos depois, 600 famílias já exploravam suas propriedades com outros níveis de produtividade, muitas vezes superior em até 300 por cento das médias anteriores. Para chegar até esses resultados foi preciso muito esforço, principalmente do produtor, técnicos e da prefeitura, disse Coimbra, lembrando os poucos recursos que vieram de fora.

AÇÕES COMPLEMENTADAS - A discussão sobre a abrangência do trabalho em microbacias foi amarrada pelo supervisor da área de solos da Cotrijuí, Rivaldo Dhein. Ele ampliou o debate mostrando que os benefícios trazidos pela microbacia devem ser buscados com a complementaridade de ações. Os objetivos conservacionistas do trabalho, que é reter ao máximo as perdas de solo e de água, é obtido com a manutenção dos terraços de retenção - base larga em nível - mesmo em solos cultivados com plantio direto. Para comprovar a argumentação, apresentou resultados da pesquisa desenvolvida no Centro de Treinamento da Cotrijuí, de 78 a 88, que revelou que mesmo em áreas de solo cultivado em plantio direto, mas sem terraços de contenção, as perdas de água continuam elevadas durante o período de chuvas erosivas que se estende de outubro a dezembro.

A preocupação com o maior nível de armazenagem da água na lavoura está associada com a necessidade de conservação das estradas, disse o pesquisador, mostrando um resumo dos custos de manutenção das vias que escoam a produção diversificada do meio rural. Um estudo realizado pela Emater, no Paraná, registra que o custo de manutenção de um quilômetro de estrada adequada - nivelada com a lavoura e com captadores que permitem a entrada da água da estrada para a lavoura - e encascalhada distribuindo o custo de adequação e de encascalhamento em oito anos, é de 747 dólares por ano. O mesmo custo para uma estrada não adequada e não encascalhada é de 714 dólares. A economia é ainda mais notória quando se compara o segundo custo com o trecho de uma estrada adequada e não encascalhada, que é de 395 dólares por ano.

Ricardo Schwartz
Definindo o trabalho coletivo

Antônio Conte
Comprometimento

OBSERVAÇÃO - Após as palestras, os participantes do seminário visitaram os projetos de microbacia de São Valentim e de São Jacó, este, o projeto pioneiro onde já estão terraceados mais 450 hectares. Depois da visita, foram debatidos alguns pontos do trabalho e confirmados dois treinamentos específicos para técnicos do setor de agricultura e de obras das prefeituras da região.

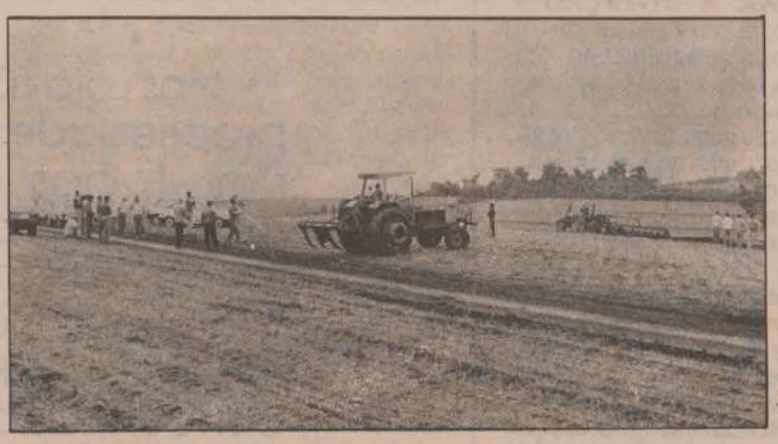
Curso sobre terraceamento

Aproveitando a parceria mantida com a Emater, a Cotrijuí está desenvolvendo junto com a entidade de extensão rural, treinamentos específicos sobre demarcação e construção dos terraços de contenção de água e práticas de conservação de estradas, destinados a técnicos do setor de agricultura e de obras das prefeituras da região que participam da campanha regional de microbacias hidrográficas.

O primeiro treinamento ocorreu no dia 1º de julho, em Santo Augusto e foi orientado pelo engenheiro agrônomo da Regional da Emater de Santa Rosa, Aldo Schmidt. Dividido em uma parte teórica e outra prática, o treinamento iniciou com instruções sobre o uso e manejo do nível topográfico.

A parte prática do treinamento foi desenvolvida na propriedade dos Irmãos Moresco, a qual está integrada à microbacia hidrográfica de São Valentim. Ali os técnicos da agropecuária municipal observaram as práticas de demarcação de terraços de base larga em nível, com captação de água da estrada, através de várias opções.

Alguns dos terraços foram construídos com arados de discos comuns, o que demonstra que qualquer arado pode fazer o serviço, exigindo, entretanto, um pouco mais de trabalho. A segunda demonstração foi feita com grade terraceadora de 18 discos, específica para o trabalho de terraceamento. Mas, além desses dois exemplos, também foi mostrado como se constrói um murundum, que, apesar de não ter sido recomendado na região, até agora, pode ser utilizado em situações específicas, que não aceitam o terraço de base larga em nível, como as áreas muito pedregosas ou muito inclinadas em que o produtor não tem condições de perenizá-las.



Ensinando a fazer terraços

Após demonstrações práticas, os técnicos voltaram a debater o assunto e confirmaram uma segunda data de treinamento, desta vez, para o pessoal das secretarias de obras das prefeituras, abrangendo as técnicas de adequações de estradas. O treinamento deve ocorrer no dia 20 de julho, em Santo Augusto, caso o clima permaneça seco pelo menos 10 dias antes do evento.

JÓIA

Ampliando a participação comunitária

Um grande público participou do 1º Seminário de Microbacia Hidrográfica realizado em Jóia. O encontro também serviu para apresentação oficial do projeto piloto de microbacia hidrográfica do Lajeado Grande

Batista Tonelli, na abertura
Apoio ao trabalho de microbacias

Microbacia é uma questão de mentalidade. É um trabalho que exige antes de tudo vontade das pessoas em terminar com a erosão, alcançar melhores níveis de produtividade e por conseqüência aumentar a rentabilidade agrícola. A afirmação é do engenheiro agrônomo Amando Dalla Rosa, diretor técnico da Cooperativa Tritícola de Santa Rosa, que fez a palestra de abertura no 1º Seminário de Microbacias Hidrográficas, realizado em Jóia, no dia 24 de junho, com o objetivo de trazer maiores subsídios ao produtor e à comunidade em geral, e estimular o trabalho que deu seus primeiros passos, ainda em 1987, e que ganhou mais força agora com o lançamento da campanha regional de Microbacias.

Promovido em conjunto pela Emater, Cotrijuí e Prefeitura Municipal, o Seminário de Microbacia Hidrográfica contou com a presença do vice-prefeito Batista Otonelli e do vice-presidente da Cotrijuí, Euclides Casagrande, Otonelli,já na abertura manifestou o apoio do município ao trabalho, lembrando da grande economia que representa para os cofres públicos. Euclides Casagrande salientou a grande aceitação do trabalho em parceria que exige compreensão e maior consciência sobre o uso de tecnologias adequadas. Também prestigiaram o seminário, o presidente da Câmara de Vereadores, Paulo Abreu, o supervisor da área de solos da Cotrijuí, Rivaldo Dhein, o gerente da Unidade de Jóia, Antônio Flores, secretários e representantes de entidades bancárias. Um público receptivo formado por produtores, professores e estudantes lotou a Afucotri formando uma platéia de aproximadamente 200 pessoas.

Interesse
Produtores, professores e estudantes no evento

DESAFIO DE MUDAR - "A microbacia tem começo mas não tem fim", disse ainda Amando Dalla Rosa, definindo um trabalho que requer a união de produtores, técnicos e poder público municipal, e a adoção de uma série de práticas de manejo do solo, adequação de estradas e de melhoria das condições de abastecimento do meio rural, como um "eterno desafio para se fazer sempre o melhor".

Amando Dalla Rosa

A estratégia de aplicação desse trabalho de microbacias foi apresentada pelo segundo palestrante do encontro, o engenheiro agrônomo Ademar Streck, da Emater de Santo Ângelo, que depois de conceituar e mostrar visualmente a estrutura de uma microbacia hidrográfica, chamou atenção para a metodologia de trabalho empregada. A comunidade tem que estar unida, enquanto a coordenação técnica deve priorizar tarefas e projetos no município, afirmou Streck explicando que dessa forma, a avaliação dos resultados pode ser melhor observado e servir de exemplo e motivação para comunidades vizinhas ou não.

Ademar Streck

No trabalho interno das propriedades, Streck também lembrou o fator de integração - práticas de manejo do solo, terraceamento, e aproveitamento dos recursos naturais - já que a organização do meio rural através das microbacias prevê benefícios econômicos e sociais, disse. Salientou que a microbacia representa na verdade, "o processo de desenvolvimento de toda a comunidade para tentar reverter o processo de degradação do solo e do meio ambiente".

Planejamento, portanto, é uma palavra chave, tanto para a comunidade em geral como para a propriedade, considerou ainda o agrônomo, para quem o manejo do solo, através de terraços de base larga em nível e uniformes, a rotação de culturas, a cobertura vegetal e adubação verde, o plantio direto, é o passo mais importante. Se levarmos em conta que o solo argiloso leva em média 300 anos para formar um centímetro de solo e que a erosão é responsável pela perda de 20 a 30 toneladas por hectare/ano, é preciso racionalizar o uso da terra de acordo com o tipo de clima, de solo e de topografia, a fim de proteger esse mesmo solo com eficiência e armazenar maior quantidade possível de água.

PROJETO PILOTO - Aproveitando o momento de debate sobre o trabalho de microbacias hidrográficas, a equipe de técnicos que coordena o setor no município, apresentou oficialmente o projeto piloto de Jóia que deve concentrar a partir de agora os esforços e recursos municipais. Documentado, o projeto de microbacia do Lajeado Grande foi escolhido como piloto devido ao "pioneirismo do grupo de produtores da Esquina Coronel Lima em trabalhar de forma coletiva e que veio servir como exemplo para outras comunidades", justificaram os engenheiros agrônomos Francisco Gonçalo, da Cotrijuí e Eugênio Tamiozzo, da Emater.

Abrangendo três mil 765 hectares, a microbacia do Lajeado Grande engloba 96 propriedades com uma média de 32 hectares. Todas essas propriedades passaram por um levantamento minucioso em relação à sua exploração agrícola, tipo de solo, relevo, grau de erosão, caracterização do manejo de solo, observando níveis, adubação verde, orgânica e química, correção do solo, rotação de culturas, terraceamento, descompactação e recuperação de estradas, além dos níveis de associativismo e das condições de saúde e educação.

O levantamento foi determinante para a elaboração do plano de ação da microbacia, conforme relataram os agrônomos, ao entregarem o documento a várias das autoridades presentes. Essas ações integram um cronograma de quatro anos e abrangem aspectos organizacionais, como o fortalecimento da participação comunitária, levantamento de recursos, e as tarefas práticas de fechamento de vossorocas, correção da acidez do solo, ampliação do viveiro, construção de açudes, aumento da área de rotação de culturas, plantio direto e adequação de estradas, entre tantos outros. Os serviços e maquinários necessários também são contabilizados neste documento, totalizando uma previsão de recursos para a microbacia durante esses quatro anos, ao redor de 500 mil dólares.

Oficialização do projeto
Francisco Gonçalo entregou ao vice-prefeito

IJUÍ

Microbacia pioneira retoma o trabalho

Em Ijuí o andamento do trabalho de conservação do solo em microbacias hidrográficas passou a ter uma orientação mais planejada. No dia 25 de junho, uma reunião com aproximadamente 50 pessoas, entre produtores, técnicos da Emater e da Cotrijuí e mais a coordenação agropecuária do município, marcou a retomada dos trabalhos da microbacia do Arroio Três Negrinhos. Iniciada em 1986, esta microbacia é pioneira em Ijuí e já está com a estrada principal que dá acesso ao Centro de Treinamento da Cotrijuí sendo reparada. No dia 29 do mesmo mês, a discussão se estendeu para a Linha 3 Oeste, que é um dos ramais da estrada principal e parte da microbacia, devendo completar o trabalho iniciado na Esquina Dutra. Segundo o supervisor da área de solos da Cotrijuí, Rivaldo Dhein, no dia 29 de julho, a comunidade volta a se reunir para avançar na discussão geral dos trabalhos e das práticas conservacionistas adotadas na microbacia.

Reunião na Linha 3 Oeste

ASSISTÊNCIA AGROTÉCNICA

Um novo plano

O novo programa de assistência agrotécnica da Cotrijuí quer colocar o técnico mais perto do produtor, promover a sua profissionalização, a incorporação de tecnologias e a eficiência da propriedade

A profissionalização do produtor é hoje condição indispensável para que o mesmo permaneça na terra como um participante ativo do processo produtivo. Essa profissionalização vai depender da vontade do produtor e do acesso aos meios necessários para que possa crescer dentro da sua propriedade. Nesse processo de crescimento do produtor, a assistência técnica tem um papel relevante, pois é instrumento difusor da tecnologia tão necessária à capacitação do produtor e à verticalização da sua produção.

A constatação de que hoje é impossível sobreviver na propriedade sem eficiência e sem a tecnologia necessária para promover o crescimento vertical das atividades, fez com que a Cotrijuí promovesse uma discussão em torno do tipo de assistência técnica que vinha oferecendo aos seus associados. A discussão desceu até as bases, através do Conselho de Representantes e resultou numa nova proposta de assistência técnica. "Está muito claro que o momento é outro e não existem mais espaços para qualquer tipo de assistencialismo", observa o gerente de Produção Animal, Otaliz de Vargas Montardo, ocupando interinamente o cargo de diretor da Divisão Agrotécnica da Cotrijuí.

O novo Plano de Assistência Agrotécnica que já começa a ser implantado na região, está propondo modificações no atual sistema de transferência de tecnologia, "visando ajustar as ações da equipe agrotécnica à crescente demanda de serviços necessários ao desenvolvimento dos programas de produção em execução", justifica Otaliz. A idéia central é maximizar o uso do potencial técnico disponível, comprometendo-o com as ações de fomento e comercialização que vêm sendo tocadas pela Cotrijuí, "sem, no entanto, se afastar da proposta de melhorar a eficiência do processo produtivo a nível de propriedade", deixa bem claro o diretor interino da Divisão Agrotécnica.

NOVO MOMENTO - A necessidade de reorganizar a assistência agrotécnica na Cotrijuí é resultado de um novo momento, bem distante do crédito barato e abundante e da época da expansão horizontal. O produtor tem muito claro que hoje ficou difícil de sobreviver na propriedade com uma média de 30 sacos de soja por hectare, "como acontecia até alguns anos atrás, quando a relação custo/benefício não se fazia presente nas contas e muito menos se falava em incorporação de novas tecnologias à propriedade como forma de elevar a produção.

Todas estas facilidades resultaram em produtividade estagnada para baixo, "situação que hoje torna-se totalmente incompatível com os custos de produção", na falta de um programa de produção para a região, no enfranquecimento do solo pela falta de um manejo adequado e correto e em constantes frustrações na lavoura. O empobrecimento da propriedade ficou visível e a constatação é a de que, qualquer virada passa, indiscutivelmente pela profissionalização do produtor. Evidentemente, destaca o Otaliz, que muita coisa mudou neste meio tempo. O produtor está mais receptivo à incorporação de tecnologia e portanto, mais exigente e a cooperativa, que também busca a verticalização de suas ações, tem agora uma proposta clara e objetiva para os próximos 10 anos e que parte da base: o solo.

COLETIVA - A Cotrijuí vinha trabalhando com muita ênfase, nestes últimos anos, em cima da assistência técnica coletiva ou grupal - que vinha se dando - através de dias de campo, demonstrações de resultados, cursos e palestras técnicas. Embora tenha alcançado pouco mais de 65 por cento do quadro social da cooperativa, a assistência técnica coletiva, numa avaliação crítica feita pelo diretor interino da Divisão Agrotécnica, tem um grande valor e só precisa de alguns ajustes. "A prática nos mostrou que a assistência técnica coletiva não substitui a assistência técnica individual, aquela feita na propriedade", observa, sem deixar de registrar os excelentes resultados alcançados especialmente com os dias de campo e as áreas demonstrativas. Através destes eventos, os produtores puderam comprovar o potencial de crescimento vertical da produção alcançado nas condições da propriedade. É o caso do milho que, nas áreas demonstrativas implantadas em algumas propriedades da região, atingiu, em média, 6.200 quilos por hectare. "Esse foi o grande lucro que tivemos com a assistência técnica coletiva", reconhece Otaliz tentando chamar a atenção do produtor para a questão da produtividade. Os resultados destas áreas, - no leite eles também são significativos - nos mostram que uma propriedade, mesmo pequena, quando bem assistida, vai para a frente".

Dentro do novo Plano de Assistência Agrotécnica, a Cotrijuí está se propondo a melhorar a assistência técnica coletiva, procurando ajustar o trabalho com a equipe técnica existente. Ela estará aberta a todos os produtores, segundo os seus interesses. Ao propor que o técnico cuide dos vários programas existentes na propriedade, a Cotrijuí está buscando maximizar o potencial técnico disponível. O município deverá ser dividido em regiões, ficando a equipe técnica redimensionada de acordo com a demanda dos programas de produção, "sempre procurando atender a todos os associados".

O atendimento clínico veterinário aos rebanhos de bovinos leiteiros e suínos, até então terceirizados, voltam a integrar as ações da assistência técnicas da Cotrijuí. A política de pesquisa do CTC deverá se aproximar ainda mais das necessidades mais imediatas dos programas dos produtores associados. Como última proposta, estabelecer um plano de assistência técnica aos produtores de baixa escala de produção. "Este é um trabalho multinstitucional, pois deverá integrar ações com outras instituições como prefeituras municipais, Emater, sindicatos e universidades.

INDIVIDUAL - Para o desenvolvimento da assistência agrotécnica individual a nível de propriedade, será designado um extensionista responsável pela assessoria técnica de todos os programas desenvolvidos na propriedade. "Isto não significa, no entanto, que este extensionista vá atuar diretamente em todos os programas. Mas é de sua responsabilidade a assessoria - que pode ser buscada com especialistas - para os mesmos, esclarece.

O trabalho do extensionista a nível de propriedade poderá ocorrer através de visitas eventuais ou periódicas. As visitas eventuais farão parte do roteiro normal do técnico e, segundo a proposta, em determinado período, ele deverá ter visitado todos os produtores da sua região. É um trabalho sem periodicidade definida, mas tem um caráter social, técnico e econômico muito importante. Ao entrar na propriedade, ele não só estará levando informações técnicas e de mercado, como ainda levantando dados que poderão servir de apoio para as ações a serem tomadas pela cooperativa na área de produtos agropecuários e de insumos.

Aos produtores que fizerem Plano de Produção na Propriedade, "um importante instrumento desencadeador da assistência agrotécnica programada", este extensionista fará visitas periódicas. Esse Plano de Produção na Propriedade também vai servir para que o Departamento Agrotécnico possa fazer uma avaliação da situação atual das atividades desenvolvidas na propriedade e usá-la como instrumento básico para o planejamento do uso do solo, da produção agropecuária, das ações da assistência técnica e ainda de sinalizações dos avanços tecnológicos da propriedade, bem como da eficiência da própria assistência técnica. As áreas de comercialização dos produtos agropecuários e de insumos terão neste plano um referencial para programar suas ações. "Uma propriedade bem planejada vai possibilitar que a Cotrijuí também programe de forma antecipada e para os momentos mais adequados, as suas compras de insumos, sempre levando em consideração as necessidades dos produtores", assinala.

Mas o Plano de Assistência Agrotécnico da Cotrijuí não é definitivo, "ficando aberto a novas sugestões", como deixa claro Otaliz. Ele é apenas uma proposta que tem como objetivo central buscar a profissionalização do produtor e elevá-lo a condição de atingir novos níveis de produtividade e produção para poder abater os elevados custos de produção. Vão continuar recebendo assistência agrotécnica individual aqueles produtores que fazem parte dos programas Cooperados de Suínos e de Piscicultura, as propriedades com Áreas Demonstrativas, as lavouras com projetos técnicos da Cotrijuí, os produtores de sementes e os produtores de citros.

CLÍNICA VETERINÁRIA

Atendimento programado

O atendimento clínico veterinário aos rebanhos bovinos e suínos merece um capítulo à parte dentro do novo Plano de Assistência Agrotécnica da Cotrijuí. Primeiro, porque toda a chamada para atendimento na propriedade deverá ser pago e segundo, porque depois de um breve período de terceirização, esse tipo de serviço volta a ser reintegrado às ações da Cotrijuí.

Além dos atendimentos clínicos veterinários passarem a ser pagos pelo produtor, ele volta de forma programada, "pois entendemos não existirem mais razões para a cooperativa manter um clínico de plantão, à espera de um a chamada que pode não ocorrer", esclarece o Otaliz de Vargas Montardo. Para corrigir o vício do produtor chamar o médico veterinário a qualquer hora, a Cotrijuí está propondo um trabalho programado, tanto por parte do produtor como do profissional.

URGÊNCIA - Como o atendimento clínico de urgência não chega a 5 por cento das chamadas feitas pelos produtores, o novo Plano de Assistência Agrotécnica está estabelecendo uma tabela de preços válida para as chamadas a nível de propriedade que forem feitas até o final da tarde para atendimento no dia seguinte ou então até às 9,00 horas da manhã, para atendimento no mesmo dia. O produtor que solicitar o médico veterinário fora desse horário estabelecido, pagará sobre o serviço prestado, um acréscimo de 50 por cento, porque está fora da programação. "Não estamos querendo penalizar ninguém, mas apenas programar o deslocamento do médico veterinário", deixa claro o Otaliz lembrando que não haverá mais a figura do clínico exclusivo dentro da cooperativa. Quando não estiver fazendo clínica veterinária, esse profissional deverá estar fazendo o trabalho de extensão em outras propriedades. Isto significa que o produtor terá que programar as suas chamadas, pois, a partir das 9,00 horas da manhã, ele poderá não encontrar mais o veterinário na cooperativa. O atendimento clínico programado, possibilitará que o veterinário atenda a um número maior de produtores.

COTRIJUÍ/DOM PEDRITO

Abates suspensos

A intenção é repassar essa atividade para a Cooperativa Alegretense, em convênio operacional

"Esperamos que a paralisação dos abates seja temporária e que possamos retornar a operar o frigorífico já no início da safra de verão, normalizando uma situação de fato que a cooperativa adotou para evitar que prejuízos acumulados com a carne pudessem comprometer a vida futura da Unidade, em Dom Pedrito". O esclarecimento é do superintendente Abu Souto Bicca, que prevê para o mês de outubro o reinício dos abates no município.

A solução, no momento, esclareceu o seu Abu, foi conveniar com a Cooperativa Alegretense, para repassar o gado de nossos associados para serem abatidos naquela planta industrial. Aliás, uma das mais modernas do Brasil, senão de toda a América do Sul. "Com essa medida, pensamos ter minimizado os problemas que seriam enfrentados por nossos pecuaristas, cujos gados se encontram em fase de abate".

Historiando as razões que levaram a direção da Cotrijuí tomar tal decisão, atribuiu a vários fatores que têm dificultado a economia do boi nos últimos anos. Um desses problemas refere-se à inconstância da oferta da matéria-prima, notadamente nos meses de entresafra, o que aumenta os custos operacionais fixos, gerando o descontrole e provocando prejuízos quase sempre irrecuperáveis.

BOI É PROBLEMA - Para o superintendente da Cotrijuí em Dom Pedrito, falar sobre a economia do boi é abordar um tema de muito difícil solução, principalmente numa conjuntura de recessão crônica como a que vivenciamos no país, nos últimos anos. Para piorar, somam-se altas taxas de juros, impostos elevados, concorrência desleal, agravada pelos abatedouros clandestinos que concorrem com todas as vantagens, sem custos adicionais, e preços de mercado controlados por uma política que não condiz com a realidade da pecuária, que tende se manter emperrada.

O somatório desses problemas, agravados pela planta industrial de nosso frigorífico e do próprio equipamento da indústria, que necessita de melhoramentos, impossibilitam competitividade no já difícil mercado da carne.

INGLESES SAÍRAM CEDO - O seu Abu costuma dizer que se fosse bom e seguro o negócio do frigorífico, os ingleses não teriam-no abandonado. Eles tiveram a visão e perspicácia de saírem fora, antes de comprometerem suas próprias economias. Logo eles, que foram os fundadores de nossos frigoríficos e mandaram no mercado mundial da carne, por dezenas de anos.

E pode-se dizer, com toda segurança, que a economia pecuária é nos dias de hoje muito mais instável do que quando os ingleses ainda estavam aqui. E a tendência é de piora, caso o governo não adote medidas saneadoras do mercado, impedindo abates clandestinos e permitindo a cotação da carne com valorização real de alimento nobre, conforme é considerada nos países desenvolvidos, alertou o seu Abu Souto Bicca.

ÚLTIMO ABATE - Com o abate de 170 reses, ocorrido no dia 16 de junho, o frigorífico da Cotrijuí em Dom Pedrito encerrou atividades no município, e passou a manter tratativas com a Cooperativa Alegretense para industrializar o gado dos associados naquele frigorífico.

Bovinos
Com a paralização do frigorífico, os animais estão sendo abatidos pela Cooperativa Alegretense

ARROZ

Novas barragens

O agrônomo Eloy João Cordero, do Irga, faz levantamentc das potencialidades do município e lembra o Plano Bourcheid. Arroz pode quintuplicar de área

Estudioso da economia local e defensor da construção de mais barragens no município, o agrônomo Eloy João Cordero, responsável pelo escritório do Instituto Rio-Grandense do Arroz em Dom Pedrito, apresentou uma radiografia da atualidade econômica municipal.

O arroz e a pecuária são os esteios econômicos do município, responsabilizando-se por cerca de 80 por cento do PIB. Mas a produção de arroz, não só pelo ciclo reduzido de geração como pelo volume financeiro que produz, a cada ano, se sobressai como a mola propulsora da riqueza local. Comparativamente com a pecuária, ressalta o agrônomo Cordero, a orizicultura soma maiores valores em volumes financeiros, além de destacar-se pelo impulsionamento da economia de escala, pelo desdobramento industrial e comercial.

Embora ocupe apenas 7 por cento da área do município - em torno de 34 mil hectares - é geradora de mais de 40 por cento das rendas em impostos municipais, resultantes de um valor total da rubrica, de Cr$ 1 trilhão e 125 bilhões.

GERAÇÃO DE EMPREGOS - *O lado mais positivo da lavoura de arroz no município, segundo destaca o técnico do Irga, é como fator multiplicador na geração de empregos. Se comparado com a pecuária, fica mais evidente a vantagem daquela, em cima desta última atividade.*

Para se ter idéia, ressalta Eloy Cordero, enquanto a pecuária tradicional emprega uma pessoa a cada 400 hectares, o arroz exige um empregado a cada 45 hectares, diretamente.

Dom Pedrito produz, em média, 3.500 mil sacos de arroz por ano, cujo valor é de 1,25 trilhão de cruzeiros. Para obter esses resultados, emprega 770 operadores de máquinas - tratores, arados, semeadeiras, adubadeiras e ceifadeiras, e garante trabalho para mais uns 600 empregados nos engenhos e secadores da cidade.

Mas essa produção poderá ser maior, se forem construídas barragens em alguns locais estratégicos do município. Lembrando o Plano Bourcheid, Eloy Cordero diz que a produção arrozeira pedritense pode chegar à ocupação de até 180 mil hectares, com o que poderia ser quintuplicada a geração de riqueza bem como a ocupação de mão-de-obra local.

No entanto, há um problema que não pode ser deixado de lado por quem pretende analisar a economia agrícola do município, especiaimente o arroz, diz Eloy Cordero. "Refiro-me aos arrendamentos de terra. Mais de 70 por cento dos arrozeiros de Dom Pedrito plantam em terras arrendadas, pagando, em média, 28 por cento da produção obtida aos donos dos campos. Isso é mau", diz o técnico.

Arroz em plantio direto
Embora ocupe apenas 34 mil hectares no município, o arroz é responsável por mais de 40 por cento dos impostos gerados

OUTRAS CULTURAS - *Outras culturas agrícolas têm tido altos e baixos em Dom Pedrito. Entre elas, a soja, o milho e o sorgo. A soja vem sofrendo redução ano a ano. Hoje, tem ocupado a média de 4 a 4,5 mil hectares. Os fatores climáticos locais não são favoráveis à permanência dessa oleaginosa em nossas terras. Com produtividade média girando em torno de 20 sacos por hectare, não compensa os investimentos.*

Milho e sorgo ocupam área de 7,5 mil hectares. Apesar do rendimento não ser dos melhores - efeitos do clima e do solo não completamente ideais - têm os espaços mantidos pela necessidade de consumo dos animais domésticos, suinos, aves e cavalos.

O setor de hortigranjeiros também começa a se desenvolver no município, com alguns adotando técnicas modernas, como a produção protegida por plásticos. O setor leiteiro também vem se destacando, inclusive com o melhoramento dos plantéis, diz o técnico Eloy Cordero.

A tabela, elaborada pelo Irga, mostra um resumo da produção agropecuária e os respectivos valores em cruzeiros, e sua conversão para o dólar da época.

Produto	Quantidade	Valor em Cr$	Valor em U$
1º Arroz	3.500.000 scs.	1.225.000.000.000,00	28.290.990,00
2º Bovinos	60.000 unid.	675.000.000.000,00	15.588.910,00
3º Milho/Sorgo	262.500 scs.	65.000.000.000,00	1.501.154,00
4º Lãs	896.000 kgs.	53.760.000.000,00	1.241.570,00
5º Soja	72.000 scs.	25.920.000.000,00	598.614,00
6º Leite	730.000 lts.	14.600.000.000,00	337.182,00
	TOTAL:	Cr$ 2.059.280.000.000,00	47.558.430,00

RIO GRANDE

Mobilização para modernizar os portos

Constituído por representantes de empresas e de entidades patronais, a Frente pela Modernização dos Portos, criada recentemente no Rio Grande do Sul, promete levar o Porto de Rio Grande a uma posição de destaque no contexto nacional

O medo da demora e a falta de iniciativa governamental de pôr em prática a nova lei da modernização dos portos - lei 8.630 - continua provocando um sentimento de angústia junto ao empresariado nacional. A situação caótica em que se encontram os portos nacionais, bem como o atrelamento à legislações arcaicas que ainda emperram o bom andamento do processo de comércio internacional do país, na sua totalidade, requer uma tomada de posição imediata do governo federal no sentido de reverter esse quadro. Hoje, com a aprovação da "Lei de Modernização dos Portos", foram lançados os alicerces para que esse processo se desencadeie, bastando que todos os segmentos envolvidos nesta área mobilizem-se para tanto.

No Rio Grande do Sul está surgindo um movimento que promete reestudar a função do Porto de Rio Grande e levá-lo a uma posição de destaque no contexto nacional e no Cone Sul. Esse movimento, denominado "Frente de Modernização dos Portos", é constituído por representantes do empresariado e das entidades patronais do Estado. Entre outros, participam da Frente, Anton Karl Biedermann, representando a Federasul; Daniel Ioschpe, pela Fiergs; Ruben Ilgenfritz da Silva, pela Cotrijuí; Jorge Gerdau Johannpeter, pelo Grupo Gerdau; Hugo Paz, pela Farsul; Rui Polidoro Pinto, pela Fecotrigo; Horst Volk, Abicalçados e Fernando Becker, pelo Grupo Trevo.

Para Daniel Ioschpe, representante da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul, cada porto deve ter sua administração própria - e não mais todos subordinados ao órgão do Estado, o Departamento Estadual de Portos, Rios e Canais -, para aumentar a competição entre eles e que cada um possa se especializar em determinadas cargas. Ioschpe defende a criação de uma empresa de economia mista para gerir o Porto, em que o governo estadual teria controle acionário, mas com a participação da iniciativa privada.

TARIFAS DEFASADAS - Um dos grandes problemas enfrentados pelos exportadores brasileiros no momento de comercializar suas mercadorias tem sido o alto custo das operações nos portos nacionais. Para Ioschpe, "as dificuldades operacionais e deficiências estruturais impedem que produtos exportados pelo país sejam mais competitivos e que mercadorias importadas cheguem mais baratas ao consumidor brasileiro". A tendência é de que esta situação mude daqui para frente. A nova lei dos portos não fala diretamente em redução de tarifas - os portos do país cobravam 49 diferentes taxas estabelecidas pelo governo -, mas entrega a um Conselho de Autoridade Portuária - CAP -, a responsabilidade pela homologação dos valores das tarifas.

A questão da criação do CAP tornou-se uma das principais preocupações da Frente de Modernização dos Portos no momento. Em recente reunião do movimento, realizada na Câmara de Comércio de Rio Grande, o presidente da entidade, diretor do Terminal da Cotrijuí, Bolívar Lima, pautou seu discurso de abertura da reunião exatamente nesta polêmica questão. Salientou a necessidade de criação de um CAP exclusivo para o Porto de Rio Grande.

Na realidade, esta briga pela criação de um Conselho para Rio Grande tem fundamento. Enquanto em Brasília, no dia 3 de junho o ministro dos Transportes Alberto Goldmann empossava os CAPs dos principais portos do país, o secretário estadual dos Transportes, Matheus Schimidt, tentava uma cartada no sentido de instalar um único CAP gaúcho centralizado em Porto Alegre congregando os portos de Rio Grande, Porto Alegre e Pelotas.

Novamente o antigo modelo centralizador de administração portuária perpetuado pelo Deprec encontra uma sobrevida com apoio do governo do Estado. Situação paradoxal se levarmos em conta que o governador Alceu Collares entusiasmou-se com a criação da Frente de Modernização e com as idéias progressistas, ao ponto de afirmar que "a parceria governo do Estado juntamente com a Frente vai funcionar na questão dos portos, onde se quer uma total independência e autonomia em relação à União".

Willen Mantelli, representante da Fiergs e coordenador da Frente afirmou durante palestra proferi[da] que o governo federal se precipit[ou] em relação ao porto de Rio Gran[de] tendo criado um CAP para o por[to] de Estrela - por este ter ligações i[n]dustriais fortes com São Paulo - d[e]xando os demais atrelados a um ú[n]co CAP. Mantelli também question[ou] a designação pelo governo federal [de] um diretor para o CAP oriundo [de] Brasília, sem um prévio conhecime[n]to da problemática dos portos ga[ú]chos. "É fundamental que os home[ns] escolhidos para o Conselho sejam [da] região", enfatizou o representante [da] Fiergs.

Questões como a implantaç[ão] do CAP, do órgão gestor de mão-d[e] obra - OGMO -, do investimento n[os] portos e da autonomia de operaç[ão] dos terminais privativos são, além [de] polêmicas, extremamente importante[s] para o bom andamento do comérc[io] exterior do Brasil. Pelo porto de R[io] Grande é escoada toda a safra agríc[o]la do Estado, além de 95 por cen[to] de tudo que é exportado em carga g[e]ral pela região. O mau funcionamen[to] do mesmo afunila esse processo [e] traz prejuízos para indústrias, produt[o]res, exportadores e, principalmente [a] para a já altamente penalisada sociedade brasileira. Movimentos como a Fren[te] de Modernização dos Portos são mais do que necessários para que o[s] setores produtivos discutam, dividam e participem com o governo da administração do patrimônio público nacional. **(Marcelo Guimarães/Rio Grande)**

Avaliando a citricultura paulista

Produtores e técnicos da região foram a São Paulo conhecer a tecnologia desenvolvida na produção de laranjas

Com o objetivo de oportunizar àqueles que participam do projeto de citricultura da Cotrijuí e observar tecnologias desenvolvidas, desde a produção até o beneficiamento da fruta para o mercado in natura e indústria de sucos, associados, técnicos e representantes de algumas prefeituras da região e Emater, estiveram em São Paulo no período de 14 a 18 de junho. No Centro de Citricultura do Instituto Agronômico de Campinas, por ocasião da Semana de Citricultura, os excursionistas participaram de palestras abordando temas como nutrição, manejo de pragas, doenças, custos de produção, porta-enxertos e análise de mercado.

De acordo com os pesquisadores, analistas de mercado e dos diferentes setores da citricultura paulista, existe hoje uma grande preocupação na busca de maior qualidade, produtividade e redução nos custos de produção. Neste sentido assume importância decisiva o manejo integrado de pragas na tentativa de reduzir o número de aplicações de agrotóxicos, "um fator de alto custo", assinala o Supervisor de Hortigranjeiros da Cotrijuí, João Agostinho Boaro, que também esteve em São Paulo com os produtores.

Quanto ao mercado de frutas in natura, foi abordado o potencial e as tendências do mercado externo - europeu. A tendência apresenta-se favorável para frutas fáceis de descascar e sem sementes, e que possuir boa coloração e tamanho. Além da qualidade, o custo de produção é decisivo na competição deste mercado.

HOLAMBRA - Os produtores visitaram a cooperativa de Holambra, responsável pelo embalamento das frutas para o mercado, onde puderam constatar todo o cuidado e o tratamento que é dado aos frutos desde a produção até chegar ao ponto de venda, "sempre respeitando as exigências do consumidor", diz Boaro. E para atender essas exigências, os pomares recebem todo o acompanhamento técnico necessário por parte do produtor, que é motivado por preços diferenciados, de acordo com a qualidade das frutas. Ou seja, os técnicos atribuem uma nota ao pomar, "e esta nota servirá como orientação para o preço da fruta no momento da entrega", explica o Supervisor de Hortigranjeiros da Cotrijuí.

A qualidade conquistada pelo produtor é mantida a partir dos cuidados na hora da colheita e do transporte, que é realizada por uma equipe treinada e controlada pela Holambra, que terá todos os cuidados para evitar batidas nas frutas ou evitar colhê-las molhadas para que não apareçam manchadas.

CITROSUCO - A Citrosuco, a maior indústria de sucos do mundo, com capital nacional e duas unidades industriais em São Paulo para processamento de laranjas, também integrou o roteiro de visita dos produtores da região. Localizado no município de Limeira e com uma capacidade de extração de 150 mil caixas de 40,8 quilos por dia, processa, além do suco exportado para a Europa, Japão, Estados Unidos e outros países, o óleo da casca, "que é comercializado para a indústria farmacêutica e perfumaria. O bagaço é peletizado para ração e depois exportado para a Europa", explica.

O grupo de produtores e de técnicos voltou com a impressão de que a citricultura paulista está passando por muitas dificuldades, desde a produção até a remuneração do produtor. No campo da produção, as dificuldades são decorrentes, em grande parte, do desequilíbrio provocado pela monocultura da própria laranja.

A conseqüência desta situação é o surgimento de novos problemas e de altos custos com a aplicação de agrotóxicos que contribuem com mais de 50 por cento do custo de produção apenas para o controle de ácaros. Quanto a remuneração, está abaixo das necessidades dos produtores paulistas devido aos altos custos de produção. "Não existe previsão de alteração substancial do preço praticado, pelo menos a curto prazo, devido ao equilíbrio entre a oferta e a procura", afirma. Por outro lado, os pomares não foram preparados para o mercado in natura, o que poderia remunerar melhor o produto.

Segundo Boaro, as constatações feitas pelos produtores nas visitas que fizeram aos produtores e empresas paulistas merecem algumas reflexões, "especialmente no que diz respeito ao projeto de citros da região", esclarece. O que ficou comprovado é que o produtor deverá dispensar atenção especial à qualidade e ao custo de produção. "É nos diferenciando dos produtores paulistas que poderemos obter o sucesso planejado", insistiu ainda

Dando força a soja

Importante alternativa dentro do sistema de rotação de culturas, o milho cresce na região e mostra que, quando cultivado com a tecnologia recomendada, pode atingir excelente produtividade, mesmo a nível de propriedade

Difundir o milho e procurar mostrar aos produtores, através das áreas demonstrativas o potencial de rendimento da cultura. Este tem sido, já há três anos consecutivo, a proposta do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí ao implantar em algumas propriedades, áreas demonstrativas para avaliação de materiais de milho híbrido. "Estas áreas demonstrativas representam uma forma prática e ao alcance dos produtores, de fazer com que a tecnologia chegue até a propriedade mais rapidamente", avalia o pesquisador do CTC, Roberto Carbonera. O Supervisor de Plantas de Lavoura da Cotrijuí, Francisco Tenório Falcão Pereira diz ainda que, além de difundir tecnologia, estas áreas também cumprem a função de mostrar aos produtores que plantar milho e colher 10.000 quilos por hectare não é coisa apenas da pesquisa. "É uma produtividade que pode ser atingida dentro da propriedade, nas suas condições, bastando apenas o produtor usar a tecnologia necessária para que a cultura possa expressar todo o seu potencial produtivo", observa Francisco.

A verdade é que, em três anos, a proposta das áreas demonstrativas de milho já conseguiu surtir algum efeito sobre o propósito e condução da cultura dentro da propriedade. Para ilustrar esta situação, o Francisco lembra que, no ano em que foram implantadas as primeiras 15 áreas demonstrativas na região da Cotrijuí, a produtividade média alcançada a nível de lavoura foi de pouco mais de 1.600 quilos por hectare e a das áreas demonstrativas de 3.500 quilos por hectare. O resultado foi melhor no ano seguinte, quando as 20 áreas demonstrativas responderam com uma produtividade média de 6.197 quilos e as lavouras com 3.469 quilos por hectare. Nesta última safra esta média ficou um pouco acima dos 6.200 quilos e a média a nível de lavoura em 3.432 quilos por hectare. "Esta produtividade ainda é muito baixa e precisa ser melhorada", diz o Francisco.

CRESCER - A tendência, segundo o Supervisor de Plantas de Lavoura da Cotrijuí, é de que o milho cresça na região, não apenas em área cultivada, mas em volume de produção e em produtividade. Essa expectativa do Francisco é alimentada por algumas situações que já começam a se definir na região e entrando para um processo irreversível. Na frente, puxando esta tendência de crescimento da lavoura, coloca a questão da rotação de culturas, pois é o milho a principal alternativa para integrar um sistema que possa rotacionar com a soja e de manejo do solo. O próprio produtor já está sentindo esta importância, "uma vez que, se quiser continuar plantando soja terá, obrigatoriamente que plantar milho", em função das muitas doenças que tem aparecido, alerta.

A demanda, que já começa a ser gerada pela agroindústria da Cotrijuí - a mesma irá beneficiar 45 mil toneladas de milho por ano - é outra situação muito clara que existe na região e que também poderá ajudar a puxar a lavoura de milho, não apenas em termos de volume de produção, mas especialmente de qualidade. Também deverá influir o crescimento da produção animal.

Erich Breunig, de Coronel Bicaco
Área de 5 hectares para avaliar 4 culturas para adubação verde

Os resultados do seu Erich

Quem anda comemorando os excelentes resultados alcançados com a sua área demonstrativa de milho é o produtor Erich Breunig, proprietário de 270 hectares de terra em Esquina Evangélica, interior de Coronel Bicaco. Com os materiais duros e semi-duros, seu Erich fechou uma média de 10.116 quilos por hectare - 168 sacos - e com os materiais dentados e semi-dentados, a média de produtividade alcançada ficou em 9.852 quilos por hectare - 164 sacos por hectare.

O material que mais expressou seu potencial produtivo na propriedade do seu Erich foi o Pioneer 3099, que atingiu um média de 11.932 quilos por hectare - 199 sacos. "Nunca tinha colhido tanto milho", conta o produtor que normalmente tem colhido em torno de 100 sacos por hectare de milho, "mas isso em lavouras maiores".

Na verdade, essa produtividade alta alcançada pelo seu Erich com quase todos os materiais - apenas o CEP 304 produziu menos de 7.000 quilos - na sua área demonstrativa e mesmo a nível de lavoura, não aconteceu ao acaso ou por benesses do clima que correu favorável. Ela é resultado do somatório de uma série de fatores que começam pelo trabalho de melhoria da estrutura física do solo da sua propriedade, pelo tipo de preparo utilizado, pelas adubações adequadas, pelo plantio bem feito, pelo controle de invasoras e pragas e fecha com o uso de sementes de potencial genético comprovado. "Foram criadas condições para que o milho pudesse expressar toda a sua potencialidade", admitiu o coordenador do Departamento Técnico da Cotrijuí, unidade de Coronel Bicaco, José Ciro Rodrigues.

O plantio de milho, no caso da área demonstrativa do produtor Erich Breunig, foi manual e ocorreu em cima da ervilhaca e do centeio, incorporados aos 90 dias, com 35 toneladas de massa verde por hectare. Essa adubação foi complementada com mais 400 quilos de adubo da fórmula 5-20-20 por hectare, "todo espalhado a mão", explica o produtor e ainda 150 quilos de uréia por hectare em cobertura.

AVALIANDO OS RESULTADOS - *O dia de campo realizado na propriedade do seu Erich juntou mais de 200 pessoas, "todos produtores e técnicos que vieram até a minha lavoura para comprovar e avaliar os resultados alcançados", conta o produtor. A todos eles, seu Erich receitava, como forma de se alcançar altos níveis de produtividade, correção no solo, uma boa adubação verde, sementes de qualidade e adubação conforme manda a análise do solo. "O princípio básico, ajudava o José Ciro Rodrigues, está na melhoria da estrutura física do solo que pode muito bem ser feito através da incorporação de massa verde".*

PLANTIO DIRETO - *A vocação e a organização do seu Erich transparecem no planejamento das suas atividades. Em pleno inverno, seu Erich já pensa na safra de verão, programando a próxima área de milho. A idéia é plantar 60 hectares de milho - na última plantou 50 hectares -, toda ela em plantio direto e com o uso de dessecante. Nesses 60 hectares, já plantou centeio e ervilhaca, que pretende incorporar mais adiante, antes do plantio do milho.*

Uma outra área de 5 hectares, dividiu em quatro parcelas e plantou nabo forrageiro, ervilha forrageira, ervilhaca e centeio. A adubação que pretendc colocar na lavoura de milho foi dividida em duas partes, sendo que 150 quilos foram colocados na adubação de cobertura. Os outros 150 quilos serão colocados no milho por ocasião do plantio. Segundo o José Ciro, esses 150 quilos por hectare de adubo colocados na ervilha forrageira, no nabo forrageiro, na ervilhaca e no centeio vão propiciar um maior volume de massa, "que resultará em uma reciclagem maior de nutrientes". Com esta experiência, tanto o produtor como o técnico querem avaliar a cultura que melhor se presta para a adubação verde.

Altura da planta e inserção da espiga (cm), empalhamento, acamamento (%), população final (pl/ha), número de espigas por hectare e rendimento de grãos (Kg/ha, 14% de umidade) de milhos duros e semi-duros da área demonstrativa conduzida na propriedade de Erich Breunig. Cotrijuí, Coronel Bicaco, 1992/93

GENÓTIPO	ALTURA PLANTA	INSER	EMP	ACAM (%)	POPUL. FINAL	REND. (kg/ha)
P 3099	180	110	2	0	46.111	11.932
P 3230	220	130	2	3	47.222	10.359
G 740	215	125	3	5	45.278	10.163
C 808	215	130	4	3	46.389	10.497
XL 520	210	120	2	3	46.389	11.300
C 805	185	110	3	3	46.944	9.460
P 3069	185	110	3	0	47.222	11.377
G 800	230	140	2	0	46.944	11.300
XL 560	215	130	2	3	45.555	10.787
AG 303	230	130	3	4	45.555	9.663
CEP 304	220	125	2	15	45.278	6.109
D 792	215	125	2	3	47.500	8.670
D 592	210	128	2	3	46.667	9.888
MÉDIA	210	124	2,5	3,3	46.389	10.116

Altura da planta e inserção da espiga (cm), empalhamento, acamamento (%), população final (pl/ha), número de espigas por hectare e rendimento de grãos (Kg/ha, 14% de umidade) de milhos dentados e semi-dentados da área demonstrativa conduzida na propriedade de Erich Breunig. Cotrijuí, Coronel Bicaco, 1992/93

GENÓTIPO	ALTURA PLANTA	INSER	EMP	ACAM (%)	POPUL. FINAL	REND. (kg/ha)
XL 510	225	120	1	0	46.667	8.630
G 600	220	140	3	0	46.389	8.700
D 771	235	140	1	0	46.944	10.890
AG 3611	215	120	3	5	46.667	9.493
C 955	190	110	4	4	46.389	11.784
AG 513	225	120	3	5	45.833	9.618
MÉDIA	218	125	2,3	2,3	46.481	9.852

A lição de quem investiu

Os produtores que investiram no milho, como mostram as médias das áreas demonstrativas, colheram muito bem. Em Coronel Bicaco, Erich Breunig colheu uma média de 168 sacos por hectare

Em toda a área da Cotrijuí foram implantadas, na última safra de verão, 18 áreas demonstrativas de milhos híbridos, originando 15 dias de campo que contaram com a participação de mais de 1.000 produtores e técnicos. "Nestes dias de campo, os produtores tiveram uma idéia da importância destes trabalhos que também não deixam de ser uma forma de difundir tecnologias", comenta Roberto Carbonera. Algumas áreas surpreenderam pelos resultados alcançados. "Foram áreas onde o milho conseguiu expressar o seu potencial produtivo", explica, citando como exemplo a lavoura do produtor Erich Breunig, de Coronel Bicaco. Nesta área, a média final do experimento ficou em 10.116 quilos - 168 sacos por hectare.

A coordenação técnica do trabalho de avaliação do comportamento destes híbridos esteve a cargo do Departamento de Produção das Unidades da Cotrijuí - conferir na tabela 1, onde também consta a relação de produtores envolvidos - com o apoio das Emater e das Secretarias Municipais de Agricultura. Cada área - elas estiveram localizadas em Tenente Portela, Derrubadas, Coronel Bicaco, Santo Augusto, Inhacorá, Ajuricaba, Ijuí, Coronel Barros, Augusto Pestana e Jóia - recebeu 19 materiais cedidos pelas empresas Pioneer, Cargill, Braskalb, Dinamilho, Germinal, Agroceres e pela Fundacep. Estas empresas também contribuiram com recursos financeiros para implantação das áreas e posterior divulgação dos resultados.

Cada empresa cedeu três materiais híbridos comerciais ou pré-comerciais, mais a cultivar CEP 304 como padrão. A preferência foi por materiais de ciclo precoce ou superprecoce e duros ou semi-duros, "mas também foram incluídos milhos dentados e semi-dentados, num total de seis", explica Carbonera. Cada área plantou todos os genótipos numa parcela de 300 metros quadrados por material. A população recomendada ficou entre 55.000 a 60.000 plantas por hectare para facilitar o plantio. A área útil para avaliação foi de 18 metros quadrados - 4 linhas x 0,90 x 5 metros de comprimento.

A CONDUÇÃO - A condução da área seguiu a recomendação técnica para a cultura, tendo o produtor o compromisso de colocar, em média, 300 quilos de adubo da fórmula 5-20-20 por hectare e mais 150 quilos de uréia. Na tabela 2, o produtor poderá encontrar todas as informações sobre o cultivo anterior da área, onde foi implantada a lavoura demonstrativa, o tipo de preparo do solo usado, adubações de base e de cobertura e a data de plantio. O espaçamento entre linhas foi de 90 centímetros. Algumas áreas foram implantadas manualmente e outras mecanicamente. Da mesma forma o controle de invasoras. Na maioria das áreas foram avaliadas características como altura da planta e inserção de espigas, empalhamento, porcentagem de plantas acamadas e quebradas, peso da espiga, população final e rendimento de grãos.

Os resultados foram organizados em duas tabelas, separando-se os genótipos duros e semi-duros daqueles dentados e semi-dentados. Assim, 13 genótipos ficaram no grupo dos duros e semi-duros e seis no grupo dos dentados e semi-dentados. Segundo Carbonera, recorreu-se a esta definição, por ocasião da organização das áreas, com o objetivo de melhor comparar híbridos com textura de grãos semelhantes. Lembra ainda que a Cotrijuí já vem, desde o ano passado, classificando o milho recebido dos seus associados, remunerando-o de acordo com o grão.

Tabela 1- Responsáveis técnicos, agricultores e localização das áreas demonstrativas de milho. Cotrijuí, 1993

RESP. TÉCNICO	AGRICULTORES	LOCALIZAÇÃO
* Tenente Portela Gelson Correa Luís Fernando Zardon Sérgio Didoné	Elio Breunig Ary Eloy Juarez D. Primo	Gamelinhas São Sebastião Derrubadas
* Coronel Bicaco José Ciro Rodrigues Antônio Almeida	Erich Breunig Geraci Baggio	
* Santo Augusto Paulo R. Cecconello Osmar Menegon Abrelino Rigodanzo	Mário R. Sperotto Valmir Franco Idalino Speroni	Campo Santo Esquina Umbu Pedro Paiva
* Ajuricaba Jorge Sito Enio Ângelo Elton Lohmann	Luiz Francisconi Sigfried Appel Sidnei Montagner	Pinhal Formigueiro Linha 15
* Chiapetta Everton Beschorner Ademar Rosso	Camilo Rebesquini	Inhacorá
* Ijuí Joceli João Schiavo Fernando Rodrigues Ervino Megier	Elói S. Copetti Escola 24 de Fevereiro Paulo L. Gutknecht	Vila Floresta Vila Chorão Coronel Barros
* Augusto Pestana Alberto Rosseto Jacinto Marsaro	Osmar Deutchmann	Esquina Gaúcha
* Jóia Francisco Gonçalo Samuel Ribeiro	Marlo Eickhoff Vanderlei Pillat	São João Mirim Cará

RESULTADOS FINAIS - Os resultados médios das 18 áreas demonstrativas podem ser avaliados nas tabelas 3 e 4, sempre considerando milhos duros e semi-duros, dentados e semi-dentados. Os milhos duros e semi-duros alcançaram uma altura média de 185 centímetros, mas o P 3230 foi o mais alto, atingindo 206 centímetros de altura. Os materiais mais baixos foram o P 3069 e o D 792. A altura média de inserção da espiga foi de 97 centímetros - o P 3230 apresentou altura de 104 centímetros -; o empalhamento médio teve nota 2,4 com variação de 2,7 para o C 805 e o G 800. Em acamamento e quebramento de plantas, as maiores médias obtidas foram com o CEP 304, com 10,2 e 3,3 respectivamente. A população final de plantas, na média, ficou em 47.166 plantas por hectare, com variação de 41.473 plantas por hectare para o CEP 304 e 54.555 plantas por hectare para o D 592.

Segundo Carbonera, os rendimentos foram submetidos a análise de variança e ao teste de Tukey para comparações médias. A análise de variança indicou existir diferenças significativas entre os tratamentos e o coeficiente de variação foi de 14,65 por cento, "o que é considerado bom para este tipo de trabalho", observa. A média de rendimento alcançada foi de 6.258 quilos por hectare. O híbrido P 3099 atingiu 7.142 quilos por hectare; o C 808, 6.887 quilos; o C 805, 6.833 quilos; o G 800, 6.775 quilos por hectare; o P 3069, 6.706 quilos; o P 3230, 6.510 quilos; o XL 560, 6.460 quilos; o XL 520, 6.177 quilos e o G 740, 6.166 quilos por hectare. Estes materiais ficaram no primeiro grupo pelo teste de Tukey a 5 por cento de significância, indicando que as diferenças ocorridas, podem ser por condições de ambiente cultivado.

Os dados médios dos caracteres dos híbridos dentados e semi-dentados podem ser avaliados na tabela 4. A altura média da planta foi de 193 centímetros e 97 centímetros de inserção da espiga. O empalhamento apresentou média de 2,6 e o híbrido C 955 índice médio de 3,7 ficou próximo do tipo grão exposto. O número médio de plantas foi de 45.975 por hectare e o rendimento ficou em 6.238 quilos por hectare. O coeficiente de variação foi de 15,83 por cento. Os híbridos C 955, com 6.953 quilos por hectare; D 771, com 6.775 quilos; AG 513 com 6.281 quilos e XL 510, com 6.106 quilos por hectare ficaram no primeiro grupo pelo teste de Tukey a 5 por cento de significância.

DESTACARAM - Algumas áreas demonstrativas, como as implantadas nas propriedades de Élio Breunig, em Tenente Portela e Erich Breunig, em Coronel Bicaco, chamaram a atenção pela sua performance e pelos resultados finais alcançados. Outras duas áreas demonstrativas de Tenente Portela e implantadas nas propriedades de Ary Eloy e Juarez Primo também surpreenderam. A área implantada na propriedade de Ary Eloy, localizada em São Sebastião, apresentou uma produtividade média de 8.601 quilos por hectare para os híbridos duros e semi-duros e 9.081 quilos por hectare para os dentados e semi-dentados - conferir tabelas 5 e 6. Nos híbridos duros e semi-duros, foi constatada uma variação de 7.394 quilos por hectare para a cultivar CEP 304 a 10.063 quilos por hectare para o P 3230. No caso dos milhos dentados e semi-dentados, a variação foi de 7.535 para os híbridos G 600 a 10.164 quilos por hectare para o C 955.

Semeada com plantadeira de disco, "o que dificultou a obtenção de um stand melhor de plantas devido às diferenças de peneiras utilizadas", explica Carbonera, a área plantada na propriedade de Juarez Primo, em Derrubadas, fechou com um rendimento médio para os duros e semi-duros de 7.852 quilos por hectare e 7.790 quilos por hectare para os dentados e semi-dentados. A população média de plantas por hectare foi de 42.777 para os milhos duros e semi-duros e 40.184 para os dentados e semi-dentados.

Os resultados obtidos na propriedade de Luiz Francisconi, localizada em Ajuricaba foram de 7.548 quilos por hectare para os híbridos duros e semi-duros e de 7.381 quilos por hectare para os dentados e semi-dentados. O P 3099 - integrante do grupo duros e semi-duros - destacou-se dos demais materiais ao alcançar uma produtividade de 9.950 quilos por hectare. Já na propriedade de Mário Sperotto, localizada em Santo Augusto, o híbrido P 3230 destacou-se entre os duros e semi-duros ao apresentar uma produtividade de 9.283 quilos por hectare e o AG 513, entre os dentados e semi-dentados, apresentando, como resultado final, 8.961 quilos por hectare.

O rendimento médio alcançado pelos híbridos duros e semi-duros da área demonstrativa implantada na Escola 24 de Fevereiro, localizada no Chorão, Ijuí, foi de 4.895 quilos por hectare. Os materiais dentados e semi-dentados atingiram uma produtividade de 4.379 quilos por hectare. Implantada manualmente, esta área justifica seus baixos rendimentos pelo ataque da larva **diabrotica** no início do desenvolvimento, pela ocorrência de estiagem nos meses de novembro e dezembro e também por manchas no solo. Na área demonstrativa implantada na propriedade de Marlo Eickhoff localizada em Jóia, a média de rendimentos dos milhos duros e semi-duros foi de 6.916 quilos por hectare. Os milhos dentados e semi-dentados, apresentaram um rendimento médio de 5.861 quilos por hectare. Esta área foi implantada manualmente, havendo boa distribuição das plantas entre as linhas. Mas a população média final, de 35.692

Milho
...as demonstrativas
...a região da Cotrijuí

...híbridos duros e semi-duros e ... para os dentados e semi-denta... afetada por danos provocados ...mais silvestres.

Os resultados das demais áreas podem ser obtidas junto ao Departamento Técnico da Unidade e estão disponíveis aos associados.

Tabela 2 - Cultivo anterior, preparo do solo, adubação de base e cobertura e data de plantio das áreas demonstrativas de milho. Cotrijuí, 1993

Área	Cultura Anterior	Preparo do Solo	Adubações		Data de Plantio
			Base	Cobert.	
Tenente Portela					
Elio Breunig	Ervilhaca	Conven.	10-70-90	68	11.09.92
Ary Eloy	Pousio	Conven.	17-70-70*	68	09.09.92
Juarez Primo	Pousio	Conven.	15-60-60	68	16.09.92
Coronel Bicaco					
Erich Breunig	Erv + Cent	Conven.	17-70-70	68	29.09.92
Geraci Baggio	A. Preta	Conven.	17-70-70	45	03.10.92
Santo Augusto					
Mário Sperotto	Pousio	Conven.	34-70-70	38	05.09.92
Valmir Franco	Pousio	Conven.	10-82-100	22	16.09.92
Idalino Speroni	Pousio	Conven.	20-80-80	40	08.09.92
Ajuricaba					
Luiz Francisconi	Av. Preta	Conven.	15-60-60	36	19.10.92
Sigfried Appel	Triticale	Conven.	20-80-80	68	29.09.92
Sidnei Montagner	Ervilhaca	Direto		45	16.12.92
Chiapetta					
Camilo Rebesquini	Pousio	Conven.	15-60-60	45	16.09.92
Ijuí					
Elói S. Copetti	Pousio	Conven.	15-60-60	22	09.10.92
Esc. 24 de Fevereiro	Aveia	Conven.	08-51-30	22	17.09.92
Paulo Gutknecht	Aveia	Conven.	10-40-40	22	23.09.93
Augusto Pestana					
Osmar Deutschmann	Pousio	Conven.	09-54-42	22	21.12.92
Jóia					
Mario Eickhoff	Ervilhaca	Conven.	27-96-35	45	22.10.92
Vanderlei Pillat	Azevém	Conven.	36-50-50	38	30.09.92

* Foram aplicados 30 metros cúbicos de esterco líquido de suínos no início de agosto de 92.

...bela 3 - Médias de altura da planta e inserção da espiga (cm), ...palhamento, acamamento (%), quebramento (%), população final ...ha) e rendimento de grãos (Kg/ha, 13% de umidade) de milhos ...s e semi-duros das áreas demonstrativas conduzidas em 1992/93. Cotrijuí, Ijuí, 1993

...ÓTIPO	ALTURA PLANTA	INSER	EMP	ACAM (%)	QUEB (%)	POPUL. FINAL	REND. (kg/ha)
...99	191	86	2,5	0,9	0,4	45.307	7.142 a*
...8	184	99	2,4	4,4	2,9	50.285	6.887 a
...5	179	89	2,7	2,8	2,3	45.430	6.833 a
...0	189	102	2,7	2,1	0,8	48.878	6.775 a
...69	170	87	2,3	1,7	1,9	51.351	6.706 ab
...30	206	104	2,0	7,6	1,8	47.274	6.510 abc
...60	193	101	1,9	3,2	2,5	45.092	6.460 abc
...20	186	95	2,4	4,7	2,8	45.485	6.177 abcd
...40	195	104	2,2	0,5	1,2	49.396	6.166 abcd
...92	168	88	2,5	1,7	0,7	54.555	5.721 bcde
...82	170	88	2,6	1,4	1,2	46.163	5.656 cde
...303	196	104	2,5	2,4	1,1	42.463	5.386 de
...304	201	108	2,1	10,2	3,3	41.473	4.941 e
...IA	185	97	2,4	3,37	1,8	47.166	6.258
...(%)	7,49	6,63	25,67	-	-	13,01	14,65

...édias seguidas por letras distintas diferem entre si pelo teste de Tukey a 5% de ...ificância.

Tabela 4 - Médias de altura da planta e inserção da espiga (cm), empalhamento, acamamento (%), quebramento (%), população final (pl/ha) e rendimento de grãos (Kg/ha 13% de umidade) de milhos dentados e semi-dentados das áreas demonstrativas conduzidas em 1992/93. Cotrijuí, Ijuí, 1993

GENÓTIPO	ALTURA PLANTA	INSER	EMP	ACAM (%)	QUEB (%)	POPUL. FINAL	REND. (kg/ha)
C 955	189	82	3,7	4,0	1,5	45.355	6.953 a*
D 771	196	96	2,0	0,2	0,4	46.488	6.775 ab
AG 513	196	100	3,0	12,1	1,8	46.932	6.218 abc
XL 510	192	98	1,7	1,0	0,6	43.069	6.106 abc
AG 3611	186	99	2,5	7,1	5,7	47.477	5.863 bc
G 600	199	106	2,7	2,8	0,9	46.528	5.457 c
MÉDIA	193	97	2,6	4,5	1,8	45.975	6.239
C.V.(%)	6,02	8,5	28,84	-	-	14,79	15,83

* Médias seguidas por letras distintas diferem entre si pelo teste de Tukey a 5% de significância.

Tabela 5 - Altura da planta e inserção da espiga (cm), ...palhamento, acamamento (%), quebramento (%), população final ...ha) e rendimento de grãos (Kg/ha 13% de umidade) de milhos ...os e semi-duros da área demonstrativa de milho conduzida na ...opriedade de Ary Eloy. Cotrijuí, Tenente Portela, 1992/1993

...NÓTIPO	ALTURA PLANTA	INSER	EMP	ACAM (%)	QUEB (%)	POPUL. FINAL	REND. (kg/ha)
...3099	180	70	2	0	2	54.444	9.261
...3230	240	110	2	0	0	51.666	10.063
...740	235	110	3	0	2	52.222	8.796
...808	195	100	3	0	2	48.888	10.060
...520	230	90	3	0	2	47.777	7.459
...805	205	100	3	0	2	50.000	9.231
...3069	210	90	3	0	0	56.111	7.680
...800	205	100	3	0	2	55.000	8.738
...560	240	115	3	3	2	55.000	8.407
...303	240	120	3	3	5	51.111	8.298
...P 304	250	120	2	20	10	50.000	7.394
...792	175	100	3	0	5	45.555	8.357
...592	210	100	3	10	0	71.111	8.066
...DIA	216	102	2,8	2,8	2,6	52.991	8.601

Tabela 6 - Altura da planta e inserção da espiga (cm), empalhamento, acamamento (%), quebramento (%), população final (pl/ha) e rendimento de grãos (Kg/ha, 13% de umidade) de milhos dentados e semi-dentados da área demosntrativa de milho conduzida na propriedade de Ary Eloy. Cotrijuí, Tenente Portela, 1992/1993

GENÓTIPO	ALTURA PLANTA	INSER	EMP	ACAM (%)	QUEB (%)	POPUL. FINAL	REND. (kg/ha)
XL 510	230	120	3	0	0	49.444	8.571
G 600	250	120	3	0	0	50.555	7.535
D 771	240	100	3	0	0	35.000	9.438
AG 3611	240	115	3	10	10	46.111	8.917
C 955	210	95	4	0	5	47.777	10.164
AG 513	225	110	3	30	10	68.333	9.862
MÉDIA	232	110	3,2	6,7	4,2	49.537	9.081

A resposta da rotação

"Foi muito interessante participar de um experimento deste tipo", comentava o Élio Breunig, proprietário de 80 hectares localizados em Gamelinha, interior de Tenente Portela, satisfeito com os resultados alcançados na área demonstrativa de milho implantada na sua propriedade. Na média geral, o resultado final da área demonstrativa do Élio ficou em 142 sacos por hectare. Mas a produtividade média, para os híbridos duros e semi-duros, foi de 9.075 quilos por hectare - 151 sacos por hectare -, enquanto que o rendimento médio alcançado pelos híbridos dentados e semi-dentados, ficou em 8.636 quilos por hectare - 144 sacos. "O rendimento alcançado nesta área expressa o potencial que os materiais apresentam quando plantados com boas condições de plantio, manejo de solo adequado, fertilidade e disponibilidade hídrica", destaca o coordenador do Departamento Técnico da Cotrijuí na unidade de Tenente Portela, Gelson Corrêa.

A área demonstrativa do Élio Breunig foi a implantada sobre ervilhaca, em plantio convencional, com plantadeira de sistema de "dedos", o que propiciou uma população média de 50.512 plantas por hectare para os híbridos duros e semi-duros e 47.129 plantas por hectare para os dentados e semi-dentados", explicou Roberto Carbonera. A ervilhaca foi incorporada antes da fase de florescimento e a adubação "que levou em consideração o resultado da análise do solo", explica Élio, foi de 250 quilos por hectare da fórmula 5-20-20. A adubação de cobertura totalizou 80 quilos.

Os materiais que mais se destacaram no trabalho experimental conduzido na propriedade do Élio Breunig foram o Pioneer 3230, que alcançou uma produtividade de 11.806 quilos por hectare - 197 sacos -; o Pioneer 3099, com 10.985 quilos - 183 sacos -; o Cargill 955 com 9.637 quilos - 161 sacos -; Cargill 805, com 8.763 quilos - 159 sacos -; o Pioneer 3069, com 9.278 quilos - 155 sacos -; o Germinal 740 com uma produtividade de 9.243 quilos - 154 sacos -; e o Germinal 800 e o Dinamilho 771, ambos com 9.190 quilos - 153 sacos por hectare.

Élio admite que só vem investindo um pouco mais na lavoura de milho de três anos para cá. "Antes plantava muito pouco, só para o gasto", justifica. Na safra passada, por exemplo, além da área demonstrativa, o Élio plantou uma lavoura de 20 hectares. "O segredo está na rotação de culturas", ensina o produtor. Com a proposta de continuar investindo na cultura, pretende plantar, no próximo verão os mesmos 20 hectares, só que em cima da ervilhaca incorporada. "O milho dá mais resultados", diz ele entusiasmado com a experiência que fez na área demonstrativa.

Altura da planta e inserção da espiga (cm), empalhamento, acamamento (%), quebramento (%), população final (pl/ha) e rendimento de grãos (Kg/ha, 13% de umidade) de milhos duros e semi-duros da área demonstrativa conduzida na propriedade de Elio Breunig. Cotrijuí, Tenente Portela, 1992/93

GENÓTIPO	ALTURA PLANTA	INSER	EMP	ACAM (%)	QUEB (%)	POPUL. FINAL	REND. (kg/ha)
P 3099	190	110	3	2	0	48.889	10.985
P 3230	240	130	2	5	5	54.444	11.806
G 740	210	115	3	2	2	52.222	9.243
C 808	190	100	3	5	5	50.555	8.629
XL 520	200	120	3	2	2	47.777	8.763
C 805	195	90	3	0	3	52.777	9.533
P 3069	160	90	3	3	3	56.111	9.278
G 800	225	110	3	0	2	53.333	9.190
XL 560	225	115	3	15	5	46.666	7.973
AG 303	225	110	3	3	3	50.555	7.944
CEP 304	250	130	3	25	2	42.222	7.394
D 792	190	110	3	2	2	45.555	8.454
D 592	170	90	3	2	5	55.555	8.779
MÉDIA	205	109	3	5	3	50.512	9.075

Altura da planta e inserção da espiga (cm), empalhamento, acamamento (%), quebramento (%), população final (pl/ha) e rendimento de grãos (Kg/ha, 13% de umidade) de milhos dentados e semi-dentados da área demonstrativa conduzida na propriedade de Elio Breunig. Cotrijuí, Tenente Portela, 1992/93

GENÓTIPO	ALTURA PLANTA	INSER	EMP	ACAM (%)	QUEB (%)	POPUL. FINAL	REND. (kg/ha)
XL 510	220	110	2	0	0	46.111	8.871
G 600	210	120	4	2	2	50.000	8.616
D 771	230	120	3	0	0	48.333	9.177
AG 3611	200	110	3	20	5	42.777	7.115
C 955	200	100	4	2	3	47.777	9.637
AG 513	190	110	4	30	2	47.777	8.402
MÉDIA	208	112	3,3	9	2	47.129	8.636

DIA DE CAMPO

Plantio do tarde compromete resultados

Na localidade de Esquina Gaúcha, interior de Augusto Pestana, um grupo de produtores se reuniu na propriedade de Osmar Deutschmann, num dia de campo para avaliar o desempenho de 19 materiais de milho híbridos plantados numa área demonstrativa. Coordenado pelo engenheiro agrônomo Alberto Rossetto e pelo técnico Jacinto Marsaro, o dia de campo foi aberto pelo gerente da unidade da Cotrijuí em Augusto Pestana, Nelson Thesing e prestigiado pelo prefeito municipal Luiz Menegol.

A área demonstrativa foi implantada em 21 de dezembro, "num período já fora de recomendação para alguns dos materiais plantados", explicou Alberto Rossetto, justificando os resultados obtidos com o experimento. Disse que o plantio de milho no tarde só deve ocorrer em último caso, uma vez que os riscos com a ocorrência de estiagem são bem maiores e os prejuízos quase certos. Como os resultados dos experimentos, em função do plantio tardio, ficaram prejudicados na sua avaliação final, tanto o Alberto como o Jacinto sugeriram aos produtores presentes ao dia de campo, que os mesmos sejam considerados como orientação para a escolha de milhos híbridos que possam ser cultivados no tarde.

O material da Cargill, 809, foi o que melhor resultado apresentou na propriedade do seu Osmar, atingindo 6.080 quilos por hectare. O Pioneer 3069 colocou-se em segundo lugar com uma produtividade de 5.958 quilos por hectare, seguido por um outro Pioneer, o 3230, com 5.808 quilos por hectare.

Material	Produtividade - Kg/ha
Cargill - 809	6.080
Pioneer - 3069	5.958
Pioneer - 3099	5.500
Germinal - 600	5.438
Braskalb - 510	5.351
Pioneer - 3230	5.808
Cargill - 805	5.132
Agroceres - 513	4.754

Diferentes adubações e custos de produção em avaliação

Na propriedade de Egon, Mircon e Adelson Kern, localizada em Marmeleiro, Augusto Pestana, foi feita uma avaliação, que também resultou em dia de campo, do milho Braskalb 603, com diferentes formas de adubação. O experimento era formado por três parcelas e cada uma destas possuía uma área de 2.000 metros quadrados. Além de avaliarem o desempenho deste híbrido cultivado em diferentes adubações, os produtores puderam ainda comparar custos de produção. O plantio desta área experimental ocorreu no dia 1º de outubro.

Na primeira parcela foram utilizados 110 quilos de superfosfato triplo por hectare, 70 quilos de cloreto de potássio e 290 quilos de uréia por hectare - 70 quilos na base e 220 quilos em cobertura. Com este hectare de planta, os custos ficam em 86,9 dólares. A produtividade alcançada ficou em 7.110 quilos por hectare.

Na segunda parcela, os Kern usaram 12,5 metros cúbicos de esterco líquido de suínos por hectare, 35 quilos de cloreto de potássio e 165 quilos de uréia por hectare em cobertura. Nesta parcela, a produtividade chegou a 7.389 quilos por hectare, a um custo de 36,8 dólares. Na terceira área, os produtores não usaram adubo químico, substituindo-o por 29 metros cúbicos de esterco líquido de suíno por hectare. Com um custo zero, Egon, Mircon e Adelson chegaram nesta área, a uma produtividade de 7.389 quilos por hectare.

RESULTADO DO EXPERIMENTO - MARMELEIRO - AUGUSTO PESTANA 1992/93

Tratamento	Produtividade Kg/ha	Kg de milho necessário para pagar o fertilizante	Produção menos o custo do fertilizante Kg
Só adubo químico	7.110	840	6.270
Adubo químico + esterco	7.357	354	7.003
Só esterco líquido de suíno	7.389		7.389

SILAGEM

O resultado das avaliações

Cinco materiais participaram da avaliação de milhos híbridos para a produção de silagem. A produtividade média ficou em 39.700 quilos por hectare de massa verde

A alimentação do rebanho leiteiro da região vem se caracterizando pela utilização de pastagens anuais e perenes. Nos períodos de março a abril, no entanto, em função da estacionalidade da produção de pastagens, a queda na produção de leite varia entre 42 a 45 por cento. Essa é uma situação que poderia ser amenizada ou até evitada com o uso de forragens conservadas, como a silagem, por exemplo, na alimentação dos animais. E o milho é a cultura que vem sendo mais indicada para silagem devido a sua alta produção de massa aliada a qualidade da forragem.

A preocupação levantada é do Supervisor de Pecuária Leiteira da Cotrijuí, Jair da Silva Mello. Buscando incrementar o uso de forragens conservadas entre os produtores de leite, a Cotrijuí implantou na região - Ijuí, Ajuricaba e CTC (Augusto Pestana) -, três áreas demonstrativas de milhos híbridos para a produção de silagem. Através destas áreas foi possível demonstrar aos produtores de leite alguns materiais recomendados, "assim como as práticas de condução da lavoura, começando pela implantação até a compactação da silagem e fechamento do silo", explica. Nos três dias de campo realizados nestas áreas e que conseguiram reunir mais de 200 pessoas, os produtores puderam avaliar não apenas o desempenho dos materiais cultivados - num total de cinco -, mas também algumas máquinas ensiladeiras.

REVERTIDO - Os baixos índices de produtividade obtida com a silagem na região é uma situação que precisa ser revertida urgentemente "e depende fundamentalmente da adoção de tecnologias pelos próprios produtores", acredita Jair Mello, lembrando ser impossível, "até em função dos custos de produção", continuar trabalhando com uma média de produção de massa verde em torno dos 25 a 30 toneladas por hectare. Numa relação de custos mais ou menos equilibrada, o produtor teria que trabalhar com uma produção média de 50 toneladas de massa verde por hectare. Essa produtividade apresenta um custo de 0,05 litros de leite a cada quilo de massa verde produzida. Uma produção de 25 toneladas de massa verde por hectare vai resultar em um custo de 0,08 litros de leite por quilo. A necessidade do produtor investir em maior produtividade, segundo o Supervisor de Pecuária Leiteira da Cotrijuí, também ocorre em função do custo da hora trator e da hora ensiladeira, na ordem de 45 por cento do custo total da produção de silagem.

Um excelente híbrido para silagem é aquele que apresenta alto percentual de grãos na massa ensilada. "O ideal, explica Jair, seria que a concentração ficasse acima de 40 por cento". Considera ser esta uma forma do produtor produzir silagem de alta qualidade energética, "pois é nos grãos que está a energia.

AVALIAÇÃO - Nas três áreas implantadas na região da Cotrijuí, onde foram colocados em avaliação os materiais - indicados pelas próprias empresas - Cargill 525, Pioneer 3232, Braskalb 670, Germinal 5775 e Dinamilho 771, foram avaliados características como produção de massa verde, percentual de massa seca - tanto para a planta inteira como para grãos - relação de matéria seca de grãos na matéria seca total, densidade, número de espigas/hectare, percentual de plantas quebradas e altura da planta. As avaliações foram realizadas no estágio de grão farináceo duro.

Na média das três áreas, a produtividade ficou em 39.700 quilos por hectare de massa verde; 14.000 quilos por hectare de massa seca, com relação de 20 por cento de grãos na massa seca total, conforme mostra a tabela. A densidade média das áreas avaliadas foi de 50.691 plantas por hectare e a média do número de espigas por hectare foi de 48.381. A área de Ajuricaba, implantada na propriedade de Diamantino Calgaro, localizada em Linha 29, foi, entre as três, a que apresentou o melhor desempenho, alcançando uma produtividade de 50.130 quilos por hectare de massa verde; 18.083 quilos por hectare de massa seca da planta inteira; 4.979 quilos por hectare de massa seca de grãos e uma relação de 27,78 por cento de massa seca de grãos na massa total. "Este desempenho mostra que é possível com adubação e manejo adequados obter excelentes produtividades de áreas de milho para a silagem em nossa região, insiste Jair.

No planejamento da próxima safra, o trabalho de avaliação de materiais híbridos para a produção de silagem já está acertado. Deverão ser implantadas no mínimo três áreas demonstrativas, "além de um trabalho experimental a ser realizado no Centro de Treinamento da Cotrijuí, onde todos os materiais terão as mesmas condições de solo, ambientes, densidade.

AVALIAÇÃO DAS ÁREAS DEMONSTRATIVAS DE MILHO PARA SILAGEM, MÉDIA DE 3 LOCAIS (IJUÍ, AUGUSTO PESTANA E AJURICABA) - COTRIJUÍ 1992/93

Híbridos	Planta inteira		Grãos				MS grãos/	Nº espigas P/ha	Densidade (Pl/ha)	Plantas quebradas (%)	Altura plantas (%)
	MV (kg/ha)	MS (%)	MS (Kg/ha)	MV (Kg/ha)(%)	MS (Kg/ha)	MS MS total (%)					
C-525	42.476	32,10	13.844	6.550	45,82	3.082	20,50	49,970	55.550	0,00	203
P-3232	37.565	38,00	14.585	7.060	51,41	3.752	25,06	49.454	51.111	0,20	222
XL-670	44.300	32,45	14.721	4.425	40,25	1.898	11,60	44.726	46.254	0,30	246
G-5775	35.082	36,38	12.889	5.230	48,08	2.594	19,30	41.718	41.466	0,50	218
D-771	39.083	35,33	14.120	7.316	47,02	3.588	24,67	56.038	59.075	0,60	213
MÉDIA	39.701	34,85	14.032	6.118	46,52	2.983	20,23	48.381	50.691	0,92	221

PRODUTIVIDADE

3069

INSIDER

O SUPER PRECOCE CAMPEÃO DE PRODUTIVIDADE COMPROVA SEU POTENCIAL NO SUL.

Auri Adams - Caibaté - RS

HÍBRIDO	Área/ha.	Rend. Kg/ha	Sacas/ha
P-3069	10,0	8.200	136,6

Paulo Sérgio Missel Biancon - Seberi - RS

HÍBRIDO	Área/ha.	Rend. Kg/ha	Sacas/ha
P-3069	10,0	7.320	122

Arlindo Quinto Guareschi - Colorado - RS

HÍBRIDO	Área/ha.	Rend. Kg/ha	Sacas/ha
P-3069	8,0	6.900	115

SEMENTES • MARCA PIONEER®

O SUCESSO DA PRÓXIMA SAFRA COMEÇA AGORA. Entre em contato com o representante PIONEER.

O desinfetante na sanidade dos animais

César Avancini, da UFRGS, veio a Ijuí para falar a produtores e técnicos sobre Desinfecção e Desinfetante nos rebanhos bovinos e suínos

Técnico e produtores
A desinfecção como fator importante na sanidade dos animais

César Avancini

"O trabalho do desinfetante é evitar que uma doença aconteça", foi explicando o mestrando em Medicina Veterinária Preventiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Cesar Avancini, procurando diferençar desinfecção de vacinação. César Avancini, que também integra a equipe do Centro agrícola Demonstrativo da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, veio a Ijuí para falar para técnicos e produtores associados da Cotrijuí sobre Desinfecção e Desinfetantes.

Capítulo à parte dentro da medicina veterinária preventiva, a desinfecção tem por objetivo interromper ou evitar que uma doença ocorra num animal. Caso ela já tenha se manifestado, a desinfecção vai atuar na interrupção do processo da doença. Enquanto a vacinação, que também é uma forma de prevenção de doenças, atua no organismo do animal, o desinfetante procura agir sobre as bactérias, os vírus, os protozoários ou sobre os elementos patogênicos causadores da doença e que precisam ser combatidos no ambiente", avisa. No caso da atividade leiteira, formam o ambiente: as mãos, o piso do estábulo, o teto dos animais, a ordenhadeira, o balde. "São todas as coisas que fazem parte do cotidiano do produtor e da vida do animal", explicou o médico veterinário da Prefeitura de Porto Alegre, defendendo a necessidade do processo de contaminação ser interrompido, apesar de fazer parte da natureza. Embora elas sejam consideradas perigosas, as bactérias fazem parte do meio ambiente e têm uma função importante, "mas precisam ser atacadas", disse.

CATEGORIAS - O desinfetante, conforme explicou César Avancini, se apresenta em três categorias: físico, biológico e químico. Por desinfetante físico, colocou a ação mecânica de fazer uma limpeza. O próprio uso do calor não deixa de ser uma forma de desinfecção. É o caso do uso da vassoura de fogo nas pocilgas ou aviários. Esse é conhecido como calor seco. Ainda pode ser usado o calor úmido - o ato de colocar em fervura uma seringa de injeção, por exemplo e a radiação, que nada mais é do que os raios do sol. Para ilustrar esse tipo de ação mecânica, César lembrou de uma antiga máxima muito usada pelos próprios produtores: "onde entra o sol não entra o remédio". Insistindo ainda neste ponto, disse que em lugar onde bate o sol e é bem arejado, a condição de saúde é muito maior". "O sol é o desinfetante mais econômico que existe".

Como desinfetante biológico, citou o exemplo da compostagem, o uso de ervas medicinais como a carqueja, a manjerona e a hortelã.

Mas os desinfetantes mais usados são os químicos, "razão pela qual é preciso saber usá-los corretamente". Nem todos os que existem no mercado são iguais e apresentam a mesma eficácia. "Cada um deles tem sua especificidade", ressaltou. Alguns deles não atuam no frio, embora muitos produtores desconheçam essa particularidade e os guardam em câmaras frias. Disse que o que parece ser um detalhe, acaba influindo na eficácia do produto. Ao usar mal um produto, esse produtor estará contribuindo para que o microorganismo causador da doença crie resistência. "Por isso a importância de saber trabalhar com o produto", chamou a atenção o médico veterinário. Deve-se procurar não utilizar sempre o mesmo desinfetante - um só nome comercial -, pois tendo-se em vista que cada um age sobre certos microorganismos, o uso alterado de vários nomes comerciais faz com que se mantenha um equilíbrio de microorganismos não patogênicos no ambiente.

Por outro lado, o uso indiscriminado de um mesmo desinfetante por muito tempo acarreta a seleção de certos microorganismos resistentes, e certamente isto é indesejável na propriedade.

SUINOCULTURA

Coordenação do Supervisor de Suinocultura da Cotrijuí, o médico veterinário Gerson Madruga

Custo de produção ao alcance de todos

Em vez de dispensar maior atenção ao custo de produção, o suinocultor fica muito mais preocupado com o preço do dia pago pelo quilo de suíno. Os fatores que determinam o preço de mercado têm a ver com a política econômica atual e dizem respeito ao poder de aquisição da população, ao consumo per capita, a política de exportação de carne suína, entre outros, todos eles fora do alcance da influência do suinocultor na hora da formação dos preços. Já os custos de produção podem muito bem ser manejados pelo próprio suinocultor e adequado à realidade de cada granja.

Evidentemente que o custo de produção de suínos para abate varia de granja para granja. Ele é influenciado pelo nível tecnológico, pela eficiência técnica, pela produção própria dos insumos utilizados, pela assistência técnica, entre outros. Um fator importante para se definir um custo de produção numa granja são os "apontamentos" feitos na propriedade. Estes "apontamentos" estão dentro do esquema de gerenciamento que precisa fazer parte de uma propriedade mas que, infelizmente,a maioria dos produtores ainda não se conscientizou da sua necessidade. Em suinocultura, o gerenciamento é tão importante quanto o manejo, a genética, a nutrição, as instalações e a sanidade. O suinocultor precisa terminar com a ojeriza que adquiriu em relação a apontamentos. Um custo fiel de produção de uma propriedade vai depender da eficiência dos dados levantados na granja. Os especialistas afirmam que apenas 10 a 15 minutos por dia - de duas a três horas por mês - são suficientes para a coleta de dados numa granja e que o retorno é superior a 300 por cento do valor investido em material e tempo necessário para fazer os apontamentos.

A composição de um custo de produção para suínos é feito a partir dos custos fixos e dos custos variáveis. Para os custos fixos contribuem as depreciações das instalações e equipamentos, os juros sobre capital médio, capital aplicado em reprodutores e animais em estoques, representando em torno de 9,5 por cento do custo total. Os custos variáveis são feitos a partir das despesas com alimentação, mão-de-obra, produtos veterinários, transporte, energia e combustível, manutenção e conservação, despesas financeiras, Funrural, representando em torno de 90,5 por cento do custo total. Somente o item alimentação contribui com 68 a 70 por cento do custo total ou 77 por cento dos custos variáveis.

O Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves/Embrapa, divulgou um documento em 1992 com o título "Análise Perspectiva do Complexo Agroindustrial de Suínos no Brasil", onde faz a seguinte conclusão: "sem considerar outros aspectos como aproveitamento de dejetos, maior produtividade de mão-de-obra, alimento alternativo, entre outros, a soma dos ganhos tecnológicos abaixo especificados chega a 31,5 por cento, quase um terço do custo total da produção".

Por ordem decrescente dos fatores tecnológicos, a redução com **custo de alimentação**, poderá baixar até 15 por cento do custo total através da eficiência na conversão alimentar e redução no custo da ração. Em segundo lugar, o **custo do animal** que representará uma redução de 10,5 por cento, onde prevê-se uma melhoria na eficiência, passando dos atuais 18 leitões porca/ano para 23 até o ano 2.000. Aumentar a taxa de desfrute, saindo dos atuais 131 por cento para 160 por cento ao ano em rebanhos tecnificados. Considerar também uma redução na taxa de mortalidade. Em terceiro lugar, aparece o **custo de reprodutores**. Este poderá reduzir em até 3 por cento o custo total através da utilização intensiva da Inseminação Artificial.

Em quarto lugar aparece o fator **custo do capital fixo**, que também contribuirá com uma redução de 3 por cento do custo total, com o aumento de 8 para 15 porcas por criação, de 18 para 23 leitões porca ao ano e de 144 para 345 suínos terminados/ano. Estes resultados possibilitarão uma diluição dos custos financeiros e consequente redução do capital físico.

Nestas considerações, nota-se que a definição do custo de produção é extremamente complexa, mas não impossível de ser calculado. No nosso entender, a permanência dos produtores na atividade dependerá também de um eficaz conhecimento e controle do custo de produção da propriedade. Acreditamos que eles só poderão estabelecer um plano de produção com pleno conhecimento da relação receita/despesa, que, em última análise, mostrará o lucro ou eventual prejuízo durante um determinado período. Com certeza, um grande desafio. Para continuar é preciso vencê-lo.

ARGEMIRO LUÍS BRUM

O que vai pelo mundo

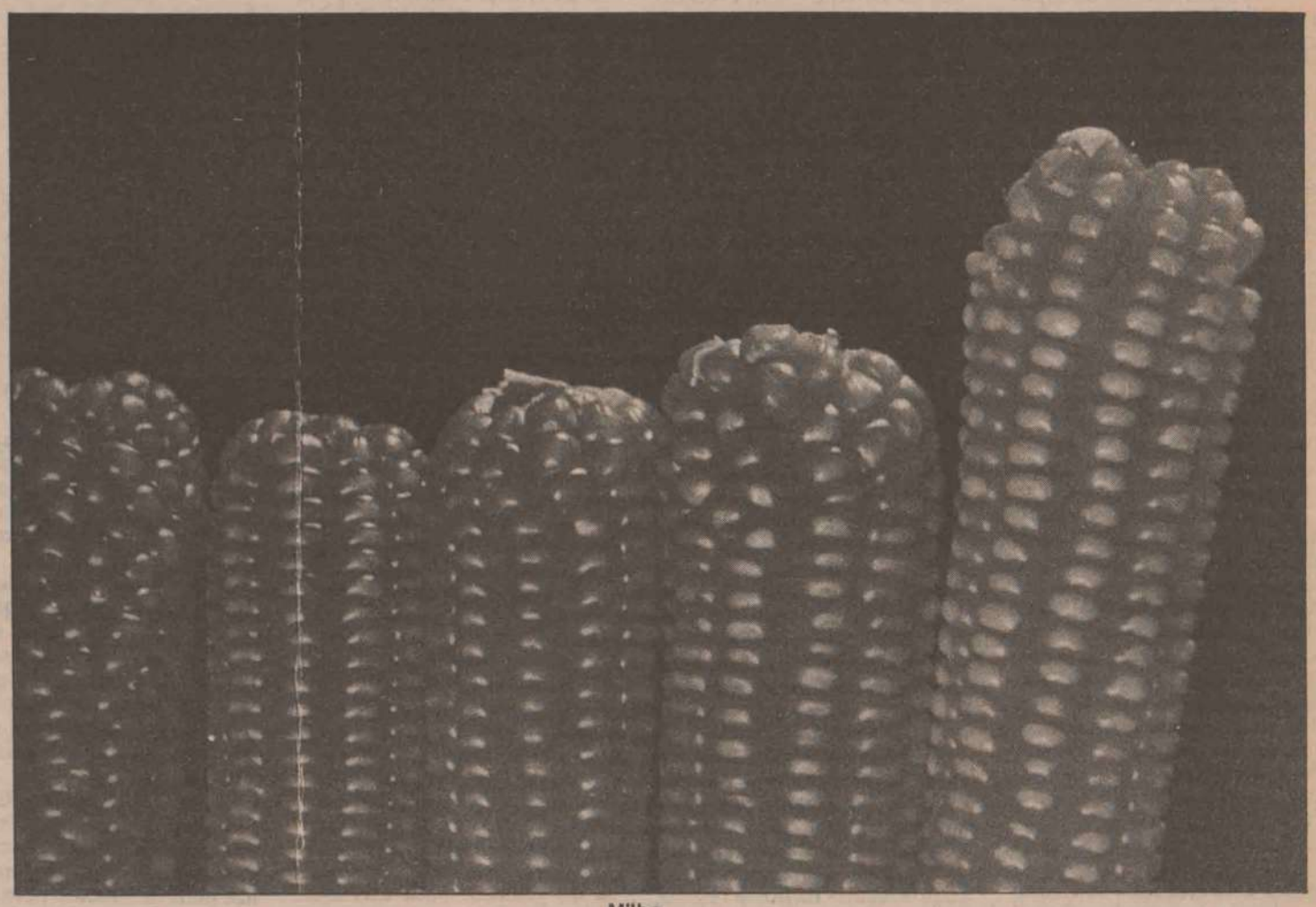
A queda na produção de rações animais da CEE, a pretensão do governo dos Estados Unidos de investir comercialmente na Ásia e a ajuda dos norte-americanos à ex-URSS são fatores que afetam a economia agrícola mundial

Diariamente o mundo se vê às voltas com fatos que alteram a economia agrícola. Alguns de ordem mais regional, outros de natureza mais internacional, porém, todos de extrema importância. O somatório destes acontecimentos acaba influindo praticamente em todas as partes na medida em que hoje a economia está globalizada e mundializada, como mostram os acontecimentos que passam a ser analisados.

CAI A PRODUÇÃO EUROPÉIA DE RAÇÕES ANIMAIS

A Comunidade Econômica Européia, principal importador de grãos e farelos de soja do mundo, viu sua produção de rações animais cair no ano passado. A mesma ficou em 106,7 milhões de toneladas contra 108 milhões registradas em 1991 - não incluindo a Grécia, porém, acrescentando a produção da ex-RDA, hoje incorporada a CEE através da ex-Alemanha Ocidental, cuja produção caiu para 2,1 milhões de toneladas em 1992 contra 3,1 milhões no ano anterior. A ração para bovinos registrou a principal queda - 4,9 por cento, chegando a 32,15 milhões de toneladas. Enquanto isto, a ração para aves praticamente se estabilizou - queda de apenas 0,1 por cento - em 30,39 milhões de toneladas. Já o volume produzido em ração para suínos ficou idêntico ao produzido em 1991 - 37,44 milhões de toneladas.

O principal país produtor de rações, no global, continua sendo a França com 19,36 milhões de toneladas - um crescimento de 1,0 por cento em relação a 1991. Em segundo lugar vem a Alemanha com 18,45 milhões, acusando um sensível recuo de 9,5 por cento em relação a 1991. A menor produção se encontra na Irlanda - 2,5 milhões de toneladas. Dos países membros da CEE que mais progrediram na produção de rações animais, a Dinamarca assume a liderança com um crescimento de 7,2 por cento em 1992, para atingir um total de 5,42 milhões de toneladas. Na França, a grande produção se concentra na produção de ração para aves - 7,68 milhões de toneladas -, enquanto na Alemanha os bovinos continuam liderando com 7,53 milhões. Na verdade, estes dois países são os maiores produtores respectivamente destes dois tipos de ração. Já para suínos, a liderança fica com a Holanda com 7,32 milhões de toneladas em 1992. Quanto à categoria "diversos" - ração para ovinos, além de cachorro, gato, peixe, coelho e outros animais domésticos - a liderança também fica para a França - 1,48 milhão de toneladas no ano passado. O total produzido na CEE com este tipo de ração atingiu a 6,69 milhões de toneladas em 1992.



Milho
Em 100 anos, os Estados Unidos já exportaram mais de 1 bilhão de toneladas do produto

COMÉRCIO AGRÍCOLA NOS EUA: ÁSIA, OBJETIVO PRIMEIRO

A intensificação do comércio, em particular agrícola, com a Ásia é uma das prioridades do novo governo norte-americano. Neste sentido, os Estados Unidos trabalham forte junto aos países membros da Cooperação Econômica Ásia-Pacífico que reúne 13 países da Ásia, mais a Austrália, o Canadá e os Estados Unidos, a fim de concluir um acordo de livre-comércio naquela região.

As perspectivas são grandes, pois a referida região possui mais de três bilhões de pessoas - metade da população do Planeta - e está na origem de 40 por cento das trocas comerciais feitas no mundo. A região está investindo bilhões de dólares na modernização de sua indústria e transporte. Entre todos os países, a China é o que vem se destacando pela rapidez e tamanho de seu crescimento. Tudo indica que ela poderá se tornar o líder econômico da região na medida em que o Japão patina e entra em conflito comercial seguidamente com os Estados Unidos.

Os maiores esforços de aproximação estão sendo feitos na área agrícola em função do potencial de consumo que a região apresenta. Acontece que a maior parte dos países da região possui uma forte política protecionista para a sua agricultura. É visando abrilas aos seus interesses que os Estados Unidos buscam negociar um acordo de livre-comércio com a região.

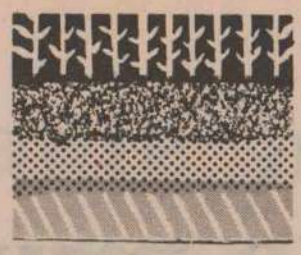
A AJUDA NORTE-AMERICANA À EX-URSS NÃO FAVORECEU OS CEREAIS

A recente ajuda norte-americana, dada no início de abril passado, a ex-URSS, no valor de 700 milhões de dólares acabou, na prática, decepcionando os produtores de cereais dos Estados Unidos. De fato, um dos setores mais beneficiados foi a manteiga com 66,5 milhões de dólares, sem falar que 29 por cento da soma total estão sendo usadas em custos de transportes - o custo dos navios norte-americanos se situa entre 70 a 120 dólares a tonelada contra 25 a 30 dólares a tonelada praticados no mercado mundial. Graças a uma lei interna, os transportadores norte-americanos acabaram ganhando o frete para a ex-URSS. No detalhe, a ajuda norte-americana se repartiu assim: 56 milhões de dólares para o trigo; 227,5 milhões de dólares para o milho: 100,5 milhões de dólares para o farelo de soja e 40 milhões de dólares para outros produtos agrícolas como amendoim, óleos vegetais, arroz e aves.

O MILHO NO COMÉRCIO NORTE-AMERICANO

Em um século, os Estados Unidos exportaram 1,27 bilhão de toneladas de milho. Em 1988, as exportações acumuladas com este cereal atingiam apenas 25 milhões de toneladas. Sem dúvida nenhuma, o milho é um produto essencial na economia agrícola norte-americana, servindo de exemplo a outros países produtores. Apenas no ano passado, a colheita de milho nos Estados Unidos chegou a 240,7 milhões de toneladas. Isto representa mais de 38 por cento da safra mundial, estimada em 627,2 milhões de toneladas para 1992/1993. A título de comparação, a produção brasileira girou em torno de 27,1 milhões de toneladas e a da Argentina, em 10,5 milhões.

Argemiro Luís Brum é professor da Unijuí, doutor pela EHESS de Paris, França, e coordenador da Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos do Mercado Agropecuário - CEEMA



SOLOS

Coordenação do eng.agr. Rivaldo Dhein /CTC e do Clube Amigos da Terra de Ijuí

Cuidados na implantação do milho

Ivan Agostini

O atual sistema de exploração agrícola baseado na sucessão trigo-soja, tem induzido a um processo acelerado de degradação dos atributos físicos, químicos e biológicos do solo e a um perigoso desequilíbrio de todo o sistema ambiental. Neste sentido, torna-se urgente e imprescindível, a adoção de uma nova postura, adotando um sistema de produção mais adequada a nossa realidade. Um modelo ideal de exploração agrícola pressupõe a correta utilização da terra sem a degradação do solo e dos demais recursos naturais, através da combinação do planejamento agroecológico com o sócio-econômico.

Neste planejamento, deve-se buscar a otimização do uso dos fatores de produção-terra, trabalho e capital como forma de assegurar a sustentação econômica da atividade agrícola sem incorrer em prejuízos dos recursos ambientais. Diante desta realidade, uma nova concepção de sistema de produção está sendo adotada e com sucesso, por produtores inovadores respaldados pela pesquisa. Este sistema, baseado na utilização do **Plantio Direto na Palha com Rotação de Culturas** tem-se mostrado eficiente tanto do ponto de vista conservacionista como econômico.

Com relação a rotação de culturas, existem vários sistemas propostos. Mas em todos os sistemas, sem exceção, a cultura do milho é insubstituível devido a suas peculiaridades. Neste sentido, podemos destacar:

* produção de grande quantidade de material orgânico;

* menor incidência de plantas daninhas de folhas largas na soja em alternância com o milho;

* maior retenção de umidade no solo pela presença de volume de resíduos;

* maior estabilidade de produção;

* racionalização do uso de mão-de-obra e equipamentos;

* aproveitamento pelo milho, do nitrogênio fixado biologicamente por leguminosas;

* permite a quebra do ciclo de pragas e doenças;

* alto potencial de produção;

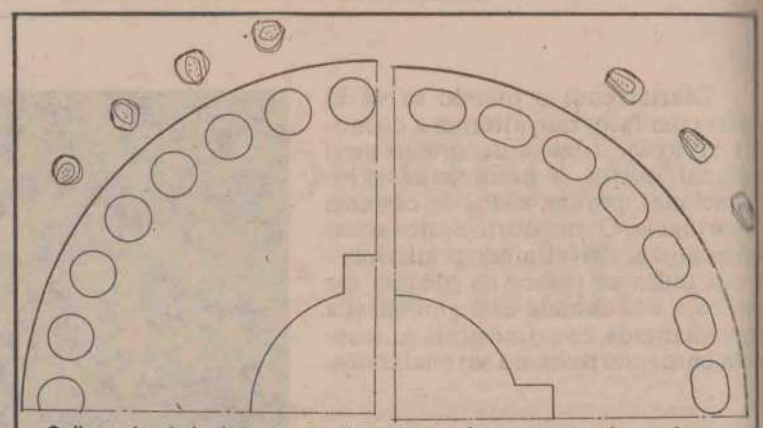
* possibilita o aumento de produtividade da soja após o milho.

No entanto, o milho para ser viável economicamente, necessita receber cuidados adequados para que tenha explorado de maneira mais eficiente todo o seu potencial de produção - na nossa região, é possível obter produtividades superiores a 9 toneladas por hectare.

IMPLANTAÇÃO DA CULTURA - A implantação apropriada da cultura do milho está estreitamente associada ao fracasso ou sucesso por ocasião da colheita. A desuniformidade na distribuição de semente no sulco - grãos duplos - e as falhas comprometem o desempenho da cultura, alterando os componentes de rendimento. O ideal então é que a semente de milho seja semeada uma a uma guardando o mesmo intervalo entre sementes, de modo a conseguir-se o número de plantas pré-determinado para a área.

Com relação a semeadura, muitas dúvidas têm surgido por parte dos produtores. Pretendemos aqui esclarecer alguns pontos:

* **Escolha de discos** - O sistema mais empregado para a semeadura de milho é o de discos alveolados - perfurados. Em cada furo do disco deve ficar alojado apenas uma semente. Portanto, o furo do disco deve ser de acordo com o tamanho e o formato da semente a ser utilizada. A espessura da semente também exige um disco de espessura semelhante. Recomenda-se que as sementes sejam adquiridas com antecedência, para que os respectivos discos sejam providenciados, evitando-se assim, atropelos na hora do plantio. Para escolher o disco adequado, deve-se fazer a prova com um determinado número de sementes sobre uma mesa. Verificar se as mesmas entram com facilidade nos furos. O lado escariado do furo do disco deve ficar para baixo. Os raspadores e os roletes, devem ser revisados antes do plantio. Quando montar o disco na semeadeira, verificar se está girando livremente.



O disco alveolado deve ser escolhido de acordo com o tamanho e a forma da semente

A expessura do disco deve ser de acordo com a expessura da semente a ser utilizada

* **Velocidade da semeadeira** - Sabe-se que quanto menor a velocidade de semeadura, mais uniforme será a distribuição das sementes. Recomenda-se que na semeadura de milho, não seja ultrapassado o limite de 4 quilômetros por hora.

* **Uso de grafite** - O grafite é um lubrificante sólido que quando misturado com a semente, faz com que esta deslize mais facilmente pelo sistema de dosagem. Para 20 quilos de sementes de milho, uma quantidade de 3 a 4 colheres de grafite é o suficiente para melhorar a distribuição de sementes.

* **Condutores de semente** - As mangas condutoras de sementes devem ser sempre lisas e rígidas. Outro detalhe que deve ser observado, é a posição vertical que o condutor deve ficar. Mangueiras inclinadas comprometem a uniformidade da distribuição de sementes.

Ivan Agostini é engenheiro agrônomo da Imasa - Ijuí

ESTABILIDADE

3230

INSIDER

O MILHO DE MAIOR SUCESSO NO ESTADO COMPROVA A ESTABILIDADE DE PRODUÇÃO.

Mário Klein - Colorado - RS

HÍBRIDO	Área/ha.	Rend. Kg/ha	Sacas/ha
P-3230	8,0	8.340	139

Antônio e Artur Rigo - Erechim - RS

HÍBRIDO	Área/ha.	Rend. Kg/ha	Sacas/ha
P-3230	100,0	8.400	140

Osmar Bragagnolo - Erechim - RS

HÍBRIDO	Área/ha.	Rend. Kg/ha	Sacas/ha
P-3230	4,5	9.780	163

SEMENTES • MARCA PIONEER®

O SUCESSO DA PRÓXIMA SAFRA COMEÇA AGORA. Entre em contato com o representante PIONEER.

LEITE

Terneiras e novilhas para os produtores de Tenente Portela

Os produtores de leite de Tenente Portela aproveitaram os recursos repassados pela CCGL para serem aplicados no fomento da atividade leiteira e adquirirem animais

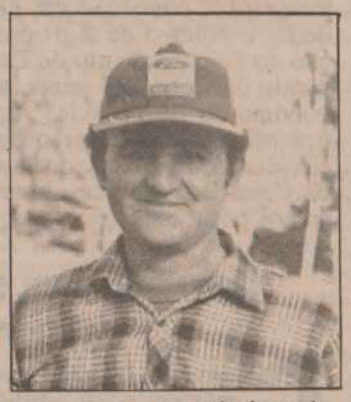
As terneiras e novilhas
Os produtores vão pagar os animais com leite num prazo de 14 meses

Dos recursos repassados à Cotrijuí pela CCGL para serem aplicados no fomento da atividade leiteira em toda a região, Cr$ 805 milhões foram destinados ao Fundo de Fomento da Pecuária de Leite de Tenente Portela. A esse volume de recursos, a Comissão Municipal de Produtores de Leite juntou os recursos do Fundo de Fomento à Produção do município, que ainda não haviam sido utilizados, e adquiriu 50 animais, entre novilhas e terneiras, para serem distribuídas entre os associados.

Os animais foram selecionados, entre os produtores da região de Bagé, pelo médico veterinário Daniel Heuser e pelo engenheiro agrônomo Luiz Fernando Zordan, ambos do Departamento Agrotécnico da Unidade de Tenente Portela. No dia 21 de junho, com a presença do gerente da Unidade, Luiz Fernando Konzen, do coordenador da Comissão Regional dos Produtores de Leite, Gentil Minuzzi, do conselheiro Enor Carniel, de representantes e associados, Daniel Heuser e Luiz Fernando Zordan, responsáveis pelo programa de Pecuária Leiteira da Cotrijuí no município, fizeram o sorteio dos animais entre os produtores previamente inscritos.

DESAFIO - A região de Tenente Portela produz atualmente em torno de 12 mil litros de leite/dia. Aumentar esse volume é um desafio para os produtores de leite no município, segundo colocação do gerente da Unidade, feita durante a realização do sorteio dos animais. Disse também que esse desafio só será vencido na medida em que os produtores passarem a investir com mais rigor em cima do melhoramento genético dos animais e na alimentação. "São duas pontas que precisam ser atacadas juntas", disse ainda Luiz Fernando Konzen, entendendo ser esta a única forma de superar a média de 14 litros/dia por produtor que vem sendo alcançada no município.

Os 50 animais distribuídos entre os associados da Unidade de Tenente Portela - 35 novilhas e 15 terneiras, todas da raça holandesa - serão pagas em produto, num prazo de 14 meses. Por decisão da própria Comissão, foi eliminado o período de carência de dois meses estabelecido pela CCGL para início do pagamento da dívida



Anselmo da Rocha

contratada através do empréstimo do recurso para comprar um animal. Com isto, em vez de iniciar o pagamento em outubro - sobre a produção de setembro próximo -, os produtores começam a pagar seus animais em agosto, com a produção de leite de julho. O custo de cada novilha corresponde a 175 litros de leite/mês e o da terneira a 130 litros de leite/mês", explica Luiz Fernando Zordan.

DEVAGAR - "A inseminação artificial ajuda, mas anda devagar", dizia o representante da Cotrijuí, Anselmo Garcia da Rocha, um dos produtores inscritos para receber uma novilha. Proprietário de 32 hectares localizados em Lajeado Bonito, Anselmo estava adquirindo a terceira novilha naquela tarde. Do plantel de 20 animais, cinco foram obtidos através da inseminação artificial. Ainda não está satisfeito com a produção "que precisa ser melhorada", mas está decidido a fazer do leite uma atividade agregadora de receitas à propriedade.

Para o seu Anselmo, este recurso está vindo em boa hora, pois para o pequeno, que está querendo crescer na atividade, é uma excelente oportunidade de fazer algum investimento, sem grandes sacrifícios. "Qual o produtor que não vai poder pagar 175 litros de leite por mês", indagou o representante da Cotrijuí, defendendo no entanto, o uso deste recurso para pequenos produtores que realmente tenham interesse em fazer a atividade leite andar e que sejam interessados, "que participem de reuniões técnicas, de dias de campo, palestras, cursos. "Além disso, esse produtor tem que apresentar as mínimas condições de infra-estrutura na propriedade para manter esses animais", levanta ainda Anselmo.

COLUNA DO LEITE

Coordenação do Supervisor de Pecuária Leiteira da Cotrijuí, Jair da Silva Mello com a colaboração de Rosenei Jaime Agostini, da Área de Leite

Aplicação dos recursos repassados pela CCGL

Com os Cr$ 22,6 bilhões repassados pela CCGL para a Cotrijuí, para serem aplicados no fomento à produção de leite na região, já foram adquiridos, até o momento 36 ensiladeiras tratorizadas que deverão ser repassadas a grupos de produtores e vários trituradores de grãos. Os trituradores já se encontram à disposição nas unidades da Cotrijuí de toda a sua área de ação para serem trocados por leite.

A partir do mês de agosto, os produtores terão à sua disposição nas unidades, sementes de milho e fertilizantes para a implantação de áreas destinadas a silagem. A escolha da área, adequada para a cultura, densidade de sementes e a adubação são fundamentais para que o produtor não só consiga alcançar uma boa produção de massa como também chegar a um produto final de qualidade. Ainda em agosto, a Cotrijuí estará realizando a troca de sementes forrageiras e de fertilizantes por leite, para a implantação de pastagens de verão.

Os recursos repassados pela CCGL também estão sendo aplicados através do Fundo de Fomento à Pecuária de Leite. Cada unidade recebeu recursos proporcionais à produção de leite e, a aplicação ficará a cargo do Fundo que, em comum acordo com os produtores, deverá eleger as prioridades do município. Os produtores interessados em usar parte deste recurso no fomento à atividade leiteira na sua propriedade, deverão procurar a sua Unidade e proceder solicitação de verba. A liberação do recurso está a cargo do Fundo local, constituído pelo gerente da Unidade, por um representante do Departamento Agrotécnico e dois produtores integrantes da Comissão de Leite. As unidades da Cotrijuí de Tenente Portela e Augusto Pestana já utilizaram parte dos recursos através do repasse de novilhas e vacas aos produtores de leite interessados.

Além de ensiladeiras, trituradores e animais, os produtores também poderão financiar a melhoria das instalações de ordenha, correção do solo para pequenas áreas de pastagens e ou silagem; a implantação de pequenas áreas de alfafa - de 1.000 a 5.000 metros quadrados - e a compra de animais. A proposta, com este recurso, é fazer com que um maior número possível de produtores se beneficiem deste recurso, o que poderá auxiliá-lo na melhoria dos índices de produção e produtividade da atividade leiteira na Cotrijuí. Todos os financiamentos estão acontecendo no sistema troca por leite, com pagamento em até 12 parcelas, a partir de setembro próximo.

Granelização da coleta de leite

Continua em andamento o sistema de granelização da coleta de leite na área de ação da Cotrijuí. Até o momento - isso em 1993 - já foram granelizadas três linhas do Posto de Ijuí e uma no Posto de Recebimento de Tenente Portela. Até o final de julho mais duas linhas do Posto de Ijuí terão a sua coleta granelizada. A prioridade é para linhas que vêm resfriando totalmente o leite, possuem uma boa qualidade higiênica-sanitária do produto e que estão cercadas de boas estradas. Muitas linhas estão sendo trabalhadas e o objetivo é granelizar todas aquelas que se enquadrarem dentro das exigências.

IIª Mostra da Terneira e da Novilha Leiteira dos Associados da Cotrijuí

Pelo segundo ano, a Cotrijuí realiza, no período de 16 a 18 próximo, a IIª Mostra da Terneira e da Novilha Leiteira. No dia 16 acontece o recebimento dos animais, dia 17 o julgamento e, a partir das 14:00 horas demonstração de equipamentos para feno e silagem e, no dia 18, visitação e comercialização dos animais que estiverem à venda. A IIª Mostra acontece no Parque de Exposições Assis Brasil, de Ijuí. É mais uma oportunidade para que os produtores avaliem o potencial genético dos animais e troquem experiências quanto ao sistema de criação de terneiras e novilhas.

Preço do leite

Desde o dia 1º de julho, o leite esta com novo preço. O reajuste foi na ordem de 31,59 por cento com relação ao preço de 1º de junho. Leite cota consumo..... Cr$ 13.225,00..... o litro.

VITICULTURA

Com planejamento o resultado aparece

Três pesquisadores da Embrapa de Bento Gonçalves vieram a Ijuí falar aos produtores sobre implantação de vinhedos, tratamentos culturais, novas variedades, doenças e pragas.

É através dos tratos culturais que se vai propiciar que as plantas tenham boa produção e boa qualidade. O manejo que se vai fazer no solo, que se vai fazer na parte aérea da planta, interfere na qualidade e na produtividade do vinhedo. Esse o alerta dado pelo pesquisador do Centro Nacional de Cultura da Uva e do Vinho/Embrapa de Bento Gonçalves. Francisco Mandelli esteve em Ijuí participando do Curso de Viticultura promovido pela Cotrijuí para falar a produtores, técnicos e estudantes sobre a Importância do Trato Cultural na condução de um parreiral.

Antes de entrar no aspecto técnico da palestra, Mandelli convidou os produtores, especialmente aqueles que ainda estão pensando em trabalhar com viticultura, para que avaliem muito bem o seu propósito. Disse ser importante partir de um planejamento muito bem feito para se chegar ao objetivo final. Esse planejamento sugerido deve começar pelo conhecimento do mercado que vai ser colocado a produção, "caso o produtor opte pelo propósito comercial", disse. Após esse reconhecimento, a propriedade é quem deve entrar em avaliação, pois é preciso saber se realmente ela é apta para a viticultura. Identificadas todas estas questões, é só partir para um bom preparo do solo, prosseguindo com a escolha do material sadio, tanto do porta-enxerto como da copa e concluindo com a realização de tratos culturais adequados. "Essa sequência toda é que vai garantir o êxito do novo empreendimento", avisou Mandelli.

Francisco Mandelli

TIPOS DE PODAS - Para quem já está na atividade e tem seus propósitos claramente definidos, Mandelli falou sobre os diferentes tipos de podas. Mas foi logo avisando: poda não se faz ao acaso. Antes de fazê-la, o produtor precisa conhecer muito bem a planta, e sua forma de frutificação. Disse que as parreiras comuns, tipo Niágara, Isabel e Francesa Preta respondem muito bem ao mesmo tipo de poda. "O importante da poda é conseguir equilíbrio entre a parte vegetativa e a frutificação", disse ele.

A primeira poda a ser feita, é a de formação, aquela responsável pelo bom sistema radicular da planta. O passo seguinte é o da poda de frutificação ou de produção. Para o período de inverno, recomendou a poda seca e, para o período vegetativo, a poda de ramalhetes ou verde, como também é conhecida. A poda verde serve para dar uma pequena corrigida na poda seca, quando são eliminados alguns brotos, "o que possibilita melhores condições para o cacho se desenvolver."

Pragas e doenças

"A preocupação com o controle das pragas deve acompanhar o produtor sempre", avisou logo de início o pesquisador Saulo de Jesus Soria Vasco, formado em Agronomia pela Universidade de Visconsin, nos Estados Unidos. Saulo Vasco, também ligado a Embrapa de Bento Gonçalves, veio a Ijuí, juntamente com Francisco Mandelli e Olavo Roberto Sônego, para participar do Curso de Viticultura e falar sobre Pragas. Disse que a secularidade da videira é que a torna uma planta frágil e suscetível ao ataque de pragas.

Tanto as doenças como as pragas que atacam o vinhedo são consideradas pelo Saulo Vasco como universais, já que seu ataque ou incidência não se restringem a apenas determinadas regiões. Em relação às pragas, disse que maior ou menor incidência vai depender das variedades. As americanas, por exemplo - Niágara, Francesa Preta e Isabel, as mais cultivadas na região e utilizadas para consumo in natura e fabricação de suco ou vinho comum - exigem, segundo o pesquisador, menos cuidados que as cultivares européias. As uvas de mesa são ainda mais delicadas.

AS PRAGAS - A filoxera, uma praga do sistema radicular, tem causado alguns prejuízos aos produtores. Para evitar o ataque desta praga, só usando cavalos resistentes. "Todo o produtor que vai iniciar no vinhedo, precisa começar usando cavalos resistentes, que permitam o convívio da parreira com essa praga", observou Saulo Vasco alertando para os prejuízos que a mesma pode acarretar.

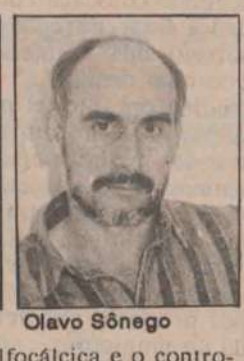
Outra praga a ser levada em conta pelo produtor da região é a conhecida como "pérola da terra". Ela parasita as raízes da videira e é capaz de dizimar o vinhedo em pouco tempo se não forem tomados cuidados necessários. Os cuidados, neste caso, são preventivos. Ou seja, devem começar pela implantação do vinhedo, quando o produtor precisa recorrer a material livre de pragas, fazer uma boa manutenção, uma boa calagem e fertilização, e ainda tomar cuidados adicionais que tenham como objetivo o vigor da planta. "Só um vinhedo vigoroso pode resistir a essa praga", observou lembrando que a pesquisa vem trabalhando nesta área, tentando encontrar um material resistente.

DOENÇAS - A videira é uma planta perene, muito suscetível ao ataque de doenças, podendo ser atingida por aquelas que atacam a parte aérea, as folhagens, os cachos ou através do solo. Para falar sobre as principais doenças que atacam a videira, participou do Curso de Viticultura, como palestrante, o pesquisador Olavo Roberto Sônego, especialista em fitopatologia. Segundo o pesquisador, as doenças são praticamente as mesmas de uma região para outra. "O que pode mudar é a intensidade de cada uma delas", disse lembrando que as variedades cultivadas aqui na região, de origem americana, são mais resistentes do que as cultivadas na região de Bento Gonçalves.

AS PRINCIPAIS - Como principais doenças que atacam a parte aérea da planta, o pesquisador citou, pelo grau de importância, a antracnose, a escoriose e o míldio. A fusariose é uma doença que ataca o sistema radicular da planta. "É uma doença que mata a planta e faz com que a área onde estava implantada a videira fique inutilizada para o plantio", avisou, explicando que esta doença permanece no solo e, até hoje não existem medidas adequadas para seu controle.

Para as doenças da parte aérea, Olavo Sônego citou uma série de procedimentos que podem ser tomados para o seu controle. Começou sugerindo a eliminação dos ramos doentes "e isso pode ser feito por ocasião da poda", o tratamento de inverno com calda sulfocálcica e o controle no início da brotação - início da primavera - com produtos químicos. Mas em qualquer situação, o pesquisador recomendou que o produtor busque, antes de qualquer atitude, a orientação técnica. "São os técnicos da sua cooperativa que vão indicar o tratamento químico mais indicado para a doença", avisou.

Saulo Vasco



Olavo Sônego

Pesquisa & Desenvolvimento AGRÍCOLA

Coordenação do eng. Agr. M. Sc. Luís Volney de Mattos Viau

Cr$ 2,8 bilhões para pesquisa de aveia

O programa de melhoramento genético de aveia conduzido no Sul do Brasil, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade de Passo Fundo e Centro de Treinamento da Cotrijuí, foi contemplado com Cr$ 2,8 bilhões, recursos estes oriundos da Fundação de Amparo à Pesquisa no Rio Grande do Sul-Fapergs e do programa de integração universidade/empresa.

Estes recursos serão aplicados no desenvolvimento de novas cultivares de aveia, com características agronômicas que possibilitem alto rendimento e qualidade de grãos, adaptados às condições subtropicais do Sul do Brasil.

Visa também incrementar e dar velocidade ao programa de multiplicação de sementes genética e básica das linhagens promissoras a fim de permitir, no momento do lançamento de nova cultivar, que o agricultor disponha o mais cedo possível de novas variedades.

Núcleo de agropecuária destina recursos para o CTC

O Programa Regional de Cooperação Científica e Tecnológica - PRCT - tem com objetivo reverter a tendência de estagnação regional e desencadear um processo de otimização das potencialidades através do seu desenvolvimento científico tecnológico. Este programa se desenvolve com base em cinco núcleos estrategicamente localizados. Um deles, o Núcleo de Agropecuária tem sede em Ijuí e está sob a coordenação do Departamento de Estudos Agrários da Unijuí. O Centro de Treinamento da Cotrijuí é parte integrante deste núcleo, dando suporte ao desenvolvimento de pesquisa agropecuária de âmbito regional e à formação dos estudantes do curso de Agronomia, mantido pelo Departamento de Estudos Agrários. Através do Convênio de Acordo de Cooperação Técnico-Científico e Educacional entre Unijuí e Cotrijuí, serão destinados recursos para aquisição de equipamentos para experimentação agrícola.

Convênio com empresas de insumos agrícolas proporciona recursos ao CTC

Convênio firmado entre Cotrijuí com empresas fornecedoras de insumos agrícolas visando repassar ao Centro de Treinamento recursos na ordem de 10.000 dólares. O convênio tem por objetivo difundir a tecnologia disponível em cada empresa para a produção agrícola; auxiliar no desenvolvimento de novos produtos e serviços; adaptar linhas de produtos já existentes para cultivos potenciais; avaliar práticas de manejo no uso de insumos agrícolas; melhorar a produtividade das culturas na área de ação da Cotrijuí; unificar as experiências da Cotrijuí e das empresas e transmití-las a um maior número de agricultores e técnicos e mediar a viabilidade técnico-econômica das tecnologias geradas. Estão participando deste programa as empresas Basf, Ciba-Geigy, Cyanamid, Defensa e ICI.

Participação de empresas nas áreas demonstrativas de milho

O programa envolvendo a participação das empresas fornecedoras de sementes na implantação de lavouras demonstrativas de milho na área de atuação da Cotrijuí proporcionará recursos financeiros na ordem de 6.000 dólares. Estes recursos serão aplicados na implantação das áreas nas propriedades previamente selecionadas em toda a região. Nesta integração participam Agroceres, Braskalb, Cargill, Dinamilho, Ciba Sementes e Pioneer.

Vila Santana realiza a 2ª Festa da Laranja

A comunidade de Vila Santana, de Ijuí, realiza, no período de 16 a 18 de julho próximo, a sua 2ª Festa da Laranja. A programação oficial iniciou em junho, com o lançamento da festa e escolha da rainha e princesas. No dia 16, os eventos iniciam a partir das 13:30 horas com um desfile de carros ornamentados pelas principais avenidas e ruas de Ijuí e uma visita da comissão organizadora, rainha e princesas ao prefeito Wanderley Burmann e a imprensa. A programação do dia encerra com um jantar - feijoada - e show da cantora nativista Deize Nascimento. No dia 17, na Paróquia Sagrado Coração de Jesus acontece a abertura oficial da II Festa da Laranja, com a presença de autoridades municipais e estaduais, entre estes, o secretário de Agricultura e Abastecimento, Carlos Cardinal.

Neste mesmo dia, a partir das 10:30 horas, acontece uma palestra sobre **Microbacias e a Importância da Citricultura no contexto Regional,** sob a responsabilidade da equipe técnica da Cotrijuí e presença do secretário de Agricultura. À noite, a programação encerra com jantar com comidas típicas e baile animado pela Bandinha da Alegria e apresentação do Grupo Folclórico polonês Piast. No dia 18, a programação inicia com uma missa solene na Igreja Sagrado Coração de Jesus - de Vila Santana e encerra com apresentações artísticas e reunião dançante animada pela Bandinha da Alegria.

Congresso debate mudanças climáticas

Mudanças Climáticas e Agricultura. Este é o tema central do VIII Congresso Brasileiro de Agrometeorologia a ser realizado de 27 a 30 de julho no Campus Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. A programação do dia 27 inicia com um painel sobre o tema central do Congresso. À tarde, além da apresentação de trabalhos, a programação tem continuidade com a palestra "A previsão climática global a curto prazo e o estabelecimento de centros aplicativos regionais na América do Sul."

No dia 28, o VIII Congresso Brasileiro de Agrometeorologia prossegue com sessões plenárias, palestras e minicursos. Entre estes, o uso de sensoriamento remoto em agrometeorologia; Relações entre evapotranspiração, balanço de energia e microclima e ambientes parcialmente modificados. A programação do dia 29 começa com palestras sobre Impactos das mudanças climáticas sobre o balanço de carbono e a nutrição nitrogenada de sistemas forrageiros e os Avanços e perspectivas na área de bioclimatologia aplicada à produção agropecuária e controle ambiental, encerrando com minicursos.

O II Fest Leite de Jóia acontece em outubro

Já está marcada a data para a realização do II Festival do Leite de Jóia, uma promoção da Prefeitura Municipal com o apoio da Cotrijuí, Secretaria Municipal de Agricultura, Varig e Emater: 12 de outubro próximo, na Afucotri. A proposta dos organizadores é de promover um evento que fortaleça ainda mais o leite, uma alternativa importante para a economia do município e, em especial para a pequena propriedade rural. Antecedendo ao evento que só acontece em outubro, os organizadores já estão programando seminários sobre Pecuária Leiteira a serem realizados em São Roque, Cará e São Pedro, envolvendo produtores de leite. Paralelo ao II Festival do Leite acontecerá uma exposição de produtos derivados do leite, maquinários - ensiladeiras, enfardadeiras, ordenhadeiras, entre outros - e animais de alto padrão genético, trazidos pela Varig.

NEGÓCIO$

PNEUS

* Vende-se um jogo de pneus semi-novos 12x28, com aro e câmara, para trator MF 55x65. Recebe-se no negócio pneus 12x34 para trator MF. Interessados tratar com Olinto Marangon, Sítio Bindé, Campo Novo.

FUSCA

* Vende-se um Fusca ano 1978, em bom estado de conservação. Motor reformado. Tratar com Juarez Milton Bandeira, na Linha 23, Ajuricaba.

VACAS, ORDENHADEIRA E RESFRIADOR

* Vendem-se vacas holandesas, um resfriador e uma ordenhadeira - venda casada. Interessados na aquisição dos animais e equipamentos tratar com Ildo Mülbeier, em Linha 11 Norte, interior de Ajuricaba.

TERRA

* Vendem-se 3,4 hectares de terra plana, com poço artesiano. Condições de pagamento a tratar. Interessados tratar com Edviges Kaczmareck, no Povoado Santana, interior de Ijuí.

TERRA

* Vendem-se 340 hectares de terra localizados no Posto Mimoso, município de Barreiras, na Bahia. Do total, 50 hectares já estão cultivados e 290 hectares são formados por cerrado leve. A região é bem servida de estradas e a área situa-se a 5 quilômetros de uma escola, a 15 quilômetros de uma unidade cooperativa e a 25 quilômetros de uma usina de calcário. O valor da terra é de 10 sacos de soja por hectare, sendo 20 por cento de entrada e o restante em três anos. Recebe-se ainda no negócio, um caminhão Mercedes ou terra na região - Coronel Bicaco, Campo Novo, Redentora. A documentação da terra está em dia. Interessados no negócio, poderão entrar em contato com Olindo Marangon, em Sítio Bindé, Campo Novo, Rio Grande do Sul.

ACONTECIMENTOS de julho

DEMONSTRAÇÕES TÉCNICAS

* **Plano Forrageiro Anual-Manejo da Terneira** - a ser realizado na propriedade de Nelson Guerin, localizada na Linha 27, em Ajuricaba, dia 12, a partir das 14:00 horas. A coordenação técnica do evento é de Elton Lohmann e José Kanaan, com o apoio do representante João Lenz.

* **Máquinas colhedoras de Forragens** - em Ijuí, no Parque de Exposições Assis Brasil, dia 17, a partir das 14:00 horas. Com a coordenação técnica de Jair da Silva Mello, o evento é destinado a associados, agricultores e técnicos.

CURSOS

* **Cooperativismo e Diversificação Agropecuária** - a ser realizado no Centro de Treinamento da Cotrijuí no período de 12 a 16, destinado a jovens agricultores de Ijuí. A coordenação técnica é de Noemi Huth e Cesar Sartori.

* **Milho** - a ser realizado no Centro de Treinamento da Cotrijuí nos dias 13 e 14, a partir das 8:30 horas. Destinado a técnicos, o curso tem a coordenação técnica de Luiz Volney Viau, Roberto Carbonera e Francisco T. Pereira.

* **Medicina Preventiva** - a ser realizado na localidade de Salto, interior de Ijuí, no dia 19, às 14:00 horas. A coordenação técnica é de Francisco Traesel com o apoio dos representantes Euclides Gabbi, Antoninho Vilani e Lourenço Franciscon. Palestrante: Ivone Süffert.

* **Pecuária Leiteira - Convênio CTC/CCGL** - a ser realizado no Centro de Treinamento da Cotrijuí no período de 19 a 23. Destinado a produtores de leite do sistema CCGL, o curso tem a coordenação de Jair da Silva Mello.

* **Medicina Preventiva** - na localidade de Chorão, interior de Ijuí, dia 27, a partir das 14:00 horas. O curso é destinado a associados, produtores de leite e familiares e tem a coordenação técnica de Francisco Traesel e Noemi Huth com apoio dos representantes Cezar Garzela e Arnildo Heck. Palestrante: Ivone Süffert.

* **Medicina Preventiva** - em Coronel Barros, dia 21, a partir das 14:00 horas. A coordenação técnica é de Francisco Traesel e Noemi Huth com o apoio dos representantes Valdir Wilde e Valdir Bonemann.

* **Milho** - curso a ser realizado em Santo Augusto, no dia 21, a partir das 9:00 horas. A coordenação técnica é de Luiz Volney Viau, Roberto Carbonera e Francisco T. Pereira.

* **Pecuária Leiteira** - destinado a produtores de leite, este curso acontece nos dias 21 e 22 no Salão Comunitário de Ponte Ijuizinho, Augusto Pestana. A coordenação técnica é de Valdir Goergen com o apoio do representante Egon Heuser.

* **Medicina Preventiva** - esse curso acontece em Rincão do Tigre no dia 22, a partir das 14:00 horas. Além da coordenação técnica de Francisco Traesel e Noemi Huth, o curso leva ainda o apoio do representante Volmar Luiz Martins.

* **Milho** - para agricultores de Tenente Portela, este curso acontece na Afucotri, no dia 22, a partir das 9:00 horas.

* **Uso da Informática na Agropecuária** - a ser realizada na Afucotri de Chiapetta no dia 29, às 14:00 horas. Destinado a associados e técnicos, o curso tem a coordenação de Marcos Luiz Tissot com o apoio do representante Hédio Antônio Weber.

* **Adubação e Controle de Doenças em Citrus** - na Afucotri de Augusto Pestana, dia 29, a partir das 14:00 horas. A coordenação técnica é de Alberto Rossetto e o curso destina-se a citricultores e associados interessados no assunto.

REUNIÃO TÉCNICA

* **Produção de Feno** - a ser realizada no dia 13, às 19:00 horas na sede da Unidade de Chiapetta. A reunião leva o apoio do representante Adroaldo Estopilha.

* **Instalações Rurais** - a ser realizada na Afucotri de Ajuricaba no dia 21, a partir das 14:00 horas. Coordenada por José Kanaan com o apoio do representante Otávio Pretto, a reunião pretende atingir produtores e associados.

SEMINÁRIO DISTRITAL

* **Culturas de Verão** - a ser realizado no dia 16, a partir das 9:00 horas, na Afucotri de Tenente Portela. A coordenação é de Gelson Corrêa.

* **Mercosul - Tendências de Mercado para a produção no Mundo** - Na Afucotri de Augusto Pestana, dia 23, às 14:00 horas. A coordenação técnica é de Nelson Thesing.

PALESTRA

* **Mineralização de Bovinos de Leite** - a ser realizada no Centro de Treinamento da Cotrijuí, dia 14, às 14 horas. Destinada a técnicos, a palestra será coordenada por Otaliz de Vargas Montardo.

FEIRA

* **II Mostra da Terneira e Novilhas Leiteiras da Cotrijuí** - coordenada por Otaliz de Vargas Montardo, a Feira da Terneira e Novilhas dos Associados da Cotrijuí acontece nos dias 16, 17 e 18, no Parque de Exposições Assis Brasil de Ijuí.

LUÍS JULIANI
Economia Rural
Divisão Agrotécnica

QUANTO VALE O SEU PRODUTO

PRODUTO	BASE DE COMPARAÇÃO	MÉDIA DOS ÚLTIMOS 11 ANOS	JAN	FEV	MAR	ABRIL	MAIO	JUNHO
Quantas sacas são necessárias para adquirir:								
FEIJÃO	01 t. de calcário	0,4	0,9	0,9	0,8	0,9	1,0	0,9
	01 t. de superfosfato triplo	4,7	-	-	6,5	6,0	6,1	5,8
	01 t. de adubo (1)	12,6	10,0	10,0	8,3	8,1	8,5	8,2
	01 t. de uréia (1)	15,1	12,3	11,5	9,7	9,8	9,6	8,9
MILHO	01 automotriz	7.354,0	9.500	9.964	10.478	8.583	9.125	8.988
	01 trator médio	3.740,0	5.978	6.864	7.101	5.156	6.117	5.976
	01 t. de uréia	45,9	35,0	36,7	35,3	32,5	31,0	28,9
	01 t. de superfosfato triplo	26,8	33,5	35,0	35,2	32,5	31,2	30,2
	01 t. de calcário	2,9	2,5	2,8	3,0	3,1	3,3	3,2
	01 saca de soja	1,7	1,7	1,9	1,6	1,7	1,6	1,6
	01 t. de adubo	32,4	28,5	30,1	29,9	27,9	27,4	26,5
	100 litros de diesel	4,1	4,5	5,0	5,3	5,1	5,1	5,2
	20 kg de semente (1)	6,7	-	-	-	-	7,3	6,0
	01 litro de herbicida	-	0,9	1,0	1,1	1,1	1,0	0,9
SOJA	01 automotriz	4.364,0	5.397	5.289	6.195	5.178	5.610	5.311
	01 trator médio	2.292,0	3.397	3.633	4.199	3.110	3.760	3.532
	01 ton. de calcário	1,4	1,4	1,5	1,8	1,9	2,0	2,0
	01 ton. superfosfato triplo (1)	24,1	19,0	18,3	20,6	19,6	19,1	18,5
	50 kg de semente	1,2	-	-	-	-	1,3	1,2
	100 litros de diesel	2,5	2,6	2,7	3,1	3,1	3,2	3,1
	01 ton. de adubo	19,4	15,7	15,5	17,0	16,1	15,9	15,4
	01 litro de herbicida	-	2,6	2,7	3,1	3,1	3,0	2,9
TRIGO	01 automotriz	5.149,0	8.473	7.852	7.932	6.340	7.193	7.557
	01 trator médio	2.865,0	5.331	5.393	5.376	3.808	4.823	5.025
	01 ton. de uréia	22,0	31,2	27,0	26,7	24,0	23,7	23,3
	01 ton. de calcário	1,7	2,2	2,2	2,3	2,3	2,5	2,6
	100 litros de diesel	2,5	4,0	4,0	4,0	3,7	4,1	4,4
	01 ton. de adubo	21,0	25,4	21,3	22,6	20,0	21,0	21,4
	01 litro de fungicida	-	5,7	5,5	5,7	5,4	5,8	6,1
	50 kg de semente	-	-	-	1,9	1,9	1,7	1,6
Quantos litros são necessários para adquirir:								
LEITE	01 saca de milho	30,1	37,3	31,7	25,8	25,6	26,2	27,1
	01 saca de soja	50,3	63,3	59,3	47,6	46,5	42,9	44,3
	01 kg de bovino	3,1	3,7	3,4	3,0	3,2	3,1	2,8
	01 ton. de uréia	1.382,0	1.400	1.211	959	912	813	783
	01 ton. de superfosfato triplo (1)	2.267,0	1.340	1.111	957	912	820	819
	100 litros de diesel	119,0	180	171	144	142	150	154
	01 ordenhadeira (1)	8.583,0	-	8.500	8.500	8.500	8.500	8.950
	01 resfriador (1)	4.108,0	-	4.550	4.550	4.550	4.550	4.550
	01 kg de farelo de soja	1,1	1,4	1,4	1,0	1,1	1,0	0,8
Quanto se adquire com 1 kg. de suíno:								
SUÍNO	kg. de milho	6,8	7,3	7,7	7,9	7,3	6,1	6,8
	kg de soja	4,7	4,3	4,1	4,4	4,3	3,8	4,0
	litros de leite	3,8	4,5	5,3	3,4	3,1	2,7	2,9
	kg. de bovino	1,0	1,2	1,3	1,2	1,0	1,2	1,1
	kg. de concentrado	2,7	2,4	2,9	2,8	2,9	2,6	3,0
	kg de ração crescimento	3,7	3,8	4,6	4,8	4,8	3,9	4,8
	kg. de ração terminação	4,0	4,0	4,9	5,2	5,2	4,3	5,0
	kg de farelo de soja (1)	2,9	3,5	3,1	3,4	3,3	2,7	3,8

(1) MÉDIA DE UM ANO

Fonte: DIVISÃO AGROTÉCNICA/ECONOMIA RURAL

Em junho do ano passado, o preço de uma automotriz correspondia a 5.173 sacos de soja. Neste ano, usando ainda o mês de junho como referência, o preço da mesma automotriz corresponde a 5.311 sacos de soja. Para quem ainda não tinha feito as contas, esta mesma automotriz está custando, um ano depois, 138 sacos se soja mais caro. Um outro raciocínio que pode ser desenvolvido compara os preços desse maquinário praticado em maio com o de junho deste ano. Quem comprou uma automotriz em junho, ganhou dinheiro, pois economizou 299 sacos de soja ou 3.043 dólares. No caso do trator, a economia foi de 228 sacos de soja ou 2.321 dólares.

Na variação de preços dos principais produtos, a soja foi que apresentou o maior índice de reajuste, ficando 23 por cento acima do IGP-M, isso usando como parâmetro os meses de abril a junho. Depois da soja veio o milho, seguido pelo leite.

PREÇOS MÍNIMOS SAFRA 1992/1993 - EM Cr$

PRODUTO	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho
Arroz							
Irrigado	123.397,90	187.703,4	237.257,2	289.492,80	318.939,00	410.510,50	533.862,00
Sequeiro	90.760,50	138.057,60	174.504,60	219.544,80	281.499,60	362.233,80	471.193,20
Milho	77.863,80	98.700,60	124.756,80	156.957,00	201.249,60	258.967,80	336.865,80
Soja	100.183,50	126.993,00	160.518,60	201.498,60	258.938,60	333.201,60	433.428,60
Feijão	307.591,20	389.902,80	492.837,40	620.038,20	715.810,80	920.718,60	197.670,80
Trigo	112.121,10	142.125,00	179.645,40	-	-	351.121,80	456.739,20
Triticale	-	-	-	-	-	316.009,80	411.065,40

Fonte: CONAB/COTRIJUÍ

Elaboração: DIVISÃO AGROTÉCNICA/ECONOMIA RURAL

VARIAÇÃO DOS PREÇOS COMPARADOS COM INDICADORES ECONÔMICOS

PRODUTO	VARIAÇÃO NO MÊS %			
	Abri	Maio	Junho	Acumulado
SOJA	33,19	35,28	36,84	146,55
MILHO	35,07	37,88	31,52	144,93
TRIGO	30,81	29,20	23,30	108,38
SUÍNO	12,64	19,51	67,35	125,27
BOVINO	28,21	25,00	28,12	105,00
LEITE	33,33	30,68	30,68	130,00
IGP-M (FGV)	28,23	29,70	31,49	118,00
INPC (IBGE)	28,37-	26,78-		
DÓLAR	28,45	29,23	28,69	112,00
POUPANÇA	27,56	31,59	30,73	120,00
TR	28,22-	28,68-	30,04	115,00

EVOLUÇÃO DOS PREÇOS AGRÍCOLAS

ANO	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
1 - SOJA US$/SACA												
MÉDIA 13 ANOS	10,71	10,35	10,57	10,68	11,89	10,76	10,53	11,04	11,27	11,37	11,02	11,15
1992	10,11	9,50	9,24	8,72	9,12	10,10	9,79	10,19	11,58	11,31	10,90	11,58
1993	11,27	11,10	10,01	9,52	9,87	10,18						
Preço e dólar médio do mês												
2 - MILHO US$/SACA												
MÉDIA 13 ANOS	6,60	6,23	6,16	6,27	6,33	6,18	6,23	6,24	6,50	6,68	6,95	6,71
1992	5,62	4,72	4,23	-	5,43	5,43	5,84	5,95	6,43	6,17	6,70	6,28
1993	6,64	5,94	5,54	5,55	6,03	6,23						
Preço dólar médio do mês												
3 - TRIGO US$/SACA												
MÉDIA 13 ANOS	10,80	10,01	-	12,10	12,08	11,85	12,06	10,95	11,54	11,43	11,25	11,11
1992	-	-	7,97	7,88	8,04	8,07	9,55	8,14	8,10	8,13	8,11	8,68
1993	7,98	8,07	8,12	7,67	7,88	7,72						
Preço e dólar médio do mês												
4 - SUÍNOS US$/KG												
MÉDIA 13 ANOS	0,70	0,73	0,77	0,72	0,75	0,81	0,73	0,72	0,70	0,71	0,66	0,71
1992	0,54	0,58	0,53	0,52	0,51	0,56	0,55	0,57	0,60	0,59	0,59	0,82
1993	0,81	0,76	0,73	0,68	0,62	0,68						
Preço e dólar médio do mês												
5 - BOVINOS US$/KG												
MÉDIA 13 ANOS	0,66	0,61	0,61	0,59	0,60	0,64	0,70	0,75	0,76	0,75	0,67	0,74
1992	0,57	0,51	0,46	0,47	0,60	0,56	0,79	-	0,79	0,66	0,61	0,74
1993	0,66	0,69	0,63	0,70	0,70	0,65						
Preço e dólar médio do mês												
6 - LEITE US$/LITRO (1)												
MÉDIA 13 ANOS	0,23	0,22	0,22	0,24	0,27	0,22	0,21	0,22	0,20	0,21	0,19	0,19
1992	0,18	0,18	0,19	0,18	0,21	0,20	0,18	0,17	0,16	0,18	0,18	0,18
1993	0,18	0,18	0,21	0,22	0,23	0,23						
Preço e dólar médio do mês - (1) Não está incluído o leite extra cota												
Fonte: DIVISÃO AGROTÉCNICA/COMERCIALIZAÇÃO - Elaboração: ECONOMIA RURAL												

ÍNDICES ECONÔMICOS 1993

ÍNDICES	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho
INPC-IBGE	28,77	24,49	27,58	28,37	28,78	
IGP-M FGV	25,83	28,42	26,25	28,83	29,70	
IGP - FGV	28,73	26,51	27,81	28,21	32,27	
TR	26,76	26,40	25,81	28,22	28,68	30,04
UFIR Cr$	7.412,55	9.597,03	12.161,36	15.318,45	19.506,5	25.126,35
POUPANÇA*	27,39	30,11	26,43	27,56	31,59	30,73
DÓLAR Cr$						
ÚLTIMO/MÊS	15.721,0	19.858,0	25.121,0	32.268,0	41.699,5	
MÉDIA MENSAL	14.044,7	17.868,5	22.469,1	28.728,8	36.804,7	
Fonte: SUMA ECONÔMICA e COTRIJUÍ						
DÓLAR COMERCIAL						

O preço da soja praticados em junho se equiparou com a média alcançada em 1992, que foi de 10,18 dólares. Ele também ficou parecido com o preço alcançado em junho do ano passado, que foi 10,10 dólares. Mas perdeu para média alcançada nos seis primeiros meses deste ano, ficando atrás dos preços praticados em janeiro e fevereiro, quando a média chegou a 11,19 dólares. O caso do milho já é um pouco diferente. O preço alcançado em junho ficou acima da média registrada em 1992. Se comparado com o preço praticado em junho do ano passado, a média de junho deste ano foi de 15 por cento superior.

A SALVAÇÃO DA TERRA...

MICROBACIAS

A SALVAÇÃO DO HOMEM.

As águas que "rolam" da sua lavoura, carregam com elas, fertilizantes e agrotóxicos, poluindo o meio ambiente, especialmente rios, lagos e açudes. Envenenam os peixes, as aves, os insetos, e outros animais, todos importantes para manter o equilíbrio natural. Estas águas desperdiçam o seu "suor" e o combustível gasto no preparo do solo e nas práticas culturais, e o que é mais importante, o SOLO FÉRTIL DE SUA LAVOURA.

ASSOCIE-SE E FAÇA A CONSERVAÇÃO DO SOLO DE FORMA COMUNITÁRIA E INTEGRADA. VOCÊ É RESPONSÁVEL. O FUTURO DA TERRA DEPENDE DE VOCÊ. A MICROBACIA É A SALVAÇÃO DA TERRA E DO HOMEM.

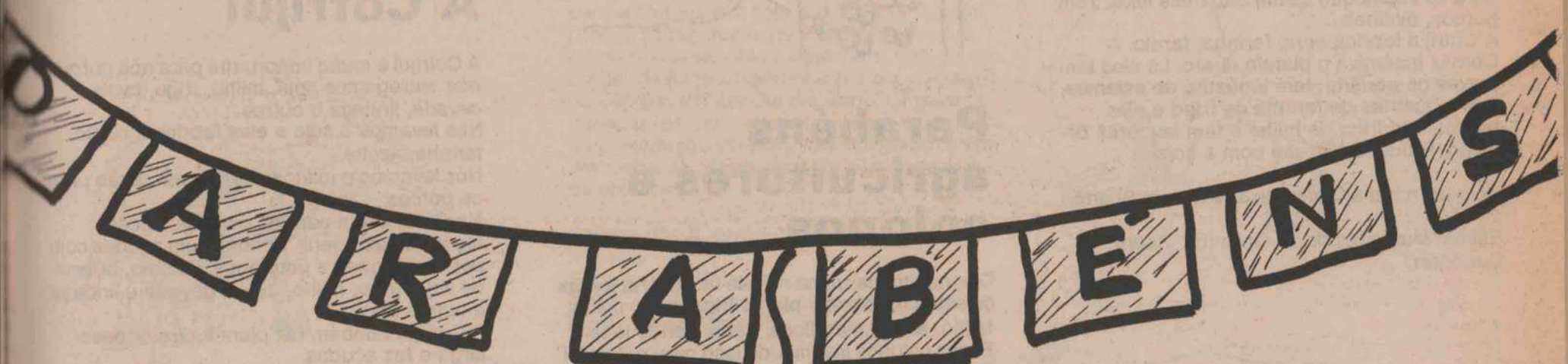
Parceiros:

Municípios: São Valério do Sul, Vista Gaúcha, Barra do Guarita, Erval Seco, Coronel Barros, Tenente Portela, Derrubadas, Redentora, Miraguaí, Dois Irmãos das Missões, Inhacorá, Augusto Pestana, Chiapetta, Braga, Ajuricaba, Jóia, Coronel Bicaco, Santo Augusto e Ijuí.

COTRIJUI - S.A.A. EMATER - RS

SUPLEMENTO INFANTIL - ELABORADO NA ESCOLA DE 1º E 2º GRAUS
FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE/UNIJUÍ

Elaboração:
Rosane Nunes Becker
Montagem:
Z Comunicação



O Cotrisol é feito de você, para milhares de pessoas que sistematicamente acompanham nosso jornal.

Continue colaborando com textos, sugestões, desenhos e brincadeiras. Sua participação é muito importante.

A Cooperativa

A Cooperativa foi fundada em 20 de julho de 1957, e neste ano completará 36 anos de existência.
A idéia do cooperativismo surgiu a partir de 20 produtores e se expandiu a contar hoje com dez mil associados ativos.
E é juntos com estes associados, que a Cotrijuí procura desenvolver um programa com novas atividades, buscando integrá-los com o mercado cada vez mais competitivo e assim lhes oferecer melhores e maiores condições de sustentação no meio rural.
Para isso, a Cooperativa proporciona treinamentos e cursos específicos a associados e familiares, em visitas, dias de campo, experiências junto ao CTC (Centro de Treinamento da Cotrijuí).
Ano a ano, a Cooperativa vem insistindo para que os seus associados se aperfeiçoem mais, empreguem uma tecnologia nas atividades que desenvolvem em suas propriedades como: pecuária leiteira com silagem e inseminação artificial; suinocultura com os condomínios rurais; diversificação na plantação de produtos agrícolas, dando atenção especial a conservação do solo através de microbacias hidrográficas e reflorestamento.
Com tudo isso, a Cooperativa quer oferecer aos seus associados, um nível de vida melhor no meio rural, e fazer com que ele seja mais valorizado dentro das suas atividades sem deixar de se integrar, com o processo de modernização, que passa a agricultura e também as demais atividades no país.

Texto coletivamente elaborado:
- Ederson L. Schünemann
- Alexandre Schneider
- Juliane Haupt
4ª série
Escola Estadual de 1º Grau Inc. Dr. Pestana
Rincão dos Müller - Augusto Pestana

A Cotrijuí

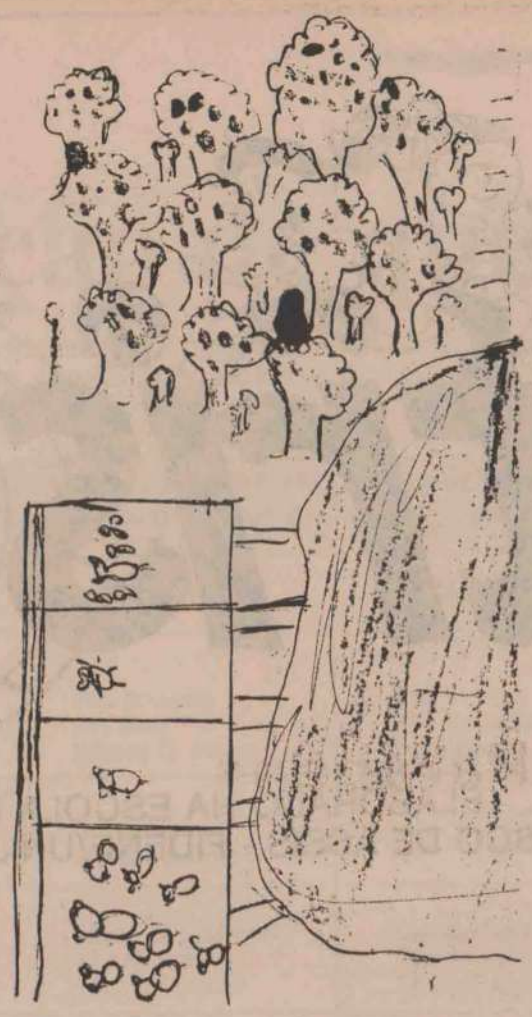
A Cotrijuí está fazendo trinta e seis anos.
A Cotrijuí tem várias indústrias como: indústrias de farinha de milho, de ração, salame, linguiça, azeite e tem vários açudes. A Cotrijuí é importante para os agricultores, porque ela comercializa os produtos que os agricultores descarregam lá, e também tem lavouras de frutas e verduras e legumes.
A Cotrijuí tem convênio com a CCGL e a CCGL comercializa leite.
A Cotrijuí cria animais como: ovelha, porco, vaca, peixe.

Geder Venicios Contri - 4ª série
Lucas Fernando Contri

A Cotrijuí

Na Cotrijuí se produz leite e tem pastagens para as vacas que assim dão mais leite. Tem porcos, ovelhas...
A Cotrijuí fabrica erva, farinha, farelo. A Cotrijuí incentiva o plantio direto. Lá eles têm peixes no aquário, tem indústria de salames, tem indústrias de farinha de trigo e eles fabricam farinha de milho e tem lavouras de milho. Produzem azeite com a soja.

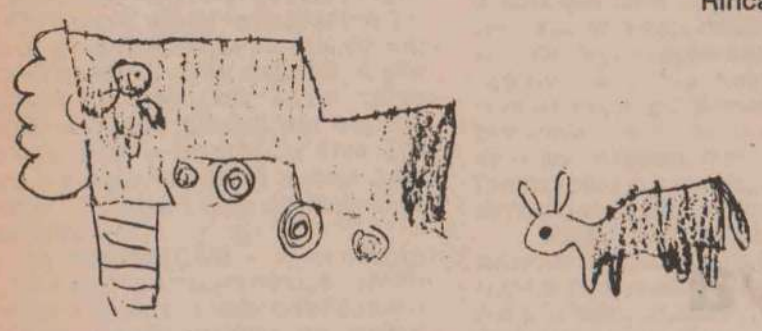
Daiane Froner e Gleferson João Funck Scarton
2ª série
Escola Municipal de 1º Grau Inc. Padre Burmann



Parabéns agricultores e colonos

O agricultor capricha no que faz. Ele faz essas coisas: cria peixes, planta trigo, soja, milho, feijão, arroz, mandioca, cana, vende leite. Esses colonos levam tudo isso para a Cotrijuí. Quando a Cotrijuí chama os agricultores,eles estão prontos para fazer um trabalho. Os agricultores têm que levar os tarros bem limpos porque os da Cotrijuí levam mais de 100 milhões de prejuízo. A minha família cria tudo que produto, para levar na Cotrijuí.

Adriana Elena Hech
2ª série
Escola João Ramalho
Rincão do Progresso - Augusto Pestana



A Cotrijuí melhorando Augusto Pestana

A Cotrijuí é uma cooperativa que dá para levar o leite, a soja, o trigo, o milho a aveia e também laranjas e bargamotas. Tudo isso a Cotrijuí compra e vende.
* A Cotrijuí vende o leite para a CCGL
* A Cotrijuí vai fazer 36 anos no dia 20 de julho
* A Cotrijuí tem criação de peixe de toda a espécie e de gado.
* O colono vende o leite para a Cotrijuí
* O colono é associado na Cotrijuí
* O agricultor faz parte da Cotrijuí porque é um participante
* A Cotrijuí tem criação de porcos.

Pedro de Metrio da Cruz
3ª série
Escola João Ramalho
Rincão do Progresso - Augusto Pestana

A Cotrijuí

A Cotrijuí é muito importante para nós porque nós entregamos soja, milho, trigo, aveia, cevada, linhaça e outros.
Nós levamos a soja e eles fabricam ração, farinha, azeite.
Nós levamos o milho e eles fazem ração para os porcos.
Na Cotrijuí tem porcos, ovelhas, vacas, algumas pastagens, também tem açudes com peixes grandes e pequenos, salame, bolsas de soja, trigo, milho, aveia, cevada e linhaça e outros tipos.
A Cotrijuí também faz plantio direto, base larga e faz açudes.
A Cotrijuí tem convênio com a CCGL e recebe o leite dos produtores.

Daniel José Froner da Cruz - 4ª série
Dionéia Cristina Froner - 3ª série

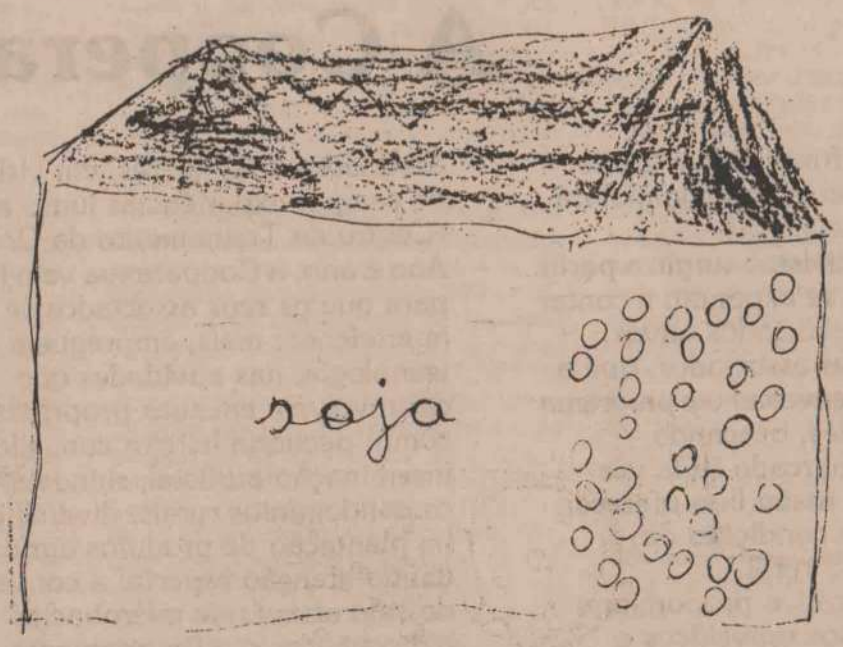
O agricultor leva o produto.
A Cotrijuí cria peixes.
Minha família vende leite.
A Cotrijuí ajuda o agricultor.

Ângela Elisa Heck - 1ª série
Escola João Ramalho
Rincão do Progresso - Augusto Pestana

A Cotrijuí

Na Cotrijuí dá para levar soja, milho, trigo e porcos. Na Cotrijuí tem ovelhas, vacas e peixes.
Na Cotrijuí tem pasto e tem armazém de soja.
A Cotrijuí faz farinha e erva. As vacas fornecem bastante leite porque tem bastante pasto.
A Cotrijuí cria animais como: peixes, vacas, ovelhas, porcos, galinhas, etc.
Ela produz frutas e verduras.

Jaciane Maria Strada
Angela Denise Umam
Escola Municipal de 1º Grau Inc. Padre Burmann



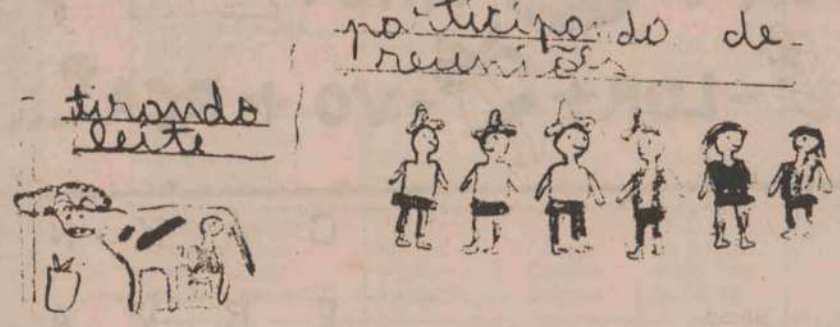
O colono vende para a Cotrijuí para o progresso do município.
A Cotrijuí cria peixes de todas as espécies.
O produto é levado para o silo e depois para Rio Grande.
A Cotrijuí recolhe o leite e leva a CCGL.

Giovani dos Anjos Alves - 4ª série
Escola João Ramalho
Rincão do Progresso - Augusto Pestana

Obrigado por isto

A Cotrijuí está melhorando a agricultura.
O homem já escolheu um lugar certo para a soja e o leite.
O agricultor faz parte da Cotrijuí.
A Cotrijuí comemora 36 anos de idade no dia 20 de julho.
A Cotrijuí tem todas as espécies de peixes.

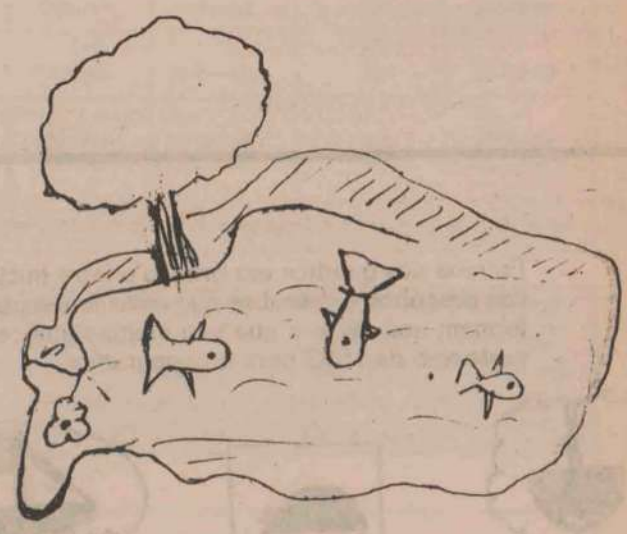
Jussie de Souza - 3ª série
Escola João Ramalho
Rincão do Progresso - Augusto Pestana

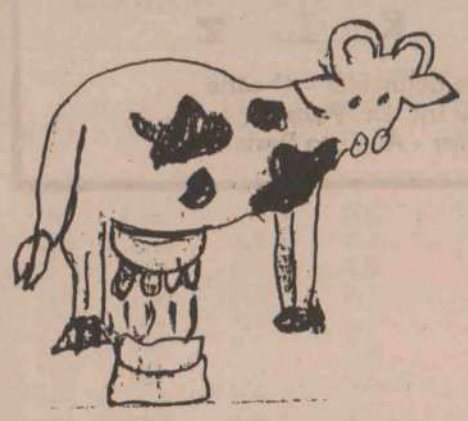


Parabéns Cotrijuí

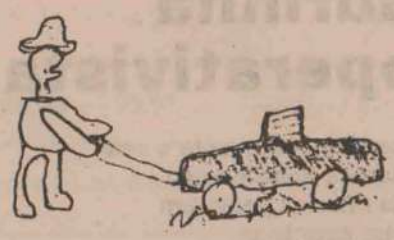
A Cotrijuí ajuda o colono, o colono leva o leite para a Cotrijuí e o soja e o trigo. A Cotrijuí produz frutas gostosas e também produz repolho, rúcula, alface, beterraba, cebola, etc. Dia 20 de julho comemoramos o aniversário da Cotrijuí; vai ser um dia especial para os agricultores, pois eles dependem muito dela na preparação do solo, nas colheitas, enfim em todas as partes ela está presente com os colonos.

Juliana dos A. Alves.
3ª série
Escola João Ramalho
Rincão do Progresso - Augusto Pestana
Profª: Tânia Göergem



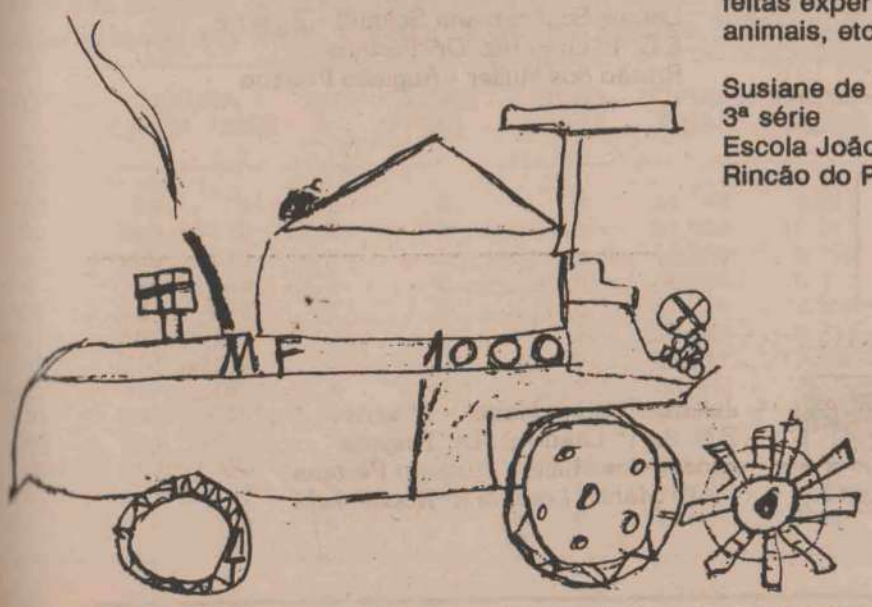


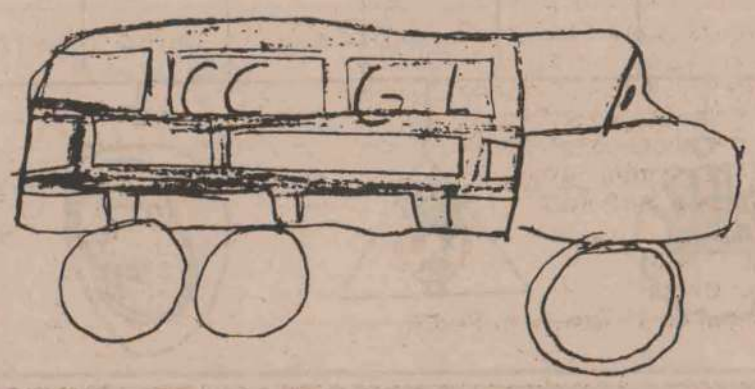
Presente agricultor



A Cotrijuí é um lugar onde podemos levar leite, soja, milho, etc.
Lá na Cotrijuí eles aceitam até frutas e legumes.
Os agricultores são sócios da Cotrijuí.
Dia 20 de julho a Cotrijuí está comemorando 36 anos.
Na Cotrijuí tem todos os tipos de peixes e gado.
Ela ajuda, orienta na produção, nas plantações para que o agricultor possa ter um bom rendimento; para isso ele deve buscar conhecimentos e participar de encontros e reuniões da Cotrijuí.
No CTC eles fazem treinamentos com agricultores para ajudar o agricultor; lá são feitas experiências com solos, plantas, animais, etc.

Susiane de Souza
3ª série
Escola João Ramalho
Rincão do Progresso - Augusto Pestana





Decifre o slogan enigmático da Cotrijuí

"A - VA + NHO+ -P+ -CA

+Z+A+ -LOR+ -VO + RÇA"...

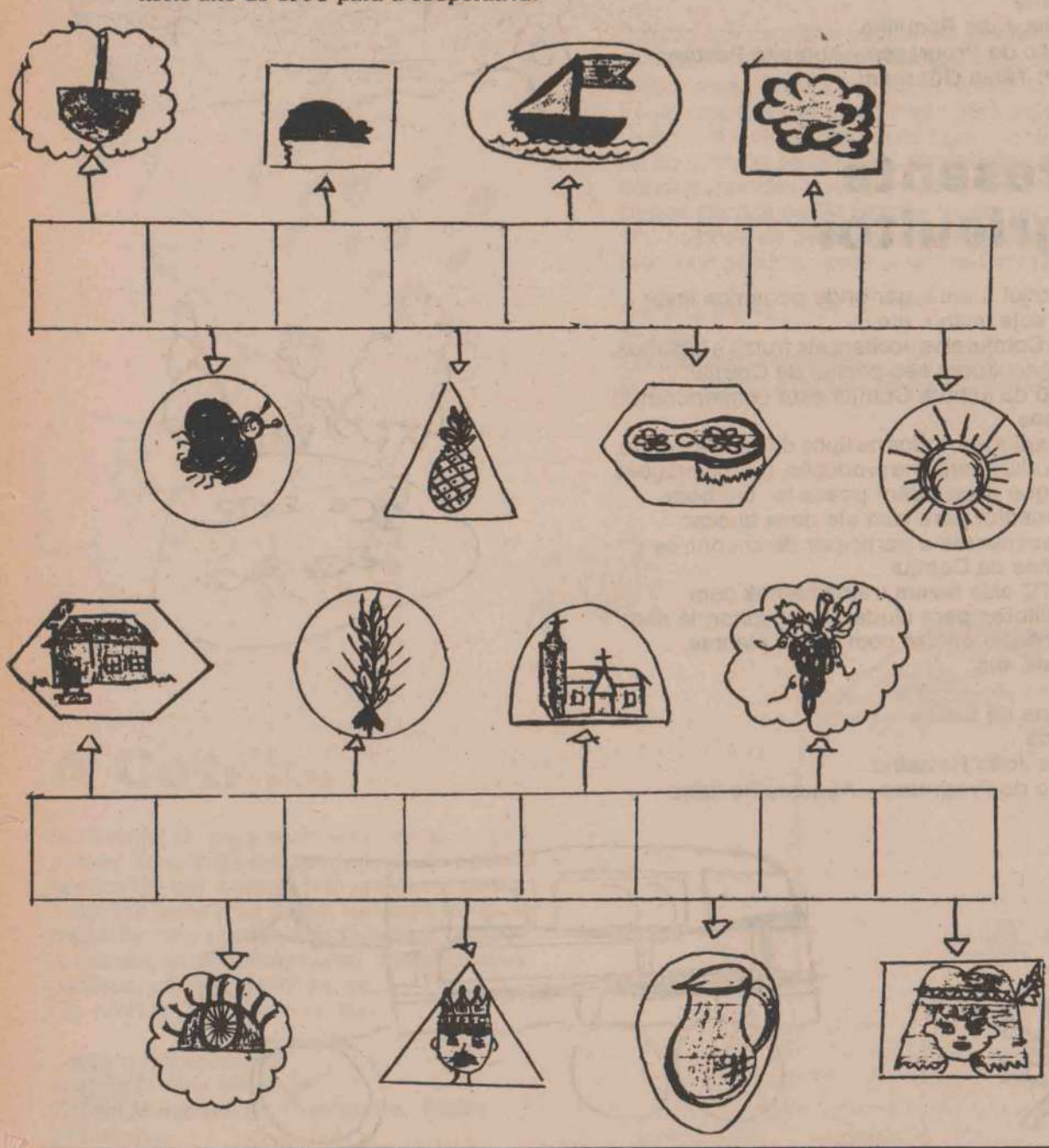
Jeferson Haupt - 2ª série
E.E. de 1º Grau Inc. Dr. Pestana
Rincão dos Müller - Augusto Pestana

Procure no caça-palavras, alguns produtos onde a marca COTRIJUÍ se faz presente

C	A	H	N	I	R	A	F	I	N	P
E	R	V	A	M	A	T	E	Z	M	Q
R	S	Z	X	H	Ç	N	J	V	O	G
E	K	M	R	S	A	H	Y	P	F	T
A	P	Q	X	A	O	X	O	R	F	U
I	O	L	E	O	D	E	S	O	J	A
S	E	M	E	N	T	E	S	K	I	Z

Alexandra Luiza Schneider - 4ª série
E.E. de 1º Grau Inc. Dr. Pestana
Rincão dos Müller - Augusto Pestana

Escreva nos quadros em branco a letra inicial dos desenhos e descubra que estas letras juntas formam uma frase e que tem muito significado neste ano de 1993 para a cooperativa.



Quadrinha Cooperativista

"Mil novecentos e cinquenta e sete
No dia vinde de julho nasceu
trinta e seis anos se passaram
Quanta coisa aconteceu
Quanto se ganhou e se perdeu
Em experiências e amizades
Destaque em cooperativismo
Por trabalho e lealdade..."

Daiane Schünemann Schmitt - 2ª série
E.E. 1º Grau Inc. Dr. Pestana
Rincão dos Müller - Augusto Pestana

Juliane Cristina Mattes - 2ª série
E.E. de 1º Grau Inc. Dr. Pestana
Rincão dos Müller - Augusto Pestana
Profª: Márcia Loraine E. Rochenkahl